

Mais de 1 milhão de livros vendidos no Brasil

ALI HAZELWOOD

AUTORA DE *A HIPÓTESE DO AMOR*

JOGO DE AMOR PARA DOIS





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

**JOGO DE
AMOR
PARA DOIS**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ALI HAZELWOOD

Traduzido por Carolina Rodrigues

JOGO DE AMOR PARA DOIS



Título original: *Two Can Play*

Copyright © 2024 por Ali Hazelwood
Copyright do capítulo bônus © 2026 por Ali Hazelwood
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente pela Spotify Audiobooks.
Direitos de tradução acordados com Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna
Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Caroline Bigaiski
revisão: Ana Grillo e Carolina Vaz
diagramação: Valéria Teixeira
capa: adaptada do design original de Jessica Dugan
imagem de capa: lilithsaur
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
foto da autora: © Katie Warren
e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H337j

Hazelwood, Ali, 1989-

Jogo de amor para dois [recurso eletrônico] / Ali Hazelwood ; tradução Carolina Rodrigues. -

1. ed. - São Paulo [SP] : Arqueiro, 2026.

recurso digital

Tradução de: *Two can play*

Formato: ebook

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-953-5 (recurso eletrônico)

1. Romance italiano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Carolina. II. Título.

25-102506.0

CDD: 853
CDU: 82-31(450)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Arqueiro](#)

Capítulo 1



– Vamos começar pela boa notícia – diz Mike, e na mesma hora agarro a borda da mesa de reunião para me preparar.

É a combinação específica de palavras – *começar* e *boa* – que aciona meu instinto de lutar ou fugir. Implica que vai haver um *fim*, que, logicamente, vai ser *ruim*. Não quero ouvir uma má notícia do CEO do estúdio independente de videogame onde trabalho. Minha mente, em geral propensa a desconfiança e pensamentos em excesso, não consegue deixar de criar cenários catastróficos.

Queda nas vendas. Falência iminente. Demissões em massa.

Nas ruas, lixeiras pegam fogo.

– *Você sempre pode voltar pra casa. Fica comigo por algumas semanas enquanto se reergue e procura um emprego de verdade.*

A voz da minha mãe soa alta e clara na minha cabeça, provavelmente porque o Dia de Ação de Graças foi semana passada e ela teve várias chances de reapresentar seus argumentos durante o jantar de cinco horas.

– *Viola, como você pode acreditar que design de jogos vai pagar suas contas a longo prazo?*

Ainda assim, quando observo a sala de reunião, o restante da equipe principal irradia empolgação, *muita* empolgação, e nada de pânico. Isso ameniza minha vontade de fugir e de lutar. Estou sendo paranoica demais. A FlyButter Studios está indo bem. Muito bem, na verdade. Seis meses atrás, lançamos nosso jogo de maior sucesso até o momento, que vendeu milhões de cópias. Eu estava entre os principais designers. Meu emprego está mais garantido do que nunca.

Isso para não falar que uma grande distribuidora de videogame dos Estados

Unidos acabou de solicitar que enviássemos uma proposta para...

– A StarPlay respondeu sobre aquelas nossas ideias pro jogo *Limerência 3* – continua Mike.

Seus olhos percorrem toda a mesa e param em mim. Faz sentido, já que sou a responsável pelo projeto. Porém, não sou muito fã dessa pausa dramática de três segundos, em que passo empoleirada na beira do assento, ponderando se devo esganar meu chefe.

Até que ele continua:

– E eles acham que somos as pessoas certas pra desenvolver o jogo.

De repente, a sala de reunião vira o Coachella. O time principal da FlyButter é pequeno – somos menos de dez pessoas –, mas sabemos fazer um barulho danado quando há algo para comemorar. Há aplausos e assobios. Um dos nossos programadores se levanta e faz uma dancinha. É um momento raro de alegria em uma indústria que quase sempre se resume a bebidas energéticas consumidas tarde da noite e choros diante de teclados ergonômicos.

– Não preciso lembrar a vocês que a franquia *Limerência* é a maior sensação do momento – acrescenta Mike quando a comemoração amansa. – E que a StarPlay estava conversando com vários outros estúdios. Então a gente ter conseguido impressionar os caras com o nosso trabalho diz muito sobre o talento de vocês.

Meu olhar encontra o de Ethan. Como eu, ele é designer de jogos, e nós dois somos bem amigos desde o primeiro ano de faculdade, quando quase fomos reprovados numa matéria de engenharia de software porque estávamos ocupados demais... falando sobre videogame, na maior parte do tempo.

Ele sabe, melhor do que ninguém nesta sala, que os livros da saga *Limerência* eram meus favoritos quando eu era mais nova. Algumas das minhas lembranças mais queridas são de meu pai lendo os livros em voz alta e apontando para as ilustrações em preto e branco das primeiras edições – e, quase duas décadas mais tarde, quando a visão dele ficou prejudicada, eu fazendo o mesmo por ele. Quando Ethan e eu ouvimos falar que a StarPlay, a distribuidora detentora dos direitos de licenciamento, estava pensando em desenvolver a terceira parte da franquia do jogo baseado na saga, logo passamos a fazer lobby para que nossos nomes entrassem no páreo.

Posso ter assumido a posição de liderança quando chegou a hora de desenvolver uma proposta para esse projeto, mas Ethan esteve comigo a cada passo da jornada. Foram muitas madrugadas em claro para cumprir o prazo – tantas que nossos colegas na FlyButter começaram a pensar que estávamos tendo

um caso secreto –, mas todo esse trabalho obviamente valeu a pena.

Ethan me dá um sorrisinho e ergue a mão em um high-five. Eu o cumprimento, eufórica – até que Mike interrompe a algazarra.

– O problema é que...

Fico tensa e volto a agarrar a mesa. Lá vem. A *má* notícia.

– A StarPlay gostaria de fazer algo diferente dos dois primeiros jogos. O público mudou, a tecnologia evoluiu, o mercado cresceu, blá-blá-blá. Estão pensando em adicionar um elemento significativo de combate, que... Bom, não preciso dizer pra vocês que o nosso forte é mais a parte RPG do jogo. – Mike coça a nuca, como se o que estivesse prestes a dizer lhe desse urticária. – Como falei, tinha outras equipes na disputa pra assumir as próximas etapas da franquia *Limerência*. Uma delas é a Nephilim Studios e, como todos vocês sabem...

Um bufo alto o interrompe. O barulho de desprezo se sobrepõe a vários grunhidos, um “Esses escrotos” resmungado e uma onda de murmúrios que expressa variados graus de insatisfação. Nosso gerente de garantia de qualidade dá a impressão de que vai cuspir no chão. Olho ao redor, quase esperando ver alguém fazendo o sinal da cruz, mas Mike abre os braços para calar os protestos e segue em frente.

– ... e, *como todos vocês sabem*, a Nephilim recentemente lançou *A Lâmina de Zephyr*, que foi O jogo de combate do ano. É claro que eles não têm tanta experiência quanto nós quando se trata de RPG, e foi por isso que a StarPlay teve a, *hã*, ideia nada convencional de perguntar se *nós* poderíamos nos juntar a *eles* e...

– Não.

Shannon, nossa designer de personagem, levanta da cadeira num salto, como se tivesse a intenção de sair do prédio.

O restante dos meus colegas continua sentado, mas balançando a cabeça, retorcendo os lábios, *ofegando* e...

– Chega – ordena Mike, e todos se calam. Ele costuma ser um chefe relaxado e de boa, mas examina a sala com uma expressão tão implacável que fico com um pouco de medo. – Preciso lembrar a vocês que somos um estúdio de médio porte? Estamos tendo lucro no momento, mas, cada vez que desenvolvemos um jogo novo, corremos o risco de o produto ser um fracasso e a gente ir à falência. Vocês sabem que tipo de oportunidade os recursos da StarPlay poderiam proporcionar pra gente. O dinheiro de um jogo da franquia *Limerência* poderia sustentar o nosso estúdio por anos. Então, faça o favor de se sentar, *Shannon*.

Ela obedece fazendo biquinho. A sala fica em silêncio, e Ethan aperta a

caneca entre as mãos como se estivesse pensando em arremessá-la. Em vez disso, ele declara com uma calma surpreendente:

– O lance é que a gente conhece a maioria dos caras da Nephilim. Eles não são exatamente... A gente tem uma história com eles.

– Estou ciente disso. Assim como a StarPlay. E assim como Otto, o CEO da Nephilim.

Mike solta o nome de forma casual, como se não estivessemos todos cientes de que Otto e Mike têm uma amizade colorida há dez anos. Eles são vistos furtivamente entrando e saindo do quarto de hotel um do outro cerca de uma vez por convenção. Bom, Mike é quem sai furtivamente. Otto apenas fica andando todo pomposo por aí, em geral brandindo um pacote de camisinhas.

– É uma indústria pequena – continua Mike –, e alguns de vocês já, hã, trabalharam com funcionários da Nephilim no passado, tiveram relacionamentos com eles ou... – ele olha de esguelha para Shannon – ... viveram questões de outros tipos. A compatibilidade entre as nossas equipes é uma preocupação válida, e conversamos sobre a possibilidade de estabelecer uma parceria. E foi por isso que tivemos uma ideia. – Um único suspiro profundo para tomar coragem. – Algumas semanas atrás, pedi que vocês reservassem uns dias em meados de dezembro pra um retiro da equipe FlyButter.

– Não – sussurra Shannon, balançando a cabeça rápido.

Ao lado dela, Ethan cobre a boca com a mão. Mila, nossa sonoplasta, parece à beira de uma síncope nervosa. Todos os outros piscam surpresos, em um silêncio perplexo.

– Sim. Decidimos que a equipe principal da Nephilim vai se juntar a nós na pousada e...

– Mas por quê? – pergunta Shannon.

– ... e vamos ver se conseguimos dar um jeito de tornar viável uma parceria profissional. Vamos ter alguns dias pra nos concentrar em formação de equipes, desenvolvimento de grupo e coisas assim. Não me obriguem a usar a palavra “sinergia”, vocês sabem que eu não faço a menor ideia do que ela significa de verdade.

Ele parece estar em sofrimento de novo.

– E se... – Mila dá um pigarro. – E se... e essa possibilidade é real... quando a gente chegar na pousada e descobrir que isso tudo é só um ardil que eles orquestraram pra colher e traficar os nossos órgãos?

Mike suspira.

– Diante do nosso estilo de vida coletivo, duvido que os nossos fígados

valham muita coisa em *qualquer* mercado.

– A acomodação é grande o bastante pra hospedar todos nós? – pergunta um designer de fases. – Se alguém precisar ficar em casa, eu me ofereço como voluntário pra...

– O lugar é grande, mas valeu a tentativa.

– E se a gente ficar *preso na neve* com eles? – pergunta Mila. – E se eles derem uma de *O iluminado* pra cima da gente? E se a gente acabar junto na jacuzzi, e um deles soltar um pum lá dentro só por maldade, e se...

– Beleza, chega. Já deu de escrever fanfics sobre a Nephilim. – Mike desliga o monitor e desconecta o iPad. – Mês que vem. Retiro. Vão ser alguns dias dedicados a resolver essa hostilidade estranha que temos com a Nephilim. Quero que vocês fiquem amigos deles. Ou, pra ser mais realista, quero que vocês finjam ser amigos até que isso se torne verdade e tentem evitar *incidentes físicos*, tendo em mente que qualquer altercação representaria zero chance de trabalhar com *Limerência 3*. – Ele se levanta e espalma as mãos na mesa de reunião. – Vocês vão esquiar um pouco, sentar em frente à lareira com alguma bebida cara que vai pra conta da StarPlay e, na hora de voltar pra casa, seremos todos amigos do peito e viveremos felizes para sempre. Senão... – Uma pausa. – Reunião encerrada. Voltem ao trabalho. – Ele bate palmas. – Vamos, vamos.

É louvável como Mike se mantém imune aos olhares feios que as pessoas lançam na sua direção quando saem da sala, arrastando os pés e murmurando coisas como “soberanos corporativos malignos”, “como se a gente não soubesse sobre ele e o Otto” e “vou bloquear o PS5 dele”.

Continuo na minha cadeira, mordendo o lábio e tentando ver o lado positivo dos últimos dez minutos.

A única coisa que importa é que não vou ser demitida. Todo o resto vai ficar bem.

Com certeza.

É o mais provável.

Talvez.

Existe uma pequena chance de que vá ficar tudo bem.

Claro, a chance de trabalhar com a minha franquia favorita deveria ser um dos pontos altos da minha carreira, e não parecer que alguém mijou no cereal do meu café da manhã e me entregou a tigela, mas...

– Obrigado, Viola.

Ouçõ Mike dizer meu nome e ergo a cabeça de repente.

– Fico muito feliz que pelo menos *alguém* não está reagindo com tanto

exagero. – Ele me dá um sorriso. – Sei o quanto Limerência significa pra você. Você é a única que eu confio que vai se comportar de um jeito civilizado.

Engulo em seco. Tento reunir palavras suficientes para dar uma resposta, mas nada vem.

– Você tá meio pálida. – Mike franze a testa. – Tá tudo bem?

– É claro. – Colo um sorriso mediano no rosto, pego o computador e me levanto. A caminho da porta, até consigo falar: – Está tudo maravilhoso.

Capítulo 2



Está tudo uma merda. Está tudo na pior. E nada, absolutamente *nada*, está maravilhoso.

Porque a questão é a seguinte: se tivesse que transcrever a lista de problemas entre funcionários da Nephilim e da FlyButter, eu usaria um daqueles rolos de papel higiênico intermináveis – e inseriria um gráfico de interação digno de um romance de Dostoiévski.

Otto uma vez chamou nosso engenheiro de ferramentas de “besta quadrada” na frente de um público de milhares de pessoas.

Mila foi noiva de um dos artistas de 3D de lá.

Ethan pediu a conta três meses depois de assumir um cargo na Nephilim por causa de divergências em relação a “condições humanas de trabalho”; Shannon ficou bêbada na GameCon e caiu no tapa com um programador de inteligência artificial que chamou o trabalho dela de “código espaguete”; as correspondências de Kai – um dos nossos programadores – começaram a desaparecer misteriosamente quando um produtor da Nephilim se mudou para o prédio dele. E esse resumo nem remotamente abrange todas as variadas formas que fazem os nossos estúdios terem uma rixa.

Por exemplo, esse resumo intencionalmente ignora o que aconteceu entre mim e a porra do Jesse Andrews.

Mas também... aconteceu *alguma coisa*? À medida que a contagem regressiva para o retiro de esqui avança, tento me convencer de que o motivo por trás da tensão entre nós dois é só uma boa e velha competição. Afinal, eu e ele somos designers de jogos, e dos bons. Temos quase a mesma idade, estamos tentando

trazer coisas novas e criativas para a indústria. Ganhamos prêmios, lideramos equipes, fizemos nossos nomes. Seria esquisito se *não* existisse um quê de rivalidade.

Só que não é isso. Por mais que eu adorasse fingir que o constrangimento entre nós nasceu de comparações infelizes, a especialidade de Jesse é ação e aventura, enquanto eu brilho na criação de personagens e enredos. Ocupamos lugares diferentes na indústria e, se *eu tenho* essa noção, então o Sr. Point and Click também tem.

A primeira vez que nos encontramos foi seis ou sete anos atrás, quando me candidatei à minha primeira vaga na área. Até onde me lembro, *aquela* interação não foi de todo ruim. Só o que me lembro é de ter acabado de sair da faculdade e estar na última etapa de uma entrevista para uma pequena empresa de software aqui em Seattle. Jesse já trabalhava lá como desenvolvedor, e ele se levantou para apertar minha mão no momento em que entrei na sala de reunião.

A princípio, mal prestei atenção nele, registrando nada além de uma impressão difusa de cabelos escuros e óculos de aro grosso. Eu estava com enxaqueca por ter ficado acordada a noite toda me preparando, e a função de Jesse parecia ser auxiliar o CEO da empresa, que fez todas as perguntas. Eu estava ali para provar para minha mãe que era de fato possível ganhar a vida, como ela gostava de falar, “*jogando* Mario Kart”, então dei o meu melhor para deixar o chefe de Jesse encantado, só que não funcionou.

E, no fim das contas, não dei a mínima. Não depois que o babaca comentou algo sobre meu portfólio ser “de menininha” demais para que eu chegasse a algum lugar, soltou uma boa risada e então perguntou se eu gostava mesmo de videogames ou se estava só tentando impressionar o meu namorado.

Pelo menos Jesse me defendeu.

– *Isso é antiético. É desnecessário* – disse ele para o chefe com firmeza, falando pela primeira vez desde que a entrevista começara.

Mas eu já estava me levantando para ir embora, e nem mesmo um presente feito com uma lã dourada produzida por trinta lhamas mágicas teria me persuadido a ficar e trabalhar para aquele homem muito, muito escroto.

Então fui embora. E Jesse veio atrás de mim – disso eu me lembro. Ele deu uma corridinha rápida com as pernas compridas e, quando me alcançou, parou diante de mim com um olhar de preocupação. Ele queria se certificar de que eu estava bem e se desculpar em nome... dos homens, acho? Aceitei – e *talvez* eu tenha desabafado com ele por uns vinte minutos. Mas Jesse lidou bem com isso e até me deu ótimos conselhos em relação ao meu portfólio e me indicou um novo

estúdio de jogos que estava contratando na época: a FlyButter. *Um ser humano decente nessa indústria miserável*, falei para mim mesma. Agradei, me despedi e não pensei mais nele até mais ou menos um ano depois, quando nossos caminhos voltaram a se cruzar em uma feira de jogos.

Àquela altura, a empresa onde eu fizera a entrevista já tinha ido à falência – prova de que talvez um deus justo esteja, de fato, vagando por aí. Eu estava na FlyButter, e Jesse se tornara o designer-chefe da Nephilim, com uma fama cada vez mais reconhecida de superastro do gênero de ação e aventura em terceira pessoa. No segundo dia de evento, eu o avistei em um painel sobre retrocompatibilidade. Eu o vi se levantar para oferecer seu lugar a um homem mais velho na plateia.

Eu o reconheci *na hora*.

Os óculos ainda estavam lá, a mesma armação quadrada e escura. Mas o cabelo preto agora assumira um corte mais curto e de fácil manutenção. Ele era alto, mais do que eu lembrava, e usava calça jeans e um casaco de moletom preto: o uniforme de vários caras na plateia. Ele ficou nos fundos da sala, de braços cruzados, e, enquanto eu o observava, percebi algo que não tive condições de notar no nosso primeiro encontro.

Jesse Andrews era bonito.

Muito bonito.

Lindo, na verdade.

Eu me ressinto do estereótipo de que a maioria de nós, gamers, somos trolls que moram no porão dos pais e têm um balde para fazer xixi debaixo da mesa – bichos-papões horripilantes cuja única opção é encontrar refúgio no computador. Nossa tendência é ter uma aparência perfeitamente normal. Mas Jesse talvez fosse um pouco mais excepcional do que isso.

Nos meus anos de indústria de games, já vi tantos relacionamentos se dissolverem em dramas catastróficos que deveria saber que qualquer tipo de envolvimento dentro do ambiente de trabalho deve ser evitado com veemência. Ainda assim...

- Por que você tá sorrindo que nem uma bocó na direção do Jesse Andrews?
- perguntou Mila, que estava do meu lado. – Ele é seu traficante?
- Eu não tô... – Franzi o cenho. – Eu tava mesmo fazendo isso?
- Tava.
- Droga – murmurei.

Olhava para o palco, onde uma pessoa estava verificando o microfone antes do painel.

Mila se inclinou para mais perto.

– Quer que eu te apresente?

– Ah, não... A gente já se encontrou. Uma vez.

– Legal. Estudamos juntos no ensino médio. A gente era da mesma sala no último ano.

– Sério? – Não consegui me conter e perguntei: – Como ele era?

– Na verdade, bem gente boa. Ele era capitão do time de futebol, em geral a gente espera que seja meio babaca, mas Jesse era um cara legal. A primeira vez que fiquei bêbada, ele segurou meu cabelo enquanto eu vomitava e depois se sentou comigo pra jogar *GTA* até eu melhorar. E ele sempre me deixava copiar o dever de casa de trigonometria.

– É. – Assenti, nada surpresa. – Quando a gente se conheceu, ele foi realmente um amor e... Mila, o que você tá...?

– Não falo com ele há um tempão, vamos lá dar um oi! – Ela me puxou pelo braço na direção de Jesse. – Preciso perguntar como ele pensou no *easter egg* de ema em *Floresta Proibida*!

– Não sei se...

Mas então já estávamos lá, do lado de Jesse, e ele se curvava para abraçar Mila e cumprimentá-la com afeto, fazendo-a rir enquanto explicava – com uma dose saudável de autodepreciação – que não tinha ido à reunião de cinco anos da turma porque não estava pronto para descobrir se tinha atingido seu auge no ensino médio. Então ela se afastou, e o olhar dele parou em mim, a amiga silenciosa à toa ali por perto, e...

Por um segundo, ele ficou tão absurdamente imóvel que pensei: *Ele se lembra de mim, graças a Deus*. Isso estava evidente, de um jeito paradoxal, pela forma como ele *não* arregalou os olhos, *não* curvou os lábios, *não* alterou a postura. Estava tudo tão ausente que só podia significar reconhecimento. Ainda assim, seu rosto bonito demais e seu maxilar quadrado se tornaram inexpressivos quando Mila falou:

– E você já conhece a Viola, né?

Seguiu-se uma pausa cheia de tensão. Por fim, Jesse abriu a boca para dizer sabe-se lá o quê, mas Mila deve ter reparado na hesitação dele, porque emendou:

– Pelo menos foi isso que a Viola me falou.

Ela ergueu uma sobrancelha acusatória para mim, como se mentir a respeito de conhecer celebridades em ascensão na indústria fosse um hábito infame meu, e desejei que o submundo me engolissem e os habitantes de lá me apunhassem.

– É. A gente se conheceu naquela entrevista pra... Sabe do que mais? Deixa

pra lá. – Fiz um aceno com a mão, como se não importasse eu ser o oposto de memorável. Meu coração estava disparado. *Por que* meu coração estava disparado? – Meu nome é Viola Bowen. Sou da FlyButter. Você recomendou que eu me candidatasse lá quando...

Fui interrompida quando um ruivo com cara séria (que mais tarde eu descobriria ser Otto) veio buscar Jesse para tratar de algo de importância tática internacional. Jesse foi embora rápido, dando um último sorriso para Mila, fazendo uma promessa de tomar um café com ela em breve, sem dedicar nem um grama de atenção a mim. Fiquei encarando suas costas eretas enquanto ele se afastava, me perguntando se eu era egocêntrica o suficiente para me sentir ofendida, e não desviei os olhos até Mila começar a fazer ruídos estranhos.

Eu me virei e a encontrei me cheirando.

– O que você tá fazendo?

– Só tava curiosa.

– Com o quê?

– Se você tá fedida.

– Por que eu estaria...

– Jesse com certeza pareceu não gostar de *alguma coisa* em você. Talvez você esteja com um cheiro ruim.

Ela deu de ombros, brincando, claro, mas... talvez com um fundo de verdade.

Por um lado, fiquei feliz por ter a confirmação. Por outro... Por outro, eu não queria admitir que alguém não gostava de mim.

– Quê? Não. A gente só foi interrompido.

– Aham. Na outra vez que vocês se encontraram... por acaso foi quando você atropelou o cara?

– Quê? Não.

– O cachorro dele?

– Não.

– A mãe?

– Não!

– Beleza. Aposto que foi minha imaginação. Tenho certeza que ele *não* quer grampear a sua testa.

Eu também tinha certeza disso. Mila adora um drama, mas a verdade é que achar que alguém não gosta de você com base numa interação de um segundo demanda um grau de narcisismo que prefiro evitar. Então segui em frente, tirei esse incidente da cabeça e nunca mais voltei a pensar em Jesse.

Brincadeira. O que aconteceu *de verdade* foi que, nos meses seguintes, me

tornei muito consciente da presença dele. De repente, eu o via em todo lugar. Não só nas conferências, mas nos créditos dos jogos que eu jogava, dando entrevista para o meu canal favorito do YouTube, recebendo o prêmio de designer independente do ano. Percebi que tínhamos amigos em comum na indústria, que ele se formou na minha faculdade três anos antes de mim, que era muito ativo na organização de direitos trabalhistas, que estava tentando nos sindicalizar em nível nacional.

E, quanto mais eu sabia sobre ele, mais me dava conta de que ele era um cara muito legal e – não tenho orgulho disso, mas negar seria contar uma mentira digna do Pinóquio – acabei desenvolvendo uma paixonite pequeninha, nanoscópica, de nadica de nada.

Para ser mais clara, o que me constrange não é o meu fascínio por Jesse Andrews, mas o fato de que isso persistiu por *anos*, mesmo diante do tratamento que ele me dispensa. Ou talvez eu devesse dizer *falta* de tratamento? Se ele tivesse sido grosseiro ou cruel, teria perdido o encanto, e teria sido *muito* mais fácil deixá-lo para lá como mais um playboy gamer convicto de que o plano maligno das mulheres é macular a amada indústria dele. Mas não: o sentimento principal de Jesse, quando se tratava de mim, parecia ser a indiferença. Ele nunca me abordou por escolha própria. Sempre que eu o abordava, ele era elegante, amigoso, acadêmico e agressivamente apático. *Ele é introvertido*, eu dizia para mim mesma. Só que ele era capaz de *ser extrovertido* com os nossos conhecidos em comum.

Será que o problema sou eu?, eu me perguntava. Por precaução, redobrei minhas investidas de amizade – e descobri que minhas tentativas de iniciar uma conversa eram recebidas com notável educação e profundo desinteresse. Sempre que nossos caminhos se cruzaram, não houve uma *única* vez que eu tenha reparado no olhar de Jesse se detendo voluntariamente em mim. Para ser sincera, ele nunca me deu motivo para acreditar que quisesse, digamos, fazer picadinho de mim e me enfiar num saco de lixo multiuso, ou até mesmo que fingiria não me ver se eu estivesse pedindo carona na beira da estrada no meio da noite. Na verdade, nunca entendi por que ele não gostava de mim. Mas a verdade era óbvia: eu existia, e ele não podia se importar menos com esse fato.

Mesmo assim, eu ainda gostava dele. Um bom e velho caso de “querer o que não se pode ter”, talvez. Ou talvez eu precise de ajuda profissional em diversas e variadas formações médicas. Enfim, quase três anos depois do nosso primeiro encontro, seguido por um jantar de negócios no qual sentamos frente a frente e não trocamos uma única palavra além de *olá* – porque ele estava ocupado demais

conversando com uma moça da Nintendo –, finalmente aconteceu.

Eu tive um sonho erótico.

Estrelando a porra do Jesse Andrews.

Acordei suando horrores e precisei conter um som muitíssimo obsceno com a mão, porque *claramente* meu subconsciente tinha em alta conta as habilidades do cara nessa área. E não parou por aí. Nos anos seguintes, sempre depois de avistá-lo, encontrá-lo por acaso ou simplesmente ouvir uma menção ao seu nome, o supracitado subconsciente me presenteava com mais versões daquele sonho. Em treze ocasiões, para ser exata. Sete delas, para meu horror e culpa, ocorreram quando eu ainda estava com o meu ex.

Então me conformei. Eu estava a fim de Jesse, e Jesse não estava a fim de mim. De boa. Sem problema. *Foi* minha primeira paixonite não correspondida, e doeu um pouquinho quando o vi dar um pedaço de croissant para um pombo e manter contato visual com o pássaro por mais tempo do que já tinha mantido comigo, mas eu podia lidar com isso. Com o passar do tempo, a relação entre a FlyButter e a Nephilim azedou por causa de diversos motivos que não tinham nada a ver comigo e Jesse. Todo mundo na indústria sabia das discussões constantes e, como faziam questão de manter os dois estúdios afastados para evitar conflitos, fui encontrando Jesse cada vez menos – e, felizmente, sonhando com ele cada vez menos.

Foi no último inverno, uns seis anos depois do nosso primeiro encontro, que enfim precisei encarar a verdade impressionantemente dura – muito pior do que eu jamais tinha imaginado.

Até aquele momento, nossos encontros tinham sido por meio de eventos de trabalho. Nunca interagi com ele numa situação estritamente social, em grande parte porque eu mal interagía socialmente com qualquer pessoa. Como líder, eu trabalhava dez horas por dia, até mais em períodos críticos, e à noite não queria nada além do conforto acolhedor do meu sofá. Me afastar do meu pijama era um *feito* – que demandava a promessa de alguma coisa muito empolgante ou, muitas vezes, obrigatória.

E foi assim que finalmente dei de cara com Jesse Andrews na natureza: o colega de quarto dele – agora professor de educação física – ia se casar com minha prima – uma confeitadeira. Não é uma coincidência tão chocante, já que todos frequentamos a mesma faculdade. Isso significava que nós dois estávamos convidados para a festa de noivado que eles deram pouco antes do fim de ano – e *desse* evento eu definitivamente não tinha como escapar.

Reparei em Jesse no momento em que entrei no salão do restaurante

reservado para a festa – o que não era difícil, já que ele era uma cabeça mais alto do que quase todo mundo. Ele não teve o mesmo privilégio, já que sou de estatura mediana, com cabelo castanho comprido e ondulado e poucos traços que fariam com que eu me destacasse em meio a uma multidão. E, pensando agora, eu devia ter me aproveitado disso. Eu devia ter fingido um pneumotórax ou uma disenteria fulminante e ter dado o fora dali. Infelizmente, fui puxada pela minha tia Selene e submetida ao interrogatório passivo-agressivo aperfeiçoado pela família Bowen ao longo de gerações. Eu tinha engordado? Eu ficava muito bem assim, mas era melhor ficar atenta à dieta de agora em diante. Eu estava saindo com alguém? Havia vantagens em ficar solteira para sempre. Minhas olheiras eram uma tendência da moda? Eu estava mais perto de encontrar um emprego de verdade? Eu sabia que os óvulos da mulher são a primeira coisa a envelhecer?

Depois da tia Selene, foi a tia Millie. Depois o tio Max. Então um primo de terceiro grau cujo nome eu nunca decorei. Depois minha mãe, que me atormentou com uma história totalmente *não* inventada sobre o filho de um amigo sem nome que recentemente perdera seu emprego não especificado na área de jogos, tivera que ir morar na rua e fora devorado por crocodilos enquanto dormia debaixo da ponte. Depois três dos meus irmãos, que me deram cascudos e demonstraram que, para eles, eu vou sempre ter 12 anos.

É difícil ser a caçula de cinco filhos. Meus irmãos e irmãs são legais, e tenho certeza do amor deles por mim como tenho certeza do código binário, mas o caçula atura muita coisa muitas vezes. Se tem uma pegadinha a ser pregada, um cuecão a ser dado, um diário a ser lido em voz alta, eu sou a primeira da lista. Minha vida toda foi um estudo de paciência e divisão – comida, brinquedos, roupas, atenção, a energia dos meus pais –, e deve ser por isso que agora sou uma adulta que ama tanto estar sozinha.

Quando meus irmãos terminaram de implicar comigo, já tinham se passado quase duas horas. Decidi ir até os noivos, desejar a eles meus melhores votos e dar o fora dali. Mais fácil falar do que fazer, já que a maioria dos Bowens estava alegrinha ou bêbada feito um gambá.

Abri caminho em meio ao salão lotado em direção à saída, ponderando sobre o talento reprodutivo da minha família, até que um corpo largo se chocou comigo. Quando me virei para olhar com raiva para quem estava no caminho entre mim e a liberdade, me deparei com alguém surpreendentemente familiar.

Jesse tinha uma cerveja na mão e olhou para mim, piscando surpreso, talvez imaginando quando sua conhecida menos favorita na indústria tinha se

transformado em uma stalker. Algo surgiu por trás da cabeça dele, algo verde e com folhas... um visco.

Ele estava abaixo dele.

E eu também.

E tudo se desfez. Antes que eu tivesse a chance de me explicar, ou fugir, ou roubar a garrafa de Jesse, quebrá-la na parede e usar os cacos para manter minha família sob controle, uns dez parentes meus começaram uma cantoria para que nos beijássemos.

– Visco! – berrou minha prima, a noiva ruborizada. – A planta do beijo!

Olhei para a tiara dela e, por um momento, me perguntei o que ela faria se eu quebrasse o enfeite no joelho e a obrigasse a comê-lo.

– Vocês têm que se beijar! – falou tio Evan.

– Viola, você sabia – intrometeu-se meu irmão Victor – que o visco, *Viscum album*, ordem Santalales, família Viscaceae, é uma planta hemiparasita obrigatória? Mas, sim, vocês dois deveriam se beijar.

Olhei ao redor enquanto uma comoção embriagada rolava à nossa volta, imaginando se alguém mencionaria a completa inconveniência da situação. Por que famílias não têm um departamento de RH? Eu seria a primeira a formalizar uma queixa. Ou dez.

Mas ninguém disse nada. Houve alguns brindes, alguns murmúrios sobre *tradição*, e dei um suspiro profundo e conformado.

Beleza. De boa. Tranquilo. Ia rolar um beijo. Um pequenininho. Na bochecha, provavelmente. E, ainda que a humilhação de ver minha família agir como uma república estudantil *no fundo* me fizesse querer virar um frasco de unguento para fungos, podia ter sido pior. Afinal, eu gostava de Jesse. Tinha muita certeza de que a higiene pessoal dele era decente. Além do mais, *depois* do beijo, poderíamos rir juntos desse show de horrores. Talvez isso até nos fizesse passar da indiferença para... algo mais caloroso. Algo legal.

Então ergui os olhos para encontrar os dele, no intuito de lhe oferecer meu melhor sorriso de *Estamos juntos nessa*. Só que isso nunca se concretizou, porque me vi imediatamente confrontada pela sua expressão, que só poderia ser descrita como *enojada*.

E isso foi *antes* de ele dizer:

– Acho que não.

Dessa vez ele não foi amigável, ou elegante, ou cordial. Ele foi brusco e resoluto, como se a ideia de *me* beijar – uma portadora de mononucleose *e* catapora – fosse tão repugnante para ele que nem conseguia se obrigar a fingir

boa educação.

E as pessoas à nossa volta perceberam, porque, depois de um momento de silêncio, soaram uma porção de “*ah, qual é, cara*” decepcionados e comentários de *estraga-prazeres*, mas logo os noivos foram empurrados para o nosso lugar e enfiaram a língua na garganta um do outro, e acabou ali.

Meio que acabou.

Meu rosto estava em chamas: pela rejeição pública, pela rapidez com que tudo aconteceu, pelos olhos de Jesse em mim, cheios de algo como... Não era desprezo, era? Não era possível que fosse.

Ou talvez fosse. Porque, quinze minutos depois, enquanto eu pegava meu casaco para ir embora, entreouvi a voz do meu primo falando baixo no corredor:

– Você podia ter dado um beijo na bochecha dela.

Parei na hora. Ele e Jesse estavam na janela, olhando para o outro lado. As costas largas de Jesse se moveram para cima, depois para baixo, em um claro dar de ombros.

– Assim – falou meu primo –, mesmo que não goste dela, você podia ter sido mais gentil.

– Não podia, não.

– E por quê?

Uma pausa.

– Não quero nada com ela. É melhor assim.

Isso aconteceu quase doze meses atrás, mas o suspiro de frustração que se seguiu ainda está vívido na minha mente, uma fração de segundo que nunca vou apagar do córtex do meu cérebro.

Mesmo agora – fazendo hora extra, a última pessoa no escritório, enquanto encaro a tela vazia do computador –, mesmo agora ainda consigo *ouvir* a rejeição. Dois dias antes de irmos para o retiro de inverno.

– Você pode não querer nada comigo – digo em voz alta para o escritório de conceito aberto. – Mas eu quero o projeto de *Limerência* 3. E em que pé ficamos?

Deixo a cabeça pender para trás, encarando o teto, e me pergunto se algum dia eu conseguiria trabalhar lado a lado com Jesse Andrews – e vice-versa.

Capítulo 3



Minhas expectativas para o retiro são mais baixas do que o orçamento de uma escola pública, mas até *eu* fico surpresa quando vejo como o retiro começou com o pé esquerdo.

É a semana antes do Natal, seis e meia da manhã. Apesar do gorro grosso e do cachecol de lã volumoso em que me enrolei, tremo sob a iluminação fraca do estacionamento da Nephilim. Estou me perguntando por que decidimos nos encontrar aqui em vez de, por exemplo, no meio de um milharal, uma funerária ou literalmente *qualquer* outro lugar quando Mike trota na minha direção.

– Viola? Pode me fazer um favor?

Não, grita uma voz sábia na minha cabeça, aquela que preza pela autopreservação. *Porra, não mesmo.*

Mas o que respondo com um tom cauteloso é:

– Depende.

Ele sorri como se eu tivesse dito que sim, e não gosto disso.

– Caiu uma árvore semana passada, e o estacionamento da pousada está reduzido temporariamente. Estamos tentando ir com o mínimo de carros possível pra Mount Baker e, pelas minhas contas, um membro do nosso grupo vai precisar viajar com o pessoal da Nephilim. Pensei que você...

– Não – respondo, desta vez em voz alta e com tanta veemência que a minha respiração sai branca entre os nossos rostos.

– Por favor, Viola. – A expressão dele é de súplica sob a bainha do gorro. – Ninguém quer ir.

– Beleza. Bom, eu também não.

– Você é a colaboradora menos propensa a drama.

O que ele quer dizer é: você é mais fácil de manipular, porque é quem mais tem a perder. Todos nós sabemos a importância que *Limerência 3* tem para você.

E, que droga, ele tem razão.

Ainda assim, respondo:

– Posso ser bem dramática se isso me livrar de ir até a pousada no... – Inclino a cabeça para o lado, lembrando que as minhas questões com funcionários da Nephilim são bem restritas. – No carro de quem?

– No do Otto, eu acho.

– E quem mais tá lá?

– Sei lá. Acho que o Jorge. Eles não estão namorando? – Há uma amargura indiscutível no tom de voz dele. Acho que agora sabemos quem foi o pivô do último término na eterna novela Otto-Mike. – Talvez a Ashley.

– A gótica que sempre tá com cara de brava?

– É.

Humm. Eu dou conta deles.

– Eu topo – começo a falar, e Mike solta o ar, aliviado, até que continuo: – Em troca de três dias extras de folga remunerada ano que vem.

Ele revira os olhos.

– Um.

– Dois. Não vale em feriados.

– Fechado. Você me salvou aqui, Viola. – Ele dá um tapinha no meu ombro. – Valeu.

– Tá, claro.

Sigo até o cabelo ruivo brilhante e a silhueta alta de Otto. Não tive muita oportunidade de interagir com ele no passado.

– Oi. – Dou um sorriso. – Tudo bem se eu pegar uma carona com vocês?

Otto dá de ombros, como se a minha mera existência inspirasse nele uma leve repulsa. Não levo para o lado pessoal, já que ele é famoso na indústria pela falta de simpatia generalizada.

– Tanto faz. Mas esse carro não é meu.

– De quem é?

Ele aponta para um lugar alto atrás de mim e...

Mas é claro. *Porra*, é claro que não é o carro *dele*.

Suspiro, conformada.

– Oi, Jesse – digo antes de me virar por completo, quase ficando impressionada com a minha sorte de merda.

Será que Mike *mentiu* para mim de propósito?

Não. Ele não sabe sobre minha relação estranha com Jesse. Ninguém sabe, porque toda vez que começo a explicar percebo como a história me faz parecer paranoica e egocêntrica. *Um dos designers de jogos mais populares, que todo mundo adora, não quer ser meu amiguinho. Porra, ai de mim.*

Que seja.

– Bom dia – responde Jesse, com uma voz baixa e meio rouca, como se talvez não fosse uma pessoa matinal.

Mas seus olhos em mim estão totalmente despertos. Sem perguntar, ele pega a mochila supercheia da minha mão e a coloca no porta-malas sem dificuldade. Seu suéter preto parece *fino*, e ele nem está de casaco, mas seu corpo emana calor. Já eu estou envolta em várias camadas, e meus dentes tiritam.

– Valeu – digo.

É a primeira vez que nos encontramos desde o incidente do visco. A primeira vez que escuto sua voz desde que o entreouvi dizer aquelas palavras incrivelmente horríveis: *Não quero nada com ela.*

A lembrança faz minha pressão subir, mas logo percebo que Jesse talvez nem se lembre da festa de noivado. Ele está agindo do jeito educado e frio de sempre, e eu me acomodo no banco de trás do carro, do lado do passageiro, tentando me encolher até ficar invisível.

Devo estar amaldiçoada. A gata do meu irmão, Edith, deve ter invocado uma deusa egípcia contra mim porque coloquei uma fantasia de lagosta nela no último Dia das Bruxas. É a explicação mais lógica para essa urucubaca tripla: não só fui obrigada a invadir o espaço pessoal de Jesse como também, só posso presumir, causei uma quantidade letal de insatisfação, mas ao meu lado Otto está jogando *Flappy Bird* com o som ligado, e Ashley, que está sentada na frente, parece precisar de vários metros para as pernas.

– Ei – peço a ela com um sorriso. – Pode chegar seu assento um pouquinho pra frente?

Tenho 1,67 metro. Ela é, o quê, uns 15 centímetros mais baixa? É um pedido justo, acho eu, mas Ashley estala a língua e ajusta o banco, me dando meio centímetro a mais.

Dou um suspiro.

– Valeu.

Quando Jesse entra, seus óculos embaçam. Ashley os tira do rosto dele e usa a batinha da blusa para limpá-los. Depois os devolve com um sorrisinho íntimo que ele parece retribuir.

Ai, meu Deus. Eles estão namorando? Estão juntos? Apaixonados? Transando? Será que ele é tão bom quanto meus sonhos fazem parecer que...?

Não interessa, Viola. Não é da sua conta.

Eu me encosto no apoio de cabeça, fecho os olhos e tento não respirar alto demais.

Chegamos à pousada três horas depois. Observo os pinheiros tomados por neve e as paredes de madeira rústica enquanto pondero que, como essa viagem de carro não me matou, deve ter me deixado mais forte. Agora estou mais bem preparada para encarar eventos difíceis e transformadores. Parto, fêmur quebrado, hemorroidas? Podem esperar que a sua hora vai chegar.

É difícil escolher qual foi a parte mais desagradável. Talvez quando pedi a Jesse que fizesse uma parada no posto de gasolina para que eu fosse ao banheiro e Otto murmurou que “existem exercícios para superar o problema de falta de controle da bexiga, Viola”. Outra que também está no topo da lista foi quando Jesse fingiu que precisava ouvir as notícias do trânsito e mudou de estação logo depois que deixei escapar toda empolgada que a música que estava tocando era uma das minhas preferidas.

Houve, é claro, várias conversas em que os três Nephilims falaram sobre coisas, lugares, ideias e pessoas que obviamente são importantes na vida deles e que eu não conhecia. Graças a essas conversas, descobri que Jesse tem senso de humor. Ele adora sacanear Otto, mas é gentil e tranquilizou Ashley de um jeito delicado quando ela ficou ansiosa por seu cachorro precisar ser anestesiado para fazer uma limpeza de tártaro, dizendo que ele já teve muitos cachorros e todos se saíram bem em procedimentos semelhantes. Jesse é um amor – e não olhou *uma única vez* para mim em duas horas e 57 minutos.

E então teve a lenta tortura de Jesse e Ashley discutindo em detalhes excruciantes o treinamento, o equipamento e a filosofia por trás do triatlo. Eu não imaginava que nenhum dos dois fosse um entusiasta do esporte, mas a profundidade da conversa sobre treino na zona 2, exame de lactato no sangue e ritmo de corrida é prova cabal do oposto. Quando eles começaram a falar sobre sua marca preferida de gel energético, pensei seriamente em rastejar para fora do carro e caminhar até a pousada.

Para a minha sorte, a pousada parece legal. Muito maior do que eu esperava, encantadora, coberta de neve. Muito... cara. Janelas altas. Varandas e terraços cercados por árvores e trilhas estreitas. Acho que nunca estive em um lugar como esse antes e me apaixono na hora pelo cheiro de pinheiros e pelo ar puro.

Precisei suportar o ruído ensurdecador que Otto faz quando suga um

canudinho para chegar a esse destino, mas estou feliz por estar aqui.

– Oi. – Mike vem até mim e me dá um tapinha nas costas, a mão pesada no meu casaco grosso de inverno. – Obrigado de novo por vir com o Jesse.

– Tranquilo. Mas você tinha dito que eu viria com o Jorge.

– Foi o que eu tinha pensado, mas... – Ele deixa escapar um sorrisinho de empolgação. – Manny me falou que estão dizendo por aí que Jorge e Otto brigaram, e Jorge pediu demissão na hora.

Mike, seu tolo apaixonado, digo, mas não em voz alta.

Porque ele é meu chefe.

– Olha só você, todo alegrinho com o desemprego de outro homem.

– Não, eu... bom, talvez. Um pouquinho. Olha, de todas as pessoas aqui, você é a única que nunca teve um desentendimento público com alguém da Nephilim. Você e talvez o Jesse. Quando as pessoas da FlyButter e da Nephilim começarem a se apunhalar com os bastões de esqui, vão sobrar só vocês dois.

– Veremos.

– É, bom... Como foi a viagem? O Otto, hã, falou de mim?

– Não – digo, decidindo não dourar a pílula. – Ele estava ocupado demais conferindo o perfil dele no Grindr a cada dez minutos.

Mike arregala os olhos.

– Eu... Ele... Não é... – Ele se embola e fica vermelho. – Quer dizer, o Otto é... Não é da minha conta se... – Ele pigarreia. Duas vezes. – Você por acaso viu o nome de usuário dele?

Balanço a cabeça e me viro para a minha mochila – que desapareceu do porta-malas. Olho ao redor, meio na expectativa de descobrir que ela foi roubada pelo Pé Grande. Mas só o que vejo é Jesse, andando na direção da pousada e levando uma mochila que se parece estranhamente com a minha.

Capítulo 4



Juntas, as equipes principais da Nephilim e da FlyButter somam dezoito pessoas – o número exato de quartos na pousada, de acordo com a governanta matronal que nos recepciona. A imensa área comunal onde ela nos reuniu me faz lembrar daqueles vídeos de ambientes no YouTube que às vezes coloco para enganar meu cérebro e fazê-lo achar que estou de férias.

Há uma lareira crepitante enorme, e o cheiro defumado de lenha queimando parece um abraço quentinho. Avisto sofás e almofadas macias e felpudas nas áreas de estar e janelas que vão do chão ao teto, por onde podemos ver comedouros de pássaros e esquilos e árvores tão altas que devem estar por ali há milênios. As vigas intrincadas de madeira no teto fazem o espaço parecer atemporal e imenso. Não tenho a menor intenção de chegar perto dos esquis e dos snowboards pendurados no suporte logo depois da entrada – não sei qual é a parte do cérebro responsável por amar descer uma colina, mas a minha deve ter vindo com defeito. Ainda assim, sei que vou passar um tempo bom no chalé, deixando o aroma de cedro encher meus pulmões e o chocolate quente do bar encher minha barriga.

– Que lugar gostoso pra umas férias – murmuro.

– E que empresa de merda – sussurra Ethan no meu ouvido.

Não consigo disfarçar bem a risada pelo nariz. Quando Jesse e Ashley se viram na direção do barulho, finjo estar fascinada pelas minhas botas.

– É claro que vocês são muito bem-vindos para usar as instalações, incluindo as banheiras de hidromassagem e a sauna no terraço dos fundos – nos informa a governanta.

Fico na dúvida se ela captou a tensão entre... bom, todo mundo e *todo mundo*. A Nephilim e a FlyButter se dividiram nitidamente em dois grupos bem distintos e estão evitando ao máximo o contato visual.

– Vocês vão encontrar o número dos seus quartos nos envelopes de boas-vindas que entregamos mais cedo para vocês – continua ela.

Dou uma olhada no meu e passo o dedo no lacre de cera, fascinada, antes de rompê-lo. Ali dentro encontro uma única bengala doce (que imediatamente coloco na boca), um folheto com informações e uma chave de madeira com o número quatro.

– As refeições são no estilo bufê, servidas às sete da manhã, ao meio-dia e às seis da tarde no salão de jantar.

– Qual é o seu quarto? – me pergunta Ethan, deslizando a alça da mochila pelo ombro.

– Quatro.

– Ah – diz ele, em um tom levemente contido que me faz encará-lo.

A esta altura, já sei ler Ethan como uma linha em C++.

– E você? – pergunto.

– Dezoito. – Ele contorce os lábios. – Mas a Shannon ficou no três.

Sorrio, imaginando Ethan e Shannon andando na ponta dos pés pelo chalé usando roupas íntimas. Eles começaram a sair há mais ou menos um mês, e o relacionamento é tão recente que sou a única na FlyButter que sabe. É assim que eles querem que seja, e entendo o motivo: tornar um relacionamento público no trabalho significa ter muita gente se metendo na sua vida e receber opiniões não solicitadas. Sem falar no constrangimento caso eles terminem. O plano é ser discreto e manter tudo em segredo até que os dois estejam mais firmes, e eu os apoio. Porém, desconfio que vão ser descobertos muito em breve se continuarem se pegando na sala de xerox.

– Se às duas da manhã você ouvir alguém entrando furtivamente no quarto da sua vizinha – me diz Ethan –, não, você não ouviu nada.

Eu me pergunto se ele realmente faria *tanto* barulho assim. E então me pergunto se compartilhar uma parede com a namorada de Ethan não poderia me levar a descobrir coisas que *não* quero saber sobre meu amigo.

Ele é como um irmão para mim. Se ele tiver um fetiche por ser chamado de papai e fingir que está sendo amamentado, é melhor que leve isso para o túmulo.

– Na verdade, que tal se a gente trocar de quarto? Assim você fica bem ao lado dela – ofereço.

– A gente pode fazer isso?

Dou de ombros.

– O que vão fazer? Punir a gente? Trancar em uma pousada com os nossos maiores inimigos no ramo de jogos por dias a fio?

Ele disfarça a risada no meu ombro, mas o som não sai muito abafado, e todos se viram para olhar.

– Ei, pombinhos – sibila Mila. – A governanta tá falando sobre os serviços. Shiu.

Reviro os olhos, porque já estou de saco cheio da piada recorrente de que Ethan e eu estamos secretamente apaixonados, e me concentro em ouvir tudo sobre as salas multimídia.

Logo depois, nos dispersamos. Ethan sorri e me dá um beijo na bochecha quando largo a chave na mão dele. Ele insiste em me recompensar com a bengala doce que ganhou, então considero a troca uma vitória. Uma supervitória, na verdade, porque os quartos 17 e 18 ficam em uma espécie de mezanino, uma ala separada da pousada, mais silenciosa, que dá de frente para o bosque nos fundos, e *sei* que a vista da janela vai ser espetacular.

Ouçoo passos atrás de mim e me viro para ver quem vai ser meu vizinho pelos próximos cinco dias. Não tenho uma preferência de fato, embora eu realmente torça para que não seja Otto ou Mike. Sempre existe uma chance de que eles acabem retomando a relação, e não quero descobrir que algum deles tem fetiche por fingir que está sendo amamentado.

Mas, no fim das contas, não preciso me preocupar. Porque o quarto 17 não é de Otto. Nem de Mike. E agora está abundantemente evidente que eu, de fato, emputei algum deus – não, a porcaria de um panteão inteiro de deuses.

Estou redefinindo por completo o conceito de *amaldiçoada*.

– Precisa de ajuda? – pergunta Jesse, parando no patamar da escada.

Ele soa educado e gentil e absolutamente sem emoção alguma. Como se tivesse encontrado uma criancinha perdida vagando pelo corredor de cereais no mercado.

Um miligrama de boa sorte cairia muito bem, penso, tirando a bengala doce da boca. É óbvio que ele está tentando se manter o mais distante possível de mim, mas ainda ocupa tanto do pequeno espaço que é difícil olhar para qualquer lugar além dele.

– Sim. Na verdade, não. Eu já encontrei. – Ele me encara como se não entendesse direito, e aponto para a minha porta. – Este é o meu quarto.

Minhas palavras desencadeiam toda uma gama de emoções no rosto de Jesse, e eu me divirto tentando destrinchá-las. Confusão (*poderia mesmo esta plebeia*

invadir meu espaço e dormir ao meu lado?), preocupação (*será que ela vai me passar piolho?*) e, por fim, incredulidade (*vou enviar um e-mail bem incisivo à matriz por permitir que isso aconteça*). Sua expressão opta por ficar impassível e ilegível e, quando ele fala, soa simpático e neutro:

– Posso pedir à governanta pra me colocar em outro quarto.

Não quero nada com ela.

Sério, eu só queria entender o motivo para isso. Não matei a porcaria da rena de estimação dele, não fiz bullying com ele no ensino médio, não roubei a receita secreta de torta de maçã da tia dele. De verdade, o desejo desse cara de me evitar é tão absurdamente injustificável que é quase cômico.

Só que não estou achando graça.

– Eu não ronco alto nem nada assim – informo.

Não sei bem se estou tentando agradá-lo ou desafiá-lo. *Amenize a situação*, insiste uma voz dentro de mim, a mesma que aprendeu a conviver bem com quatro irmãos mais velhos, todos dotados de personalidades fortes. *Vocês vão ter que trabalhar juntos. Talvez ele não queira nada com você, mas você ainda pode salvar esse relacionamento profissional. Faça isso por Limerência.*

– Não tomo banho no meio da noite – acrescento. – E você pareceu não curtir o meu gosto musical no carro, então pode ficar tranquilo porque eu tenho ótimos fones de ouvido com cancelamento de ruído.

Dou um sorriso, mas Jesse não retribui a simpatia. Em vez disso, ele declara:

– Vou tentar ficar fora do seu caminho.

Soa mais como se ele estivesse *me* prometendo algo, e eu... eu não entendo. Vejo a porta se fechar delicadamente atrás dele, me deixando sozinha no corredor.

Com um suspiro profundo, enfio a bengala doce meio comida de volta na boca, pego minha mochila, entro no quarto e me proíbo de ficar sentida.

Jesse Andrews pode não me querer por aí, mas ele está preso comigo pelos próximos dias – e, se as coisas derem certo, por um período bem mais longo do que esse. Quanto antes ele aceitar isso, melhor para todos nós.

Capítulo 5



Depois de me acomodar no meu quarto, passei a tarde andando pela propriedade com alguns colegas da FlyButter. O jantar é magnífico: *minestrone* de lentilha com legumes salteados e torta de frango, acompanhados de um vinho que, diferentemente do que costumo comprar, não tem cheiro algum de purê de maçã. O arroz-doce não é nada de especial, mas o cheesecake de chocolate é tão absurdamente gostoso que levo alguns segundos para achar as palavras depois da primeira garfada.

– Puta merda – digo, enfiando mais cheesecake na boca. – Isso é ridículo.

Mila assente e pega mais um pedaço da fatia que estamos dividindo.

– É melhor que sexo.

– Talvez seja melhor que sexo com *certas* pessoas – murmura John de algum lugar à minha direita.

Ele é o artista de 3D da Nephilim e ex-noivo de Mila. Eles ficaram juntos por meia década e terminaram após uma confusão de traições mútuas e utensílios de cozinha jogados pela janela. Desnecessário dizer que não, eles não “continuaram amigos”. Nenhuma de nós duas teria escolhido se sentar perto dele, mas alguém (provavelmente Mike) teve a brilhante ideia de atribuir cartões de lugares e obrigar as duas equipes a se misturarem, então cá estamos.

Mila finge não ouvir o que John falou, mas a súbita tensão nos ombros dela me diz que suas palavras a magoaram profundamente. Eu me viro para incinerá-lo com olhos de laser que eu queria muito ter desenvolvido em vez de uma miopia leve e, quando o vejo dando uma risadinha como um adolescente de 14 anos, decido esbarrar com o cotovelo “sem querer” no meu copo de gemada e

derramar o conteúdo no colo de John.

– Miiil perdões. – Levo a mão à boca enquanto ele limpa freneticamente a calça com um guardanapo. – Sou muito *desastrada*, sabe?

É, pelas minhas contas, o quarto incidente Nephilim-FlyButter do dia. Os outros se resumem a uma discussão aos berros, um bilhete colocado por baixo da porta em que se lia FRACASSADO e uma mala roubada que reapareceu misteriosamente no matagal lá fora. John sai para se trocar e volto a me deliciar com o meu doce. Alguns momentos depois, meu telefone apita com uma mensagem de Mike:

Isso não foi muito legal da sua parte.

Ergo a cabeça e vejo sua carranca de desaprovação me fulminando do outro lado da mesa, então dou um sorrisão para ele e respondo à mensagem:

Esse retiro foi uma ÓTIMA ideia. Dá pra sentir o relacionamento entre a FlyButter e a Nephilim melhorando a cada segundo.

Mike suspira, então mando um emoji de mulher dançando – e na mesma hora me sinto mal por ele.

Ele está em uma situação difícil. Como CEO, a única coisa que ele quer é que a StarPlay invista em nós para que ele possa manter a equipe – e nós não estamos exatamente facilitando as coisas no momento. Olho ao redor da mesa e não vejo esforço por parte de ninguém: apesar dos lugares atribuídos, as conversas parecem ter se agrupado por empresa. Até Otto, em vez de instigar mais harmonia, está ignorando todo mundo para ficar no telefone.

Se continuarmos assim, não há a menor chance de firmarmos uma parceria para *Limerência 3*.

Reviro os olhos e resolvo ser o meu melhor eu: uma adulta sensata com a maioria das emoções reguladas. Devoro o resto do meu cheesecake, então me viro para a direita e sorrio para a menina de pele marrom-escura do outro lado do assento vazio de John.

– Clara, né?

Ela me olha, surpresa.

– É – responde ela, desconfiada.

Sinceramente, não dá para culpá-la.

– Eu sou a Viola. Não sei se você se lembra, mas a gente se conheceu uns anos atrás no seminário de animação que aquele cara da Costa Leste organizou...

– Aquele em Tacoma? – Ela faz uma careta. – Nossa, aquilo foi uma perda de

tempo.

– Eu sei. Duvido que aquele cara consiga fazer um jogo de armadilha de dedo, que dirá um videogame.

Ela ri, começamos a conversar e acabamos ficando na mesa depois que a maioria vai embora. O retiro não envolve muitas atividades planejadas ou obrigatórias, então estamos livres para passar a noite fazendo o que quisermos, e Clara, apesar da filiação questionável, é ótima companhia.

Vai dar certo, digo a mim mesma enquanto volto para o quarto. *A Nephilim e a FlyButter podem e vão aprender a se dar bem. Vai ter certa desconfiança e vão rolar atritos individuais, mas vamos fazer dar certo. Por Limerência.*

– Oi, Viola. – Eu me viro e vejo Mila me alcançando. – Quer dar uma volta pela pousada?

Passamos por algumas áreas de entretenimento, contando mais duas lareiras, e nos deparamos com uma mesa de sinuca e uma pilha de jogos de tabuleiro mais alta do que nós. Encontramos um jardim de inverno e uma academia com equipamentos melhores do que a do meu bairro – a qual eu pago anualmente sempre que chega janeiro e, mesmo assim, mal apareço lá. A biblioteca tem cheiro de livros antigos, e eu seriamente não sabia que ainda existia esse tanto de DVD e Blu-ray no mundo.

Para alguém que ainda precisa pagar 10 mil dólares em empréstimos estudantis, o luxo extremo deste local parece meio perdulário, mas vou aceitar.

– Por que você acha que o retiro está sendo aqui em vez de, sei lá, em uma rede de hotéis mais simples? – pergunto para Mila, que dá de ombros.

– A StarPlay nos mandou pra cá. É uma empresa gigante, cheia de dinheiro.

– Sim, mas por que gastar dinheiro com a gente em vez de... não sei, comprar ovos Fabergé pros acionistas?

Ela inclina a cabeça de lado.

– Talvez prefiram presentear humanos reais cujas habilidades eles valorizam em vez de aumentar a riqueza já abundante daquele um por cento?

Parece tão ridículo que caímos na gargalhada ao mesmo tempo.



A maioria da equipe da FlyButter resolve assistir a um filme, mas já socializei bastante por um dia. Ainda é muito cedo para eu dormir, então coloco uma calça e um casaco de moletom e saio do quarto. Passo na ponta dos pés pelo quarto de Jesse, atenta a qualquer barulho, mas não há nenhuma iluminação por baixo da

porta.

Talvez ele esteja dormindo. Talvez esteja curtindo com Ashley. Talvez tenha colocado um chapéu de Grinch e uma cuequinha verde e esteja escalando um abeto-de-engelmann. Não é da minha conta. Vou até a biblioteca, levando comigo *O coração submerso*, o primeiro volume da série Limerência.

Muitas vezes, os jogos inspirados em livros são adaptações de fenômenos literários gigantescos, daqueles famosos que permanecem por anos nas listas de mais vendidos. Mas a saga Limerência nunca foi um sucesso. Mesmo quando os dois primeiros jogos foram produzidos e ganharam fama, a popularidade dos livros nunca aumentou. Na verdade, a maioria das pessoas não sabe que o material original é uma coleção de cinco livros, cada um mais complexo e lindamente escrito do que o anterior.

A história começa bem simples: Noham, um jovem feiticeiro, se junta a uma humana, Aqualuna. No primeiro volume, o objetivo deles é resgatar o irmão mais velho dela, que está desaparecido. Eles são bem-sucedidos, embora não sem alguns contratempos e muitas discussões, e, no fim do livro, os dois reconhecem que são fenomenais juntos. O resto da série segue a mesma fórmula básica, só que, à medida que Noham e Aqualuna vão se desenvolvendo na história, os mundos que eles visitam e as aventuras nas quais embarcam vão ficando cada vez mais sombrios e elaborados.

Como eu, Aqualuna é a filha caçula: provocada e, ao mesmo tempo, ignorada, subestimada e até esquecida por longos períodos, a ponto de levar quatro volumes para sua família perceber que ela tem o hábito de dar uma saída e visitar outras dimensões. Apenas Noham parece vê-la como ela é e oferece seu apoio incondicional. Ela nunca se torna um ser de magia nem recebe poderes especiais, mas ler a saga significou observar Aqualuna se transformar em uma heroína independente e forte e conquistar o respeito daqueles à sua volta.

Desnecessário dizer que tudo isso repercutiu em mim, uma menina chamada de “Laminha” todos os dias por seus irmãos por causa de um acidente infeliz na infância.

Meu pai amava a série desde pequeno e decidiu apresentá-la a mim depois que eu disse a ele que livros eram chatos e que eu não imaginava por que alguém *escolheria* ler de bom grado. Logo isso se tornou uma coisa *nossa*, só eu e ele, sem envolver nenhum dos meus irmãos barulhentos e monopolizadores de atenção. Toda noite, ele vinha para o meu quarto e lia um ou dois capítulos, até que, página após página após página, me dei conta de que livros não eram *tão* ruins – na verdade, eles eram a melhor coisa do mundo. Devoramos os volumes em

poucos meses, até chegarmos ao último.

– Quando você for mais velha – disse ele –, vamos ler juntos.

Fiz biquinho.

– Por que não agora?

– Porque você ainda é muito jovem. E esse livro, Vi, é um pouco mais difícil de entender. – Ele aninhou meu rosto em suas mãos calejadas, que ainda consigo sentir às vezes, tão carinhosas e familiares. – Não se preocupe, logo você vai estar pronta.

Mas, quando fiquei pronta, Limerência era a última coisa na minha cabeça. Àquela altura, outros livros tinham surgido na minha vida, assim como jogos, faculdade, amigos e namorados. Eu me esqueci totalmente de Aqualuna e Noham... até uns anos atrás.

Quando meu pai ficou doente.

– Leia pra mim, Vi – pedia ele quando eu o visitava depois do trabalho, e pegar Limerência era tão natural quanto respirar.

Começamos pelo primeiro volume, e foi como viajar de volta ao passado. Meu amor pelos personagens, o jeito como suas aventuras me transportavam para lugares distantes, como eu me sentia próxima de Aqualuna e como fiquei interessada no sucesso e no bem-estar dela – eu me lembrei de tudo. Só que, dessa vez, fiquei apavorada de não conseguirmos chegar ao final antes de meu pai me deixar – tão apavorada que isso me tirava o sono.

Mas eu não devia ter me preocupado. Ainda me lembro da sensação de ler “Fim” em voz alta e fechar o quinto livro, um pouco em estado de choque, passando os dedos pela textura em relevo da contracapa.

– Pai?

– Sim, Vi?

– O que você acha que significa “limerência”?

– Como assim, o que eu acho?

– Eu... Não é uma palavra de verdade, é?

Sempre tinha presumido que fosse um termo inventado, como “inobstante”, “popozuda” ou “ornitóptero”. Nada muito incomum no gênero de fantasia. Mas, ao chegar ao final, fiquei confusa porque a palavra *limerência* não aparecera uma vez sequer nos textos.

– Ah, Vi... Você com certeza deveria procurar.

A risada gentil dele se transformou em um acesso de tosse, e deixei o assunto de lado. Mas, naquela noite, fui ao dicionário. E, depois disso, nunca mais consegui ver a série do mesmo jeito, porque era...

– ... esperem só.

Ouçõ as palavras ecoarem do salão de jogos e paro na mesma hora. A porta está entreaberta, mas não o suficiente para eu ver quem está falando. Mas eu conheço aquela voz.

John. O ex de Mila.

O cara da gemada.

– É o seguinte – continua ele. – Se a StarPlay tiver que escolher entre a Nephilim e a FlyButter, se chegar a esse ponto, quem vocês acham que eles vão chamar?

– Não tenho a menor ideia, cara. – Outra voz, desta vez de mulher. Ashley. – Eu sei que você quer que eu diga que eles escolheriam a Nephilim, mas a FlyButter tem feito um ótimo trabalho nos últimos tempos e...

– Não, não. Gente, raciocina comigo. Quem são os designers principais dos estúdios?

Olho para os dois lados do corredor – deserto – e me espremo mais perto da parede de madeira, atenta.

– O Jesse – responde outra voz de homem. É *aquela* cara: o programador que se envolveu numa briga com Shannon. – E, na FlyButter, é aquela garota, a Viola Bowen.

– Ela é boa – diz Ashley.

– Ela é excelente – corrige John. – Na verdade, ela deve ser a melhor na área de RPG. Mas... – Ouçõ o clangor de bolas batendo nos cantos da mesa de sinuca.

– Ela não tem experiência em combate. Sabem quem é o melhor em design de combate e também muito bom em RPG?

– O Jesse? – pergunta Ashley.

– Bingo! Então, digamos que no fim dessa semana a FlyButter e a Nephilim decidam que a gente não consegue trabalhar junto... e é *exatamente* o que vai acontecer, assim, esse retiro já está o puro suco do caos... Pra quem vocês acham que os executivos da StarPlay vão entregar o projeto? Pro time que pode fazer as duas coisas bem ou pro time que só consegue fazer uma coisa?

– É um bom argumento – diz o programador depois de uma breve pausa.

– É claro que é. Então meu conselho é: esperem só. Não se estressem com os próximos dias. Não precisam se esforçar pra se dar bem com a FlyButter, porque, se a coisa ficar como está, *a gente* vai fazer *Limerência 3*, e *eles* não vão fazer nada.

– Não sei, não. – Ashley parece cética. – Isso está mais para uma aposta. Como você pode ter tanta certeza?

– Ei, já conversei sobre isso com algumas pessoas. Todas concordam comigo.

– Você conversou com o Otto? – pergunta Ashley, meio hesitante. – E com o Jesse?

– Pode confiar – tranquiliza John. – É o que eles querem também. Espera aí. De repente, a porta se fecha, abafando as vozes lá dentro.

Eu me desencosto da parede, com as bochechas coradas de raiva. É só o que consigo fazer para não sair pisando firme com o meu descontentamento por todo o caminho até a biblioteca.

Como. Assim.

Como assim?

Fui para a pousada na boa-fé. Reclamando e choramingando, sim, mas fui até lá na intenção de encontrar um terreno neutro. E, esse tempo todo, a Nephilim estava planejando uma espécie de sabotagem bosta no estilo Scooby-Doo.

Escancaro a porta da biblioteca, ponderando se pegar um dicionário e jogá-lo na cabeça de John vai fazer com que eu me sinta melhor, mas recuo na mesma hora. Pisco uma vez, então mais uma, incapaz de processar a visão diante de mim.

A porra do Jesse Andrews está sentado no canto de leitura que eu tinha visto mais cedo, aquele que me fez ir até ali com o objetivo específico de usar, aquele em que estive pensando como “meu” na última hora. Jesse está relaxado na poltrona macia, com as pernas longas esticadas de um jeito confortável, os joelhos afastados, parecendo aconchegado demais para o meu gosto.

Tirando meus sonhos muito inapropriados, essa deve ser a primeira vez que tenho uma boa visão de Jesse sem os óculos e...

Dou um passo para trás, porque é uma situação inegavelmente *à la* Clark Kent. Não que eu concorde com essa besteira que as comédias dos anos 1990 tentaram vender de que *óculos deixam uma pessoa menos atraente*, mas, sem obstáculos entre os meus olhos e o rosto dele, não consigo não analisar toda a sua estrutura óssea, e não gosto nem um pouco disso. Não me agrada em nada saber que Jesse Andrews, um extraordinário desenvolvedor de jogos, teria uma carreira respeitável como modelo.

Eu prefiro Jesse de óculos.

Na verdade... eu preferia que ele não existisse.

– Você tá bem? – pergunta ele, atônito.

Sei por que ele está perguntando isso. Estou exaltada. Inquieta. Minhas mãos tremem tanto que preciso segurar meu livro como se fosse uma boia salva-vidas. E estou usando as roupas que costumo colocar nas manhãs de domingo para ir

ao mercado enquanto a parte aceitável do meu armário está ocupada se divertindo na máquina de lavar.

Ainda assim, ele pode ir comer merda.

– Tô um pouco puta, na verdade.

Jesse endireita a postura, pega os óculos e os coloca de novo, como se fosse para me observar com mais atenção.

– Viola? Você andou bebendo?

– Se eu andei... – gaguejo e então paro. Inspiro bem fundo pelas narinas. Ele não tem o *direito* de me chamar pelo meu nome. – Sabe, Jesse, desde o ano passado, e até antes, fiquei me perguntando por que você é tão frio comigo. Gastei uma quantidade de energia sinceramente constrangedora tentando descobrir o que fiz pra você pra merecer ser ignorada, na melhor das hipóteses, e tratada como se eu fosse um cogumelo venenoso que ousou crescer do lado de fora da porcaria do seu canteiro, na pior delas.

Uma pausa. Ele me olha, impassível.

– Eu moro num condomínio.

– E daí?

– Não tenho um jardim.

– Não estou nem aí se você... – Ranjo os dentes. – Jesse, se é assim que você e seus amiguinhos querem jogar, vou te avisar agora mesmo que tem muita gemada nesse mundo esperando pra ser derramada no colo de muitos babacas, então...

– Viola.

Ele se levanta e, num piscar de olhos, está assomando sobre mim, me fazendo ter um miniflashback do visco, quando ele olhou para mim e, por um ínfimo segundo, eu pensei que talvez nós...

– Do que você tá falando?

Dou um passo para trás e engulo em seco.

– Eu escutei os seus amiguinhos falando sobre o plano idiota de vocês.

Ele franze a testa.

– Para de me olhar como se eu fosse uma mulher maluca que tá berrando dogmas enquanto se masturba no metrô.

– Eu adoraria, mas você entrou aqui berrando sem nenhum motivo aparente. Reviro os olhos.

– Sei que vocês estão contando que a StarPlay vai escolher a Nephilim em vez da gente. Eu estava passando pelo salão de jogos e ouvi o John dizendo que vocês não têm planos de se esforçar nem um pouco pra estabelecer uma parceria com a

gente, porque vocês sabem que têm mais chances de ganhar o projeto e... ei? – Jesse vai até a porta, e eu me viro. – Espera!

Ele não para. Seu passo não vacila – pelo menos até eu alcançá-lo e segurar as costas de sua camisa.

Jesse se vira para me encarar.

– O que você tá fazendo?

Solto o tecido como se fosse uma chaleira de água fervente, meio constrangida.

– Você vai só... sair?

– Vou. Tenho que fazer uma coisa.

– Você não pode simplesmente *sair* no meio de uma conversa.

– Tem alguma lei que me proíba?

Ele olha para mim com os olhos semicerrados, como se estivesse impaciente. Tirando a vez com o visco, é o máximo de emoção que ele já demonstrou em relação a mim, e algo em mim que de alguma forma conseguiu sobreviver ao estresse e ao peso da indiferença dele por anos finalmente *quebra*.

– Sabe, Jesse, não sou radioativa. No último checkup que fiz, não testei positivo pra nenhuma doença contagiosa. Escovo os dentes com regularidade, não tô tentando convencer ninguém a investir em criptomoeda, uso desodorante e antitranspirante, nunca faço recomendações não solicitadas da Netflix pra ninguém e...

– Acabou?

Ele cruza os braços no peito, que é largo demais, e...

Sim. Eu *poderia* ter acabado. Mas agora que Jesse Andrews está diante de mim e de fato me *ouvindo*, vejo que tem mais coisas que eu gostaria de falar.

– Eu fiz alguma coisa pra você?

A pergunta escapa de mim baixinho, meio inibida. Isso me surpreende – e surpreende Jesse também, a julgar pelo jeito como seus olhos se arregalam.

– Não, não fez. – O tom dele é baixo também. – Do que você tá falando?

– Beleza. Porque, assim, talvez você não goste de mim, e é justo e sua prerrogativa, enfim. Mas você sempre age como se quisesse que eu não estivesse por perto, e *sei* que não estou só sendo paranoica, porque ouvi o que você disse na festa de noivado no ano passado e...

Risadas ecoam pela porta fechada. Algumas pessoas estão vindo pelo corredor, e a esta altura reconheço tranquilamente os donos das vozes: Ashley, John e...

Jesse se vira para ir atrás deles, mas não posso deixar que ele saia justo agora,

quando tenho alguma esperança de descobrir o motivo por trás dessa dinâmica esquisita e tensa que desenvolvemos. Sem pensar muito, eu o seguro de novo. Dessa vez, minha mão encontra seu braço, e meus dedos se fecham em torno do pulso dele enquanto o puxo de volta para mim.

– Jesse, a gente pode, por favor...

Sem esforço aparente, ele solta o braço do meu aperto e dá um passo para trás, aumentando a distância entre nós. Ele esfrega o pulso, como se tivesse sido ferido pelo meu toque. Quando finalmente encara meu rosto, suas bochechas estão vermelhas; o maxilar, tenso; e os olhos, ardendo com... alguma coisa.

A respiração dele fica um pouco acelerada. Por motivos desconhecidos, a minha também.

– Desculpa. – Meu rosto queima. – Eu não quis... Eu não estava...

Meu queixo cai quando ele se vira para sair da sala, me deixando no meio da biblioteca para imaginar o que diabos acabou de acontecer. Solto o ar devagar, esfrego os olhos com o polegar e o indicador e deixo o braço desabar ao lado do meu corpo.

E é aí que reparo.

Na poltrona que Jesse deixou vaga, ainda aberto e virado para baixo, está um livro antigo de capa dura. É claramente um exemplar muito estimado, com os cantos desgastados pelo uso constante, cheio de páginas com orelhas e post-its.

O coração submerso, diz a capa. *Saga Limerência, volume 1*.

Capítulo 6



Na manhã seguinte, antes de descer para o café da manhã, preciso implorar ativamente à minha testa que pare de ficar franzida.

Vai ser tranquilo, prometo a ela quando os músculos não relaxam. Vamos dar um jeito.

Mas não sei. Meu quarto é frio – e *fica* frio, não importa o quanto eu aumente a calefação. Passei a noite toda me remexendo e revirando, meus pensamentos uma confusão agitada de ressentimento, decepção, raiva e um medo pesado e inconsolável de que minha chance de trabalhar com a propriedade intelectual de Limerência esteja diminuindo a cada minuto. Porque o que John falou é verdade: se chegar ao ponto de ficarmos nós contra a Nephilim, a StarPlay vai escolher a opção mais completa.

E não somos nós.

Podemos conversar?, mando mensagem para Mike por volta das três da manhã. A sós. De designer-chefe pra CEO.

A mensagem dele vem logo cedo pela manhã.

É claro. Depois do café da manhã? Você vai esquiar?

Não, tenho estima pela integridade óssea
do meu crânio.

Que coincidência, eu também. Vamos conversar, então.

Eu me sento na cama, desanimada, e ouço Jesse se movendo pelo quarto dele. As madeiras estalam, seus passos vibram pela parede e ele parece

estranhamente... perto. Sólido, presente e *real*.

Eu o odeio. Ele, seu plano e a expressão atônita que fez quando o toquei, como se eu fosse uma intrusa na sua vida. Odeio estar perto dele e quero apunhalá-lo com uma lixa de unha. Ele faz mal para o meu autorrespeito e para a minha ficha criminal.

A primeira coisa em que reparo quando entro no salão de jantar é que o experimento com os cartões de lugar da noite passada foi descontinuado. A Nephilim e a FlyButter estão separadas com uma precisão cirúrgica que me faz lembrar da divisão entre meninos e meninas na aula de educação sexual do oitavo ano.

Sem muito ânimo, pego um bolinho de mirtilo e uma xícara de chocolate quente e vou me acomodar ao lado de Shannon, que ostenta a expressão alegre e cansada de quem anda fazendo uma quantidade ilegal de sexo clandestino.

Alguns assentos à direita, vejo Jesse comendo um prato pequeno de ovos. Ele enfia a comida na boca com uma eficiência implacável, sem participar das conversas rolando ao seu redor. Os óculos estão de volta e percebo os detalhes mais bobos possíveis, como a perfeição da posição deles no nariz ou as hastes que somem sob os cachinhos nas têmporas.

– Tudo bem? – pergunta Shannon para mim.

– Tudo. Eu só...

Será que conto a ela? Sobre o que ouvi ontem à noite?

Não. Não, não vou contar. Porque, se o pessoal da FlyButter descobrir, vai encarar isso como a desculpa perfeita para declarar guerra abertamente à Nephilim. E, ainda que a equipe deles mereça ter os carros riscados – ou, vamos combinar, *queimados* –, acordei com uma única convicção.

Eu *quero* trabalhar em *Limerência 3*. Quero dar meu toque pessoal ao jogo. Quero saber que filhos estão jogando com os pais. Quero poder pensar no quanto o meu filho ia adorar fazer o mesmo comigo. E, como não consigo imaginar nenhum cenário no qual uma guerra declarada entre os dois estúdios levaria ao meu envolvimento no projeto, eu...

Minha linha de pensamentos vacila e então para quando vejo Jesse tomar o que resta do seu suco de laranja e se levantar. Outros homens talvez precisem pigarrear para chamar a atenção de uma sala, mas não *esse* cara. Todos se calam na hora, olhando para a expressão sombria dele, que parece refletir meus próprios sentimentos.

– Vou direto ao que interessa – diz ele, com os braços cruzados como um segurança de boate.

Ele parece... sei lá. Bravo? Assustador? Não há nenhum vestígio da calma afável que costuma demonstrar quando fala com... bom, com pessoas que não são *eu*. Estremeço diante do seu tom de voz e, quando olho para os lados, a maioria das pessoas parece tão espantada quanto eu.

– Não tenho autoridade sobre ninguém da FlyButter. Mas sou o designer-chefe da Nephilim e, como todos sabem, cuidei da proposta de projeto pra *Limerência 3*. O que estou prestes a dizer é exclusivamente pra minha equipe, mas vou fazer isso em público, pra que *todos* nesta pousada entendam meu posicionamento.

A maioria das pessoas que se sentem inseguras ao falar em público – e sei disso porque *sou* uma delas – tem a tendência de encontrar um membro seguro na plateia e manter o olhar nessa pessoa. Mas Jesse não. Seus olhos encontram os de todos de um jeito profundamente inescapável, como se nos desafiasse a ignorá-lo ou refutá-lo. Quando fica óbvio que ninguém seria tolo de fazer isso, o olhar gélido de Jesse pousa em John.

– Já conversei com alguns de vocês sobre isso em particular. Mas não sei quem ouviu a babaquice que chegou até mim ontem, então vou deixar uma coisa bem clara.

Uma pausa. Parece que ninguém está respirando.

– Este retiro *não* é uma perda de tempo. Seu objetivo *não* é irritar a FlyButter até ela desistir do projeto e, se foi com essa impressão que alguém veio até aqui, a pessoa está convidada a voltar pra casa e abandonar o projeto. Reconheço que houve questões entre os nossos estúdios no passado, mas o objetivo é superar tudo. Se alguém não estiver disposto a fazer isso, a porta da rua é serventia da casa.

Ele aguarda antes de continuar, como se desse às pessoas a oportunidade de ir embora. Fico na dúvida se ele compreende que estamos todos paralisados por... por causa dele.

– Tem uma coisa que alguns de vocês parecem não entender: a FlyButter e a Nephilim são estúdios independentes de médio porte. Nenhuma das equipes tem capacidade de realizar um projeto do tamanho de *Limerência 3*, atendendo à visão da StarPlay, *sozinha*. Tem estúdios maiores prontos pra meter o bedelho se a gente fizer merda, então vou deixar bem claro: essa não é uma situação de nós *ou* eles. É nós *e* eles, ou alguém completamente diferente. E me permitam revelar um detalhe pessoal: eu quero trabalhar nesse jogo. E, se eu pegar qualquer um de vocês fazendo qualquer coisa que fique entre mim e o que eu quero, eu *vou* resolver a situação. *Rapidamente*.

Estremeço com a ameaça no tom de voz dele e, com isso, minha visão de Jesse Andrews e do seu papel nessa indústria se reorienta. Sempre respeitei o trabalho dele, mas, depois do que aconteceu um ano atrás, não pude deixar de encará-lo como algo além de um inimigo. Ainda assim, neste momento, ele é meu aliado – o mais forte que tenho, quem sabe.

Talvez seja por isso que, em uma decisão no calor do momento em que *me* choca também, eu me levanto.

– Como designer-chefe da FlyButter – digo, deixando meu tom assumir a mesma severidade inflexível que uso quando minha sobrinha tenta roubar no Uno –, tudo o que o Jesse disse também vale pra mim.

Reparo no olhar meio atordoado de Mila. As sobrancelhas de Ethan disparam para cima. A carranca de Kai transmite um leve sentimento de traição, mas não me importo. Eles não amam Limerência tanto quanto eu.

– E digo mais – continuo. – O objetivo não é apenas assumir esse projeto e embolsar os investimentos. O objetivo é fazer a melhor versão possível desse jogo, e a gente só vai conseguir fazer isso junto. Se há algum problema pessoal genuíno entre integrantes das duas equipes, por favor, venham até mim, e vou ajudá-los a lidar com isso. Mas, se eu ouvir alguém fazendo comentários maliciosos, sendo antagônico de um jeito desnecessário ou criando um ambiente de trabalho hostil no geral...

Minha voz vai morrendo porque... o quê? Vou fazer o quê? Não é como se eu tivesse o poder para demitir pessoas sem a aprovação de Mike e...

– A pessoa *vai* ser demitida – declara Mike, se levantando de repente.

Fico tão aliviada que eu poderia tascar um beijo nele, mesmo que esse lance todo *esteja* virando muito rápido um cenário digno de “Ó capitão, meu capitão!”.

– Que fique muito claro que apoio tudo o que foi dito – continua ele. – Se você não sabe jogar em equipe, não tem motivo pra continuar nela.

Um breve momento de silêncio se segue, no qual cada olhar se volta na direção de Otto. Afinal, ele é o CEO da Nephilim. Precisamos que ele nos apoie, e ele parece ciente disso, porque se levanta com um suspiro de resignação, encara seus funcionários e diz:

– Se vocês estragarem esse lance pra mim... Se eu pegar qualquer um de vocês provocando brigas, discussões ou sendo irritante no geral, você não vai ser só demitido, vai entrar na *lista proibida*. Eu tenho minhas merdas pra resolver. Não desperdicem meu tempo. Como sempre, vale o que o Jesse disser.

Mike encara Otto como se ele fosse um cavaleiro de armadura reluzente que tirou o elmo para sacudir sensualmente o cabelo ruivo exuberante. Leva um

minuto para ele conseguir desviar os olhos.

– Beleza. – Ele pigarreia. – Então, alguém tem algo a dizer sobre o assunto?

Silêncio.

– John? – chama Jesse. Ainda de braços cruzados. Ainda durão. – Algum comentário?

– Não – balbucia John.

Observo como cada cabeça ao redor da mesa balança de forma vigorosa, como se estivéssemos de acordo desde sempre, como se a ideia de espalhar tachinhas na cama uns dos outros nunca tivesse ocorrido a nenhum de nós.

Pela primeira vez desde que cheguei à pousada, o sorriso que se abre nos meus lábios é sincero, e penso: *Agora estamos no caminho certo.*

Capítulo 7



Estou relutante, mas me permito ter esperança de que as coisas vão dar certo.

Nosso discurso motivacional/ultimato ameaçador improvisado pode ter pegado todos de surpresa, e pode muito bem ter sido seguido de uma ou duas horas de gente pisando em ovos e agindo com uma cautela desconfiada, mas, com algumas atitudes custosas, podemos superar esse cenário.

– Preciso de ajuda – digo a Ethan e Shannon quando eles me encurralam num canto depois do café da manhã para perguntar se troquei de corpo com um homem das neves. – Por favor, vocês dois podem tentar quebrar o gelo e interagir com gente da Nephilim que não odeiam? Façam isso por mim. Eu limpo o micro-ondas do lounge pelo próximo mês.

– Três meses – rebate Ethan.

Eu o encaro fixamente.

– Que tal uma semana e não falo pro Mike te demitir?

Ele baixa a cabeça para esconder um sorriso.

– Seu desejo é uma ordem, Vossa Majestade.

E eles fazem o que peço.

Pouco tempo depois, vejo os dois indo para as pistas de esqui de alto nível de dificuldade com Otto, Jesse e uma porção de outras pessoas e jogo um beijo para Ethan. Ele finge pegá-lo no ar e colocar no bolso, o que faz Shannon balançar a cabeça, se divertindo, e Jesse desviar o olhar.

Nossa cafonice é constrangedora demais para ele, e não posso culpá-lo.

Nunca tive intenção de me aventurar fora da pousada, mas, quando Clara e outro engenheiro da Nephilim perguntam se quero ir com eles para uma das

pistas mais fáceis, aceito a oferta de amizade. Passamos a manhã abrindo caminho em meio à neve em uma superfície praticamente horizontal, três adultos cercados por um bando de crianças de 8 anos. Não é a ideia preconcebida que tenho de “diversão”, mas descubro que na verdade curto ser horrível em uma coisa ao lado de pessoas que são tão horríveis quanto eu. À tarde, me recolho diante da lareira no mezanino com *O coração submerso*, tentando não pensar no seu exemplar gêmeo, aquele que também está de férias sob este mesmo teto.

É a sétima vez que releio o livro em sete meses. Na verdade, a esta altura, já li tantas vezes a série que provavelmente poderia recitá-la de cor. Não é porque eu gosto da história e adoro revisitar os personagens – embora eu goste mesmo. O problema é que não consigo me livrar da sensação de que estou deixando passar alguma coisa. Tenho muito orgulho das ideias que apresentei para a StarPlay referentes a *Limerência 3* e sei que sou a pessoa certa para projetar o jogo. Ainda assim, posso fazer melhor. Porque, neste momento, tem alguma coisa que não está certa.

O mais importante para mim é Aqualuna. Quero que o jogo celebre a força dela. Quero mostrar como ela é formidável, independente e resiliente. Quero que seu amor por aventura inspire os outros tanto quanto me inspira. Ainda assim, sinto que tem algo nela que me escapa – como se a versão dela que propus fosse um fiasco. A Aqualuna que criei para o jogo carece de uma qualidade que a Aqualuna do livro tem aos montes, mas não consigo identificar direito o que está faltando, e preciso dar um jeito nisso antes de iniciar a produção.

Então passo a tarde relendo. *De novo*. Tomo mais ou menos uns dez litros de chocolate quente, sorrindo enquanto estudo os pequenos marshmallows em forma de estrela flutuando na superfície da caneca.

Quando o grupo que saiu para esquiar na pista difícil retorna, o sol já está se pondo. Ergo a cabeça do livro por um momento e, ao espiar do mezanino, fico aliviada por vê-los rindo e brincando entre si enquanto penduram os esquis no suporte.

Mais tarde naquela noite, depois de um jantar deliciosamente livre de incidentes, alguns de nós ocupamos uma das salas multimídia e maratonamos filmes de Natal comendo pipoca.

– Credo – reclama Kai depois de pegar uma porção da minha pipoca. – Por que você não come direto um espetinho de manteiga salgada?

– Eu comeria – respondo com a boca cheia. – Mas com a pipoca fica mais fácil de pegar.

Deixo a sala antes do começo do terceiro filme e Mike me acompanha,

bocejando. Estamos no meio de uma discussão animada sobre se os gatos da raça Sphynx são absurdamente fofos (eu) ou horripilantes goblins enrugados com orelhas de elefante (Mike) quando Ashley surge correndo na nossa direção.

Seus passos são cambaleantes, e o olhar, suplicante.

– Ainda bem que vocês estão aqui. Podem me ajudar?

Mike e eu trocamos um olhar intrigado. Mas, a julgar pelo balanço de Ashley, duvido que ela esteja em condições de reparar.

– Tá tudo bem? – pergunta Mike. – Precisa de um copo d’água, quem sabe...?

Ele se cala enquanto a seguimos até uma sala ali perto. É um dos cômodos menores, equipado apenas com uma TV, um sofá e algumas poltronas, mas ela não está vendo um filme. Reconheço na hora o caubói na tela e sorrio.

– Você tá jogando *Red Dead Redemption 2*? É meu favorito e... Ah.

De cara, a única coisa que vejo é o cabelo despontando por cima do sofá, o tufo laranja-avermelhado tão característico que só poderia ser de Otto. Então avisto a segunda mecha de cabelo mais escuro ao lado e o PlayStation conectado à TV de LED.

Dou a volta no sofá, meio que esperando encontrar Jesse e Otto desmaiados. Na verdade, eles estão conscientes e muito ocupados brincando de pega-pega de um jeito grotescamente letárgico, ou seja, apenas parados cutucando o braço um do outro em intervalos alternados. De vez em quando, eles caem na gargalhada. E estão engajados demais na atividade para prestar atenção em mim ou em Mike.

– O que aconteceu? – sussurro.

Então meus olhos vão parar nas três garrafas abertas em cima da mesa de café, e a pergunta soa boba. Parece estar faltando bastante em cada garrafa. Eu me curvo para ler os rótulos: vodca, vermute e algo de que nunca ouvi falar antes chamado “sambuca”.

– É álcool à beça.

– A culpa é minha – diz Ashley, se apoiando na parede para se escorar. – A gente brincou de um jogo de beber.

– Que jogo?

– Tomar uma dose sempre que o Dutch chamar alguém de “filho”.

Solto uma gargalhada.

– Foram *muitas* doses.

– É.

– Você parece estar muito melhor que eles – observa Mike.

– É. É porque eu sempre trapaceio e paro de beber muito antes deles. Mas, como já estavam bêbados, nem perceberam.

Mike e eu trocamos outro olhar: ele, meio julgador; eu, admirando a ousadia dela.

– Eles, hã... – Mike coça o queixo. – Eles precisam de cuidado médico?

– Ai, credo, não. A gente *sempre* faz isso.

– Vocês sempre brincam de jogos de beber com *Red Dead Redemption 2* – repito, cética, me encostando na parede.

– Claro. Você não?

– Não posso dizer que sim.

Ela faz um gesto de dispensa com a mão, como se eu estivesse falando absurdos.

– Enfim... O próximo passo costuma ser cair no sono onde quer que estejam, então... Podem me ajudar a carregar os dois até os quartos deles?

Mike franze a testa.

– Hum, tá. Mas tem certeza que...

– Valeu! – Ashley se curva para abraçá-lo e tasca um beijo na bochecha dele.

– Vocês são os melhores. Boa noite!

Só ficamos assistindo enquanto Ashley dá o fora da sala, caminhando de um jeito bem mais estável do que antes.

– Acho que não gosto dela – murmura Mike.

– Acho que ela não está nem aí pra isso.

Suspiro, e nós dois ficamos diante do sofá, com as mãos nos quadris, analisando a cena. A parte da noite em que eles caem no sono parece já ter começado. A frequência de cutucões caiu a zero, e Jesse e Otto estão esparramados de costas, com a cabeça pendendo para trás acima das almofadas. Os dois estão de olhos fechados.

– Você acha que eles apagaram? – pergunto. – E uma pergunta complementar: sei que a gente recentemente negociou um acordo de paz com a Nephilim, mas seria de mau gosto tirar fotos muito comprometedoras deles e disseminar na internet pra...

– Ele é muito fofo – interrompe Mike, claramente sem ouvir uma palavra do que estou dizendo.

Sigo a direção do seu olhar e vejo que ele está observando Otto. Otto, cuja boca está aberta e que visivelmente babou no próprio moletom. Também tem algo que parece meleca na sua bochecha direita, mas vai saber. Poderia ser uma verruga.

– Então o Otto é fofo, mas os gatos Sphynx não? – murmuro, descrente, mas Mike parece determinado a me ignorar para se dedicar a outras atividades mais

interessantes, isto é, afastar com carinho o cabelo de Otto da testa dele.

Credo.

– Cara, é sério? Quantas vezes vocês voltaram e terminaram?

– Só umas cinco ou seis. Sete se contar a noite na GameCon quando...

– Quer saber? Não precisa dar detalhes. Foi uma pergunta retórica.

– É – concorda Mike. – Não temos tempo. Precisamos levar os dois pra cama.

Solto uma risada pelo nariz – e aí me dou conta de que ele não está brincando.

– Quê? Por quê?

– Porque sim.

– Porque sim por quê? Tem aquecimento aqui. Só tem a gente de hóspede na pousada, então não é como se eles fossem ser furtados ou sequestrados e vendidos para tráfico sexual. Podemos pegar alguns cobertores e...

Devo ter falado um pouco alto demais. Otto nem se mexe, mas os olhos escuros de Jesse se abrem devagar. Ele tenta se endireitar, e vários cachos caem na testa, criando de alguma forma a imagem perfeita do caos sofisticado. Como ele consegue parecer um nerd que também é atleta que também é *poeta*?

– Viola – diz ele.

Ele fala com a voz arrastada de um bêbado, grave e rouca.

Eu suspiro.

– É. Sou eu.

Ele murmura alguma coisa, algo que soa como *sonho bom*, mas não consigo discernir mais nada. Seus lábios carnudos estão levemente entreabertos, e há quase uma serenidade no jeito como ele me encara. Seus olhos, em geral cortantes, parecem vítreos, confusos, mas as bochechas estão tão vermelhas que me lembram do nosso encontro ontem à noite.

Quero tocar nelas. Ver se irradiam calor tanto quanto espero.

– A Viola vai te levar pro seu quarto – diz Mike, se curvando para passar o braço de Otto pelo próprio pescoço. – Beleza, Jesse?

Jesse assente com a clareza de uma preguiça que acabou de acordar de um sono de 25 anos e fico sem palavras por tempo suficiente para que Mike erga Otto e o carregue até a porta.

– Espera aí – digo. – Otto tem metade do peso do Jesse. E eu peso menos que você, então faria muito mais sentido que eu...

– Não esquece de colocar um balde ou algo assim perto da cama dele! – grita Mike antes de virar no corredor. – Pro caso de ele passar mal.

A sala fica silenciosa, e fico ali sozinha, como a boba que sou.

Ou... não tão sozinha.

Meus olhos vagam até Jesse, que parece ter adormecido, desta vez com a cabeça pendendo para a frente.

– Merda – murmuro.

Pelo menos ele é um bêbado mais gracioso do que Otto. Sem meleca nem baba. Peso os prós e contras de deixá-lo aqui para sufocar no próprio etanol e, no fim, o fator decisivo é simplesmente que, apesar de todos os anos de *esquisitice* entre nós, o que ele fez hoje de manhã pode ter salvado meus sonhos com Limerência.

– Ei – digo. Quando não há resposta, começo a cutucar os bíceps dele, que, devo admitir, parecem os bíceps de alguém que faz triatlo e tem opiniões sobre ácido láctico. – Você consegue... Jesse? Consegue levantar?

Ele ergue a cabeça com esforço. Acho que é um bom sinal.

– Você adormeceu no sofá, então vou te levar pro seu quarto lá em cima, tudo bem? Você consegue andar? Posso ajudar você a se equilibrar, mas você é pesado e...

– Viola – diz ele de novo, e desta vez soa ofegante.

Por qualquer motivo que seja, o tom faz minhas bochechas queimarem.

Sinceramente, talvez ele seja melhor bêbado do que sóbrio. Algumas pessoas ficam agressivas quando exageram, mas Jesse é dócil e, depois que descubro como apoiar seu braço nos meus ombros, o processo de arrastá-lo até a cama corre bem.

Tento não pensar muito no dia anterior e na expressão dele quando minha mão se fechou ao redor do seu pulso. Acho que ele não gosta que toquem nele. *Mas, tecnicamente, você só está tocando nele por cima do suéter*, penso enquanto o induzo a subir a escada, sentindo seu calor enquanto ele se apoia contra a lateral do meu corpo. Essa talvez seja nossa interação mais agradável até o momento, mas ainda assim conta, mesmo que Jesse passe a maior parte dela inconsciente.

A disposição do quarto dele é exatamente igual à minha: uma cama enorme com dossel, janelas imensas que dão para uma sacada e uma área de estar com uma mesinha redonda e duas cadeiras. Não fico nada surpresa ao constatar que ele é meio que um maníaco da arrumação; o quarto dele não parece ter sido assolado por um furacão como o meu.

– Mais dois passos e a gente chega na cama – digo a ele, um pouco sem fôlego por estar sustentando seu peso.

Jesse parece murmurar em concordância e, quando sua coxa atinge o

colchão, ele se larga de costas. Seus cachos, só um pouquinho compridos demais, quicam no travesseiro. Tiro os sapatos dele e ergo suas pernas para cima da cama.

– Você me deve uma – digo, embora ele não vá se lembrar de nada disso.

Coloco a lata de lixo mais perto da cama, acendo a luminária da mesa de cabeceira e me preparo para sair. Sinto que estou realmente retribuindo o ato dele de mais cedo. Então, de repente, sua mão se fecha ao redor do meu pulso. Isso me assusta, e tropeço no tapete felpudo, perco o equilíbrio e caio de bunda na beira da cama.

– Merda, eu...

Os dedos de Jesse são quentes e firmes na minha pele, seu aperto forte o bastante para me segurar ali. Bêbado do jeito que ele está, eu poderia me livrar sem muito esforço, mas, quando olho para baixo, vejo Jesse me encarando com uma expressão serena e contemplativa que me faz hesitar por um instante.

– Você... precisa de alguma coisa? Posso buscar água pra você se...

Deixo a voz morrer quando ele solta meu pulso.

Minha pele parece fria, como se já sentisse falta do seu toque, embora talvez não seja isso. Talvez o que me deixe arrepiada seja a parte de trás dos seus dedos subindo pelo meu braço nu, um movimento sem pressa, leve e com propósito, que continua até chegar ao meu ombro e do nada... para.

– Você – diz ele, e acho estranho que, de repente, sua voz pareça incrivelmente sóbria. – Você é a coisa mais linda que eu já vi.

Uma onda de calor sobe pelo meu peito. Solto uma risada de nervoso pelo nariz para refreá-la.

– Você deve estar me confundindo com outra pessoa e...

A mão de Jesse sobe do meu ombro até o meu queixo, e, simples assim, sinto o calor da sua pele outra vez. Seu polegar para nos meus lábios, se demora ali, e... mal consigo continuar a falar com o seu dedo sobre a minha boca.

– Viola – sussurra ele.

O tempo fica mais denso. Mais lento. Não há mais ar no espaço entre nós, e uma tempestade explode no meu peito. O polegar de Jesse acaricia meu lábio inferior de um lado para o outro, e há um quê de desejo, vontade e avidez no seu olhar que não consigo compreender direito. Até que ele retorce os lábios em um meio sorriso triste e diz:

– Não penso em nada que não seja você desde a primeira vez que te vi.

E, com isso, Jesse fecha os olhos, deixa a mão cair de volta ao lado do corpo e mergulha num sono profundo.

Capítulo 8



Eu *com certeza* não fico encarando o teto por horas, pensando no que aconteceu.

Nada disso.

E, se fico, deve ser só por causa de todo o chocolate quente que tomei ao longo do dia – contém cafeína, me informa uma busca no Google às três da manhã. Ou talvez seja o frio do quarto, que penetrou a minha medula óssea e parece ter se tornado parte do meu corpo, apesar dos cobertores, da lareira e das camadas de roupas que vesti.

Não tem *nada* a ver com Jesse, que com certeza *não* quis dizer o que disse. Ele estava bêbado. Meio adormecido. Fora de si.

Mas ele disse seu nome, sussurra uma vozinha no meu ouvido. *Viola*. Com o mesmo tom preciso e específico que ele talvez usasse para me informar que a atualização em vigor do meu jogo está repleta de bugs e causou problemas de lentidão consideráveis. Ele falou “*Viola*”, e me olhou, e me tocou. Simples assim. *Ele falou que você era linda*.

Ele também te ignorou por cinco anos e declarou que não queria nada com você, sugere uma voz mais sensata e menos tentadora.

Ela sem dúvida tem certa razão.

Acabo adormecendo nas primeiras horas da manhã e acordo tarde, grogue e ansiosa. Do lado de fora da minha janela, a neve cai, flocos grandes e silenciosos que parecem que vão grudar no chão, até mesmo para os meus olhos meteorologicamente inexperientes. Fico querendo saber se a precipitação recente vai fazer mais pessoas ficarem dentro da pousada e evitarem as pistas de esqui. Então dou uma olhada nas minhas mensagens, encontro uma de Mike e percebo

que a pessoa que mais quero evitar não vai esquiatar no fim das contas.

Vamos fazer uma reunião no começo da tarde: Otto, Jesse, você e eu. Vamos nos certificar de que estamos na mesma página sobre Limerência 3 e apresentar uma frente unida para a equipe caso eles tenham dúvidas.

Fecho os olhos e me sento na lateral da cama até que esteja tremendo de frio.

O café da manhã não está mais sendo servido quando chego ao salão de jantar, então me viro com café frio, um bagel meio amanhecido e uma geleia de uva de aparência suspeita. Estou sozinha à mesa quando Ethan chega e se senta diante de mim. Ele olha furtivamente ao redor, como se estivesse com medo de estar sendo seguido, e então se inclina para sussurrar:

– A gente precisa conversar.

Pisco, largando o que sobrou do meu café da manhã. Está ruim, de todo modo.

– Beleza.

– É um assunto meio delicado.

– Hum. Beleza? – Hesito. Ethan costuma ser mais direto do que isso. É por isso que gosto dele. – Tem alguma coisa a ver com a Shannon?

– Não. Bom – emenda ele, inclinando a cabeça –, tem. Em parte. Indiretamente.

Ai, meu Deus. Isso não tem como ser bom.

– Beleza. Só pra avisar, se tem alguma coisa a ver com a sua vida sexual, talvez eu não seja a melhor pessoa pra pedir conselho, porque acho que não quero ter uma imagem mental de você e Shannon fazendo coisas que têm a ver com, sei lá, pés ou algemas ou...

– Você andou dizendo pras pessoas que a gente tá namorando? – pergunta ele, parecendo seriíssimo.

– Quê? Não. Eu sei que você e a Shannon decidiram manter segredo, e...

– Não, quer dizer... Eu e você. Você andou dizendo pras pessoas que *eu e você* estamos namorando?

Não sei o que eu esperava, mas não era *isso*.

– É o quê?

Ele esfrega o queixo com a palma.

– Beleza, eu sei que isso vai parecer ridículo, mas... tem gente que acha que você é minha namorada. E que eu sou seu namorado. E assim... sei que às vezes falamos que você é minha esposa do trabalho e brincamos desse tipo de coisa por causa das noites até tarde no escritório, mas eu queria ter certeza que...

– Quê... quem? Quem acha isso?

– Bom, a julgar pelo jeito como ele me encurralou contra a parede, o Jesse Andrews.

Abro a boca para responder, mas não sai som algum por um bom tempo. Quando minha voz finalmente volta, não passa de um chiado.

– Por que ele... por que ele faria isso?

Ethan dá de ombros.

– Ele viu Shannon e eu de mãos dadas. E talvez nos beijando? Hoje de manhã, a gente saiu pra dar uma caminhada, aí, quando voltou, achou que tava sozinho e... aí a Shannon voltou pro quarto dela pra tomar banho e... – Ele esfrega a nuca, claramente chateado. – Eu nunca tinha visto o Jesse assim. Sempre achei que ele era um cara de boa... quer dizer, a gente tava esquiando ontem junto e se divertindo à beça, e...

Estou boquiaberta.

– Mas... o que isso tem a ver com o lance de eu ser... ou não ser... sua namorada?

– Esse é o problema. Quando ele me encontrou sozinho em uma das salas e fez uma carranca tão feia que achei que talvez fosse cagar as calças, ele disse, e estou basicamente citando, que, se eu sou o tipo de merda que vai trair a companheira enquanto ela tá dormindo sob o mesmo teto, eu poderia pelo menos fazer um esforço pra não ser flagrado. Aí ele me lembrou de que você tava lá em cima, e poderia ter descido a qualquer momento, e como você ficaria magoada e...

– Mas como assim? – quase berro, e Ethan faz um gesto frenético para que eu fale baixo.

– Ei, vamos tentar ser discretos.

Estou perplexa demais diante do que ele está dizendo para comentar que estamos sozinhos. Eu me inclino na direção dele por cima da mesa e sussurro:

– Eu nunca falei ou dei a entender que você e eu estávamos namorando. Menos ainda pro Jesse. Mal converso com ele.

Você conversou ontem à noite, murmura a vizinha. E na noite anterior.

É, responde com rispidez a outra voz. E olha só a confusão que deu.

– Beleza, eu achei que não. Quer dizer... não sei por que tô perguntando. Eu sei que você não faria isso. – Ethan dá de ombros. – O Jesse deve ter presumido. Quer dizer, eu e você temos *mesmo* a tendência de ficar grudados em convenções, mas é porque você tem um gosto impecável na hora de escolher painéis.

Dou um sorrisinho para ele.

– Igualmente.

Ethan tem razão. Jesse deve ter *presumido*, baseado em fontes do tipo *vozes da minha cabeça* e em evidências circunstanciais. É a única explicação razoável.

Ou seria a única se isso não demandasse um nível de atenção aos meus hábitos que não consigo imaginar Jesse tendo. Ele não tem interesse em mim a ponto de sequer *imaginar* como seria minha vida amorosa.

Ou, pelo menos, era nisso que eu acreditava até a noite passada.

Não penso em nada que não seja você desde a primeira vez que te vi.

– Que bom que a gente resolveu isso. – Ethan parece aliviado. – Sabe, eu nunca teria imaginado que ele seria esse tipo de pessoa, sabia?

– Que tipo?

– Do tipo que me ameaçaria porque achou que eu tava traindo uma garota que ele nem conhece direito. Parece meio... primitivo?

– Primitivo – repito.

– É. Essa merda ultraprotetora, quando ele praticamente ordenou que eu contasse a verdade pra você? Nada a ver *mesmo* com o Jesse.

– Beleza – digo, baixinho.

Minha mente está um turbilhão esquisito, me deixando tonta.

Você é a coisa mais linda que eu já vi.

– Aliás, acabei contando pra ele – acrescenta Ethan. – Não teve jeito.

– Contando o quê?

– Que a gente não tá namorando. Que eu e a Shannon estamos ficando há semanas e estou apaixonado por ela. Não é esquisito que eu tenha contado pro Jesse antes de falar com a Shannon? – Ethan balança a cabeça, achando graça. – Mas é verdade. Acho que eu também não tinha admitido pra mim mesmo até agora, mas o Jesse é tão alto e parecia tão puto, e eu não quis arriscar e... sei lá, talvez tenha sido bom ele ter feito isso. O pânico deixou algumas coisas mais evidentes pra mim, sabe?

– O que ele... – Minha boca está seca como o deserto. Preciso engolir em seco antes de continuar: – O que foi que ele disse? Quando você contou pra ele?

– Nada. Ele se desculpou e foi embora. E parecia... meio abismado, pra ser sincero. Como se eu tivesse dito a ele que o Papai Noel e os duendes não existem de verdade.

Eu me recosto na cadeira. Ethan muda para um assunto tangencialmente relacionado, algum jogo irlandês de leprechaun que ele descobriu outro dia e é “uma insanidade total”, e eu preciso muito jogar, mas não estou mais prestando

atenção.

Porque a única coisa em que consigo pensar é na voz de Jesse quando ele disse: “Viola.”



Depois da conversa com Ethan, procuro Jesse em todos os cantos da pousada, mas não o encontro em lugar algum. Estou convicta de que ele está me evitando. Quando chega a hora da nossa reunião, tenho tanta certeza de que ele não vai aparecer que me retraio fisicamente quando o vejo já sentado à mesa de carvalho clara.

– Você deu de cara com uma aranha ou algo assim? – pergunta Otto naquele seu costumeiro tom sarcástico, que, estou começando a entender, é seu *único* tom.

Que infelicidade para ele e para o resto de nós.

– Não – respondo.

Mike aponta para a cadeira ao lado dele.

– Senta, Vi.

Jesse está diante de mim, bebericando tranquilamente uma xícara de café fumegante. Eu o observo com desconfiança, querendo que ele encare meus olhos, mas, mesmo quando ele faz isso, sua expressão é inescrutável. Nada em seu comportamento, postura ou tom indica que, algumas horas atrás, ele praticamente segurou a cabeça de Ethan acima de um vaso sanitário porque desconfiou que ele estava me traindo.

Fascinante, penso quando Jesse começa a reunião mostrando alguns designs no seu tablet e apresentando algumas das suas ideias sobre como adaptar melhor os aspectos da história de Limerência a diferentes fases, missões, recursos e personagens. Está evidente que Otto fica *bem* à parte – uma figura financeira e logística em vez de uma força criativa por trás dos jogos produzidos pela Nephilim –, e, quanto mais ouço Jesse, mais feliz fico com isso.

Porque Jesse Andrews *entende* de verdade.

Limerência 1 e *2* foram bons jogos temperados com momentos de grandiosidade, mas tinham diversas limitações, e a primeira delas era o fato de que usaram a construção de mundo e o sistema de magia dos livros para criar histórias completamente novas com personagens inéditos. Jesse, como eu, não tem intenção de fazer isso e planeja ficar muito mais próximo do material original.

Saber disso faz meu coração bater mais rápido.

Preciso falar com você, penso para ele. A sós. Agora mesmo. Preciso te perguntar... tantas coisas.

– Quatro atos pode ser ambição demais – comenta Jesse –, mas acho que a StarPlay não se oporia a mirarmos na Lua.

– Você está mesmo decidido a fazer dois personagens jogáveis? – pergunta Mike, franzindo a testa.

Jesse assente.

– É a melhor opção.

– E seriam o feiticeiro e a humana, certo?

– Isso.

– Espera aí. – Ergo o dedo para interrompê-lo. – Na sua proposta, você quer que a Aqualuna e o Noham sejam jogáveis?

– Você não?

Jesse parece tão surpreso quanto eu.

– Bem... A saga é do ponto de vista da Aqualuna – falo.

Ele assente.

– E?

– E...

Fico quieta.

E?, pergunto a mim mesma, me recostando na cadeira para pensar. Sempre idealizei a saga Limerência principalmente como a história de Aqualuna e ainda a vejo assim. Mas não quer dizer que Noham não tenha o próprio arco nos livros. Podemos não ter estado diretamente dentro da cabeça dele, mas ele e Aqualuna têm tantas conversas demoradas, compartilham um espaço tão vasto nas páginas, que ele é tão protagonista quanto ela.

Mas tê-lo como personagem jogável mudaria por completo a estrutura narrativa. Ia demandar...

– Não sei, não. – A voz de Otto interrompe meus pensamentos. – A gente podia facilitar muito a nossa vida se tivesse só um personagem jogável.

– É – concorda Mike. – Pra ser sincero, o papel do Noham é muito complicado, seria um saco adaptar o personagem até como NPC. A gente podia cortar o feiticeiro de vez e dar à garota outros parceiros, talvez um personagem dos dois primeiros jogos, e...

– Não – respondo.

Tão rápido e firme quanto Jesse.

Mike olha para nós dois, com um quê de traição no olhar, como se

estivéssemos nos unindo injustamente contra ele.

– Beleza. – Ele dá de ombros. – Se preferirem, podemos cortar a Aqualuna e colocar o Noham como o...

– Não – dissemos em uníssono, com tanta veemência que Mike se encolhe na cadeira.

– Qual é o problema de vocês?

– Qual é o problema da *gente*? – debocho.

Mike franze a testa.

– Não é como se você sempre tivesse a intenção de tornar o Noham um personagem jogável, Viola.

– Não, mas eu jamais sonharia em cortar o Noham, muito menos a Aqualuna.

– Olha, só tô tentando ser pragmático.

– Você leu os livros? – pergunta Jesse, que, em geral simpático, parece tão cheio de desprezo quanto eu.

– Eu... sim. Um tempo atrás. Eu ia reler, mas só consegui ler os três primeiros. Ou, hã, dois e meio, e... eles são muito *prolixos*.

Jesse suspira, transmitindo meus sentimentos com precisão.

– Sem o Noham ou a Aqualuna... Sem o Noham *e* a Aqualuna juntos, não tem história – declara ele com firmeza. – Foi isso que os dois primeiros jogos nunca entenderam, e é por isso que precisamos de um terceiro. A limerência do título é deles. O que torna a série especial não são os monstros nem os feitiços, mas o relacionamento entre os dois protagonistas. Se perdemos os dois, perdemos o espírito do material. Seria o mesmo que adaptar outra coisa, ou elaborar um jogo do zero.

Mike inclina a cabeça para o lado.

– Isso parece um exagero.

Jesse estreita os olhos.

– Você sabe o que significa “limerência”?

– Não posso dizer que sei.

– É amor não correspondido. O ato de desejar alguém que você nunca poderá ter. Já passou por isso?

Mike cora.

Otto desvia o olhar.

E eu... eu me vejo dando sequência ao pensamento de Jesse.

– Ao longo da série, Noham e Aqualuna passam por aventuras juntos. Eles começam como aliados contra a vontade, depois ficam amigos, depois se

apaixonam. A maioria dos leitores acha que a história está levando os dois rumo a um final feliz, mas, no último capítulo do quinto livro, descobrimos quem eles são *de verdade*.

– E quem eles são? – pergunta Otto.

– Amantes reencarnados. Que passaram inúmeras vidas juntos, mas estão destinados à infelicidade eterna. Eles foram amaldiçoados por causa dos delitos dos seus ancestrais. Cada vez que renascem, apenas um é capaz de se lembrar das vidas anteriores. Essa pessoa carrega o fardo de saber que vai morrer no exato momento em que o outro confessar seu amor.

Jesse assente. Seus olhos mostram o mesmo leve traço de surpresa que estou sentindo. É como se estivéssemos pensando: *Você também? Você ama esses livros tanto quanto eu? Você entende, não é?*

– Na série – explica Jesse –, o Noham reconhece a Aqualuna como seu verdadeiro amor no segundo que eles se encontram. Mas ele sabe da maldição, sabe que, no momento que ela declarar seu amor, ela vai se lembrar das vidas passadas deles. Ele vai morrer, e ela vai ficar sozinha pelo que resta da vida.

– E *isso* – continuo – vai desencadear um novo ciclo. Na próxima vida, vai ser a Aqualuna quem vai ter poderes mágicos, e o Noham quem vai ser humano, e ele só vai se lembrar dos encontros anteriores dos dois quando declarar o amor *dele...* e então ela vai morrer.

Otto faz uma careta.

– Credo, que porra deprimente.

– Não é – diz Jesse com simplicidade.

Seus olhos encontram os meus por uma fração de segundo, mas é o bastante para me deixar sem ar. Termina tão rápido que fico achando que foi coisa da minha cabeça e, quando tento analisar o rosto dele, Jesse está mais uma vez olhando para o tablet, abrindo um diagrama referente à estrutura de fase, o que significa que passamos para o próximo tópico. Ainda assim, ele acrescenta, mais baixo, como se fosse só para si:

– É uma ode ao poder duradouro do amor. Ao desejo e ao fato de que o sentimento pode sobreviver pelo mais vasto dos tempos. Mesmo sem ter se concretizado.

Capítulo 9



Depois que a reunião termina, estou morrendo de vontade de conversar com Jesse a sós, mas Mike – dotado com o excelente timing de um cara das finanças que compra uma porção de ações um dia antes de o mercado quebrar – me pede ajuda para escolher um item da lista de presente de casamento do primo. Quando terminamos de rolar a tela por quilômetros e quilômetros de fotos de toalhas, olho em volta, mas Jesse já foi embora e...

Não, droga.

Corro em direção ao meu quarto, passando direto por Kai, Manny e Mila, todos embrulhados em casacos de inverno, gorros grossos e luvas de esquí.

– Ah, Vi, você tá aqui! A gente vai dar uma volta na neve, já que parece que a nevasca não tá tão intensa. Quer vir com a gente e...

– Não tenho tempo – respondo, correndo escada acima.

Quando estou diante do quarto de Jesse, não hesito. Bato, sem dúvida com mais força do que o necessário, e endireito os ombros quando ouço os passos dele até a porta. Ele arregala os olhos quando me vê, mas só por um segundo. Então sua expressão se transforma em algo impenetravelmente agradável.

– Oi. Posso te ajudar?

Passo por baixo do braço que segura a porta aberta, entro no quarto e fico no meio do cômodo. Quando me viro, a testa de Jesse está franzida em confusão.

– O que você tá fazendo? – pergunta ele.

– Pode fechar a porta, por favor?

Ele solta uma única risada perplexa.

– Isso é uma coisa que você costuma fazer? Entrar no quarto de alguém e

começar a exigir coisas da pessoa?

– Como quiser então. – Respiro bem fundo, umedeço os lábios e vou direto ao ponto. – Você gosta de mim?

Ele fica imóvel. Absoluta e *completamente* imóvel, como se seu coração tivesse parado de bater e seus pulmões tivessem suspenso os movimentos, e, por uma porção de segundos, fico um pouquinho preocupada de talvez ter quebrado Jesse Andrews. Ou ao menos ter avariado o sujeito gravemente. Mas, depois de um tempo, ele aperta os lábios e então fecha *mesmo* a porta atrás de si.

– Viu? – Eu me recosto em um dos postes da cama enquanto o alívio se espalha pela minha barriga. Espero parecer mais corajosa do que me sinto. – Achei que você talvez quisesse um pouco de privacidade pra isso.

– Achou, é?

O tom dele é seco, e fica parecendo que ele está protelando, tentando ganhar tempo, então pergunto outra vez:

– Você gosta de mim?

Ele parece muito calmo, mas não está. *Sinto* isso nos ossos.

– Por que você acharia isso?

– Porque você me falou. Ontem à noite. – Ele pisca, confuso. – Sabe como você chegou à sua cama depois de *Red Dead Redemption*? – Aponto com o polegar para o peito. – Foi um feito desta moça aqui. Aliás, você é pesado à beça.

Ele arregala os olhos, dessa vez preocupado.

– Eu toquei em você? Se eu fiz alguma coisa que você...

– Não, nada nem perto disso. Você confessou, *sim*, que... – Dou de ombros. Acho que não tenho vocabulário para isso. – Sentia algo por mim, por falta de termo melhor. Achei que você só estivesse bêbado, mas aí descobri hoje de manhã que você atacou o Ethan por, em tese, estar me “traindo”...

– Eu *não* ataquei o Ethan.

– Que seja. Detalhes.

Jesse revira os olhos, cruzando os braços.

– Ele é sempre tão dramático assim?

– É.

– Eu mal falei com ele.

Aceno com a mão num gesto de impaciência e continuo, tentando soar calma e racional, ainda que isso esteja longe da verdade:

– O lance é que, desde que a gente se conheceu, você age de um jeito tão obstinadamente indiferente em relação a mim que, se 24 horas atrás alguém me perguntasse se você tinha interesse em mim, eu teria rido na cara da pessoa. E

não vou nem entrar no incidente do visco e no fato de que você falou pro meu primo que não queria nada comigo. Porque, sim, eu escutei aquilo. Mas aí ontem à noite você mencionou algo sobre...

Não consigo me obrigar a dizer: *Sobre mim, sobre eu ser linda. Sobre me querer.* Então continuo com:

– Sobre a minha aparência. E hoje de manhã você ameaçou o meu amigo... é, ele é só um bom amigo, sempre foi... e, bom, espero que você me perdoe por passar a impressão de ser convencida, mas acho que você consegue entender por que não consigo deixar de me perguntar se você... – paro, sustentando seu olhar por um instante – ... gosta de mim.

No fim, não preciso de uma resposta. Não de uma verbal, com certeza. Não com o jeito que Jesse está me olhando, com olhos escuros e límpidos e, ao menos uma vez, tão, *tão* fáceis de ler. Este homem pode se esconder, se esquivar e recuar, mas não é um mentiroso. E a verdade está ali, no seu rosto, para que eu veja, analise e me maravilhe.

– Beleza – murmuro. Minha voz soa estranha e rouca aos meus ouvidos. – Achei que sim.

Ele fecha os olhos, passando a mão pelo cabelo. Meu cérebro registra o movimento, e a única coisa em que consigo pensar é como seus cachos parecem macios.

– Viola, eu...

Ele. Ele... *alguma coisa.* À medida que o tempo passa devagar, e o silêncio no quarto é quebrado apenas pelas risadas das pessoas explorando o bosque lá fora, fica evidente que Jesse não tem a menor intenção de completar essa frase.

Mas, a essa altura, só quero entender.

– Então, por quê? – Eu me viro e vou até a janela, observando os galhos dos pinheiros que parecem prestes a desabar sob o peso da neve. – É uma revelação recente? Deve ser. – Estou pensando em voz alta agora. Jogando possibilidades no ar. – Do contrário, por que você faria um esforço pra me evitar todos esses anos? Por que ficaria tão indignado com a ideia de me beijar?

Perto de um dos terraços, Kai se agacha para fazer uma bola de neve. Shannon sai na frente e desliza um punhado de gelo pela gola dele. Os dois gritam enquanto Mila os filma com o celular.

– A não ser... – raciocino. O pensamento que me ocorre é quase doloroso demais para colocar em palavras. – A menos que você odeie isso. A menos que você se despreze por isso. A menos que sua opinião sobre mim seja tão... tão ruim, que você fique tão chateado pela ideia de se sentir atraído por mim, que

não consegue não ser um completo...

– Não.

Eu me viro. O rosto de Jesse parece tão familiar e, ainda assim, tão diferente.

– Não. Eu não... – Ele passa uma das mãos pelo rosto, cansado. – Eu admiro você mais que tudo, Viola.

É difícil acreditar. Impossível. Essa situação toda... é como o roteiro de um filme ruim.

– Sério mesmo?

– Sim. – Ele assente, devagar. E não me olha nos olhos. – Você é...

Ele para. Toca os lábios, como se buscasse as palavras certas para descrever o que sou para ele. O que parece ser bastante coisa.

– Então, por quê? Por que você simplesmente não... tentou passar um tempo comigo? Tentou me conhecer? Me chamou pra sair?

Jesse olha para o lado, como se estivesse fascinado com a arte floral emoldurada igualzinha à que tem no meu quarto. Os tendões no seu pescoço de repente estão relaxados.

– É um pouco cruel da sua parte perguntar, né?

– Cruel?

Ele vira para mim de novo.

– Você sabe por que eu não podia fazer nada disso, Viola.

– Não, *não* sei. Como eu poderia saber...

Uma batida na porta, e nós dois damos um pulo de susto.

– Serviço de quarto! Posso entrar?

Encontro o olhar de Jesse outra vez, frustrada pela interrupção, mas também...

Não. Eu *não* sei por que ele não poderia me chamar para sair, ainda mais considerando que tive uma queda por ele durante anos. Não tenho a menor ideia, e talvez eu devesse dizer isso a ele, devesse pedir uma explicação lógica para o seu comportamento, ou ao menos um pedido decente de desculpas. Mas, de repente, não suporto estar aqui, na frente de Jesse Andrews, por nem mais um segundo. Fecho os olhos com força, uma vez, e me afasto da janela, passando por ele o mais distante possível.

– Nada disso importa. Não precisamos ser nada além de colegas de trabalho. Vamos só... Vamos só fingir que essa conversa nunca aconteceu, pode ser? Somos bons nisso. Te vejo por aí, Jesse.

Abro a porta e saio do quarto, dando um sorriso contido para a governanta. Enquanto desço correndo a escada, acho que ouço meu nome sendo chamado,

mas não me viro.

Capítulo 10



Eu genuinamente não tenho esperança de que nada vá mudar no meu relacionamento com Jesse – ao menos *não* para melhor.

Ele gosta de mim. Tranquilo. De boa. Mas está na cara que ele tem algum tipo de inibição quanto a isso. E eu... bom, posso ter gostado dele por anos, mas esse navio zarpou e até afundou mais ou menos um ano atrás. Não tenho intenção alguma de lutar contra a supracitada inibição.

Então é isso. Fim de jogo. Eu e ele vamos ser colegas, bons colegas, mas estou determinada a não pensar nele em nenhum contexto que não seja profissional por mais um segundo sequer.

Porém, Jesse parece ter outras ideias.

Tenho uma noção disso na manhã seguinte, quando estou equilibrando de forma precária a comida no prato diante do bufê de café da manhã, me perguntando se consigo encaixar aquele bolinho de banana com nozes em cima dos ovos que peguei e ainda esperar sensatamente que a suntuosa estrutura arquitetônica que construí não desmorone.

É, eu me incentivo, eu consigo fazer isso.

Só que não. Não consigo. Percebo isso no caminho de volta até a mesa, quando o bolinho balança, escorrega e inicia um mergulho trágico e de cabeça para baixo que...

Uma mão grande pega o bolinho antes que ele tenha um fim precoce.

– Cuidado – diz uma voz enquanto o bolinho é colocado de volta no meu prato.

Eu me viro, porque a voz soa muito parecida com a de Jesse e... Sim, ali está

ele. Bem ao meu lado. Pegando o prato das minhas mãos e colocando-o na mesa mais próxima, onde Kai e Shannon estão discutindo por causa da fórmula da Ubisoft.

– Aqui tá bom? – pergunta ele, como se o gesto gentil e atencioso que acabou de fazer por mim fosse uma ocorrência totalmente normal entre nós.

Assinto e encontro seu olhar.

– Hum... Valeu?

– Não há de quê.

Quero falar mais coisas, só que um dos desenvolvedores da Nephilim já está monopolizando a atenção de Jesse com uma pergunta sobre as atualizações que estão lançando para o jogo mais recente deles. Jesse assente com uma xícara de café numa das mãos e uma maçã verde na outra, e eu sou deixada de lado.

Me sento com cuidado e começo a comer meu café da manhã.

O bolinho está uma delícia, por sinal.

Mais tarde, Mike e Otto decidem que devemos sair e tirar uma foto em grupo, supostamente com o objetivo de convencer a StarPlay de que o retiro de fortalecimento de equipe que eles estão generosamente bancando está, de fato, fortalecendo a equipe. Não sei bem como a guerra de bolas de neve começa: talvez seja John tropeçando em Shannon enquanto ela faz um anjo na neve, embora possa ter sido Ashley jogando uma bola em Clara e sem querer acertando John. Só sei que não demora nada para se transformar em um conflito Nephilim *versus* FlyButter, e passo os vinte minutos seguintes cavando para ajudar Mila a construir um forte de neve.

A essa altura, devo admitir com ressentimento que, ainda que as luvas de algodão que a tia Selene tricou para mim sejam coloridas e muito fofas, talvez não sejam o melhor equipamento para essa atividade em específico. Passo por alguns estágios variados de infelicidade – dor congelante, desejo por uma morte rápida, vontade de decepar as mãos –, mas, quando o forte finalmente fica pronto, o que mais sinto é dormência.

– Meus dedos não estão nem mais gelados – digo, fascinada. – Acho que superei o conceito de sofrimento físico.

– Não superou – responde Mila. – É só o primeiro passo rumo à hipotermia. Vai colocar as mãos na água quente.

Ela corre atrás de Otto, me deixando sozinha com visões macabras sobre congelamento e amputação, e decido que ela está certa. É melhor eu voltar lá para dentro um minuto.

É na varanda que cruzo com Jesse. De novo. Ele está encostado em uma das

colunas de madeira, com os olhos fixos em mim, e, quando estou perto o suficiente, ele diz:

– Você devia tirar as luvas. Elas estão encharcadas.

Todas essas interações que ele tem iniciado... que esquisito. Ainda mais depois da nossa conversa desastrosa na última noite. Muito, *muito* esquisito.

– É. – Paro na frente dele para sacudir a neve da ponta das botas. – Acho que não estou bem preparada pra essa viagem. Achei que fosse ter... sei lá. Menos passeios ao ar livre e mais biscoitinhos de açúcar.

– Dá pra ver – responde ele, mas não há aspereza no comentário.

Na verdade, é o oposto. Porque Jesse tira minhas luvas encharcadas, as joga na cadeira de balanço bem ao nosso lado e envolve meus dedos gelados nas próprias mãos.

Meu coração – e mais ou menos metade dos meus órgãos – param de funcionar.

Seu aperto é quentinho. Aconchegante. Delicioso depois do gelo lancinante da neve. Ele tem um cheiro bom. Seu corpo me protege do ar frio, e, mesmo assim, estou tremendo.

– Você não curte muito a neve, né? – pergunta ele, como se esse tipo de troca entre nós fosse totalmente normal.

Seu tom é... bom, não é diferente do jeito que ele falou comigo ao longo dos anos. Educado, mas discreto. Só que capto um quê de algo a mais. Algo *novo*.

– Não – respondo, controlando meu cérebro titubeante para encontrar a voz. – Odeio o frio. Você não?

– Não sinto muito frio.

Aposto que não. Ergo o olhar para Jesse, assimilando como ele é, a altura e a largura, o rubor rosado nas maçãs do rosto sob a armação dos óculos. De repente, também não sinto muito frio.

– Você se lembra da primeira vez que a gente se viu? – pergunta ele.

Pisco, surpresa com a mudança brusca de assunto.

– A entrevista, não foi? A menos que tenha tido outra vez antes...?

Ele balança a cabeça.

– Sua entrevista para a vaga de programadora. Uns seis anos atrás. – Uma pausa. – Você lembra o que aconteceu?

– Na verdade, lembro. O cara fez uma piada de merda, eu me irritei, mandei ele comer merda e saí enfurecida. Aí você correu atrás de mim e pediu desculpas em nome dele. – Dou de ombros. – Esqueci algum detalhe?

– Você se lembra do que me falou?

– Lembro. Bom, não palavra por palavra. Eu estava com enxaqueca, então é meio confuso. Mas eu me lembro de fazer um discurso exaltado sobre aquele cara e a indústria no geral. Não foi o que aconteceu?

– Não exatamente. – Ele solta a respiração. O ar ao redor do seu rosto lindo vira uma nuvem branca. Suas mãos ainda seguram as minhas. – Você lembra que eu te chamei pra sair?

– Você *o quê?* – Dou uma risada, achando graça de verdade. – Não. Não, você não chamou. Você deve estar me confundindo com...

Minha voz morre quando me dou conta de como ele está me olhando, como se estivesse faltando uma peça muito importante do quebra-cabeça para mim, bem *ali*, no meio da imagem.

Tento me lembrar da nossa conversa. É tudo muito vago, mas quase dá para ver o rosto de Jesse na minha mente, alguns anos mais novo, sua face mais redonda e jovial.

Esperançosa.

– *Eu tava pensando* – disse ele, com delicadeza, meio hesitante. Tão diferente do jeito firme como se dirigiu ao chefe escroto. – *Se você...*

Tapei a boca, bocejando.

– *Desculpa! Tô muito cansada hoje... não acredito que fiquei acordada até tão tarde me preparando pra impressionar esse babaca.*

– *Não se preocupa com isso. Quer tomar um café?*

– *Ah, não. Não se preocupa. Não vou dormir ao volante.* – Dei um sorriso para ele. – *Porque ainda não consigo comprar um carro.*

– *Ah.*

– Ai, meu Deus – digo no presente. – Foi... quando você falou de tomar um café...?

Ele assente.

– Me ocorreu ontem à noite, quando você falou que eu simplesmente podia ter te chamado pra sair, que talvez você não tivesse entendido. Porque eu te chamei pra sair. E você disse não.

Quero me encolher em mim mesma e morrer.

– Eu não tinha ideia! Eu...

Ele precisa soltar minhas mãos para que eu possa usá-las para esconder o rosto e talvez me apunhalar algumas vezes com uma pinha.

Mas espera aí. Então eu não tinha pescado que ele me chamou para sair. Eu fui meio tapada, beleza, mas ainda não justifica o jeito como ele fingiu que eu não existia durante...

– E aí mais uma coisa me ocorreu – continua ele com delicadeza. – Que, se você não lembra que *eu* tinha te chamado para sair, talvez não lembrasse do que *você* me falou depois. Você lembra?

– O discurso inflamado? – respondo, balançando a cabeça.

– O discurso inflamado tinha justificativa. Você tava chateada por motivos muito válidos. Você me falou sobre os desafios de ser uma mulher numa indústria tão dominada por homens. Me deu exemplos de coisas muito ultrajantes que aconteceram com você. E uma delas foi sobre um cara com quem você fez um estágio na época da faculdade. Ele te chamou para sair várias vezes e, toda vez, você recusava. Ele era insistente e, agora que vocês dois tinham começado a trabalhar como desenvolvedores, você via o cara sempre em conferências e oficinas. Sempre que ele estava por perto, você se sentia desconfortável e...

– Ai, meu Deus. – Dessa vez, eu realmente liberto minhas mãos, que formigam de um jeito gostoso mesmo depois que as afasto do toque dele. Dou um passo para trás. – Você achou que eu tava te dando um aviso. Me chamou pra sair, eu recusei, e aí te contei a história... você achou que foi uma indireta pra que mantivesse distância.

Ele comprime os lábios e assente e... É óbvio que ele teve algumas horas para se acostumar com essa bola maluca de mal-entendidos, porque parece achar graça na situação. Mas só o que consigo pensar é que, logo depois desse nosso primeiro encontro, eu viria a desenvolver uma paixão *absurda*, de anos, ostensivamente não correspondida por ele.

E Jesse me chamou para sair.

E eu...

– Eu não tinha percebido.

– Eu sei. – Ele enfia as mãos nos bolsos. – Isso ficou evidente ontem à noite, quando você me confrontou.

– Então você só... Você me evitava porque...

– Achei que era o que você queria.

– Mas eu... tentei puxar papo com você, várias vezes, e eu sorria pra você e tentava ser legal e...

– Sempre em grupo – observa ele baixinho, mordendo a parte de dentro da bochecha. – Achei que, como a gente tem conhecidos em comum, você não tinha como me evitar. E... Viola, você é uma pessoa legal. Você é legal com todo mundo. Eu não encarei você ser legal comigo como um convite e com certeza não achei que invalidava o pedido que você tinha me feito anos atrás, então...

– Mas eu não fiz! Eu nunca fiz esse pedido, e... E a história do visco? Aquilo foi muito *cruel*!

Ele desvia o olhar, soltando uma risada sem humor em meio a uma névoa branca.

– Isso... Eu não conseguia parar de pensar em como você deve ter se sentido encurralada depois. Mas, naquele momento, foi tão perturbador, Viola. Porque eu queria aquele beijo há muito tempo, e a oportunidade estava bem ali, servida pra mim como uma porra de um presente de Natal. Mas eu também sabia como você não me queria por perto...

Ele balança a cabeça. Seu sorriso é contido e melancólico, como se achasse graça no fato de finalmente estarmos esclarecendo esse mal-entendido de anos, mas como se também achasse que era de partir o coração.

E acho que posso estar. De coração partido, quer dizer. Porque, agora que sei que o Jesse daquela época gostava da Viola daquela época, é impossível parar de lembrar o quanto a Viola daquela época gostava dele.

– Você falou pro meu primo que não queria nada comigo – digo num tom monótono.

– Você falou disso, e... Não lembro direito o que falei, de verdade. Mas lembro que ele me perguntou por que eu não te beijei, e... assumir a culpa, fazer parecer que era *eu* quem tinha um problema com você, pareceu justo.

– Justo?

– Em vez de explicar o que tinha acontecido entre a gente anos antes e...

– Jesse! – grita Clara em meio ao auge da guerra de bola de neve. – Uma ajudinha aqui? A gente tá perdendo e precisa de alguém com braços fortes!

Ele dá um suspiro indulgente.

– Tô indo! – grita Jesse em resposta, e então, mais baixo, para mim, diz: – Toma.

Olho para as suas mãos. Ele está oferecendo um par de luvas de neve pretas e com bom isolamento. Estão surradas e são feitas para mãos maiores, mas...

– Ah, não. Não posso roubar suas...

– Pode, pode sim.

Ele pega meu pulso e coloca as luvas na minha mão. Deixo que ele faça isso, de repente, de uma forma passiva incomum. Acho que ainda estou em estupor.

– Jesse! – É Clara outra vez. – A gente tá sendo *dizimado*!

– Beleza, tô indo.

Fico encarando as costas de Jesse enquanto ele corre até um dos fortes, me perguntando se o que ele me disse foi uma alucinação. Talvez eu tenha sido

atingida na cabeça por uma bola de neve perdida. Talvez eu esteja estirada de barriga para cima no chão. Talvez a vida seja apenas uma simulação de computador.

Mas as luvas de Jesse estão na minha mão, transmitindo um calor que só poderia vir do corpo dele.

Capítulo 11



Vou para a cama às onze da noite, mas levanto meia hora depois, quando fica evidente que todos os cobertores do hemisfério ocidental não vão me aquecer.

Não sei qual é o meu problema. O termostato está funcionando direitinho, o que significa que a temperatura no quarto deveria estar perfeitamente agradável. Ainda assim, meus ossos parecem ter se transformado em gelo, me congelando de dentro para fora até que eu não consiga mais ficar deitada entre os lençóis sem tremer. Talvez eu esteja ficando louca. Talvez seja um agouro da morte iminente. De todo modo, estou considerando me trancar no banheiro e ligar o secador, só para descongelar meus neurônios meio congelados, quando me lembro da existência das hidromassagens.

Há duas. A mais próxima do meu quarto está, percebo na hora, completamente vetada: Shannon e Ethan estão lá, *sozinhos*, sentados bem próximos de um jeito inapropriado e rindo baixinho no ouvido um do outro. Me juntar a eles para o que evidentemente são as preliminares me deixaria traumatizada pelo resto da vida, e a conta da minha terapia já está bem alta.

Passo.

Ando devagar até a outra hidromassagem, com os dentes batendo por causa do ar gelado que se infiltra pelos vincos do meu roupão. Encontro a outra também ocupada. Otto, Mike e Jesse estão sentados lá dentro, o vapor se erguendo entre eles enquanto conversam sobre algo que parece sério e talvez referente a trabalho.

Me vejo diante de uma escolha difícil. Posso me arriscar a ver Shannon e Ethan transando bem na minha frente ou passar um tempo ainda indeterminado

vendo Mike suspirando por Otto, Otto tolerando esses suspiros e Jesse...

Não sei. Não tenho a menor ideia do que Jesse *faz*. As coisas estão muito complicadas com ele no momento, e ainda estou chocada com o que ele me contou mais cedo hoje, então resolvo sair do terraço na ponta dos pés sem fazer barulho.

Mas...

– Oi, Viola. – Mike acena para mim com um sorriso. – Você veio se banhar com a gente!

Merda.

– Hum, oi. Na verdade, eu só tava indo...

– Pode sentar aqui.

Ele chega para o lado, abrindo espaço à sua direita. Isso traz a clara vantagem de colocá-lo bem próximo da coxa de Otto, enquanto garante que eu vou ficar sentada... bem ao lado de Jesse, é claro.

Merda.

– Beleza. Valeu, Mike.

A água é um paraíso – caso o paraíso fosse uma piscina deliciosamente quente compartilhada com algumas companhias questionáveis. Se bem que talvez eu esteja sendo dura demais com os rapazes? Mike parece feliz por me ver por perto, e até Otto acena para mim como se pudesse imaginar que vai curtir minha presença, o que compensa a eterna carranca no seu rosto.

Jesse claramente desvia o olhar no momento em que começo a tirar o roupão e não olha de novo até que eu já esteja com a água na altura da clavícula. Depois são olhares breves e furtivos que não parecem saber ao certo onde pousar, como se ele estivesse com medo de que eu não estivesse usando uma roupa de banho ou algo assim.

Aposto que você ia odiar isso, hein?, é meu primeiro pensamento automático e agressivo, fundamentado pela raiva e pela mágoa que nutro desde o incidente com o visco.

Mas ele cai por terra no instante em que me lembro das revelações mais recentes.

Na verdade, talvez você não odiasse. Talvez você não se importasse. Talvez você até...

Chega. Preciso parar. Estou cismada demais com isso sem motivo. Jesse simplesmente não está enxergando muito bem, já que está sem os óculos. E está ocupado demais discutindo com Otto sobre sabe-se lá o quê.

– Na verdade é melhor que o 4...

Jesse solta uma risada pelo nariz.

– Até parece.

– O mapa é mais pós-apocalíptico, e a progressão é mais interessante que o sistema de vantagens.

Outra risada pelo nariz, mas Otto o ignora e continua:

– *E* o sistema de fabricação é muito superior.

– Não faz diferença, porque a história é fraca.

– Não precisa de uma história forte, porque...

– Espera aí – interrompo. – Vocês estão falando sobre o *Fallout 76*?

Os dois se viram para mim.

– É – responde Otto, soando excessivamente britânico e entediado. – O Jesse não reconheceria um bom jogo nem se fosse mordido na bunda por ele.

Dou uma risada na cara de Otto.

– Você tá de sacanagem? *Fallout 76* é um pesadelo. Não tem história, não tem NPCs, não tem V.A.T.S.

– É bugado pra cacete – acrescenta Jesse, parecendo meio enjoado.

– Ai, nossa, muito. Por que será que eles lançaram às pressas? A essa altura não tem como corrigir mais.

– O modo multijogador também não é lá essas coisas.

– Pois é... e todo mundo fica tão espalhado. Fui atingida talvez uma vez, acho?

– Total. E é chato, não tem interação por diálogo pra manipular...

– ... é, você fica só perambulando por lá, sem nenhuma consequência pros seus atos.

– Não entendo por que tanta gente adora.

– Nem eu! É o jogo mais superestimado da...

Otto se ergue de repente, lançando água quente em todos nós.

– Vou dormir – diz ele, seco, alternando os olhos semicerrados entre nós dois. – E vocês são uns *idiotas*.

Ele sai da hidromassagem com uma graciosidade inesperada. Pisco surpresa diante da súbita revelação de pele rosada e sardenta e fico pensando se deveria me desculpar quando Mike também se levanta.

Ao contrário de Otto, ele quase não espirra água para os lados.

– Hum... Também vou nessa. Tá ficando tarde e tal, então...

Ele desaparece, correndo atrás de Otto antes que a gente possa desejar boa-noite.

Eu me viro para encontrar os olhos de Jesse.

- O que... o que foi que aconteceu aqui?
- Uma demonstração impressionante de maturidade emocional?

Jesse dá de ombros, e é impossível não reparar em como os seus ombros são largos. Em como os seus músculos se movem sob a pele molhada do peito.

– O Otto ficou com raiva? Será que eu acabei de sozinha desfazer a trégua entre a Nephilim e a FlyButter porque falei a verdade objetiva sobre *Fallout 76*?

– Não, nem esquento com isso. O ressentimento dele não dura muito. E ele deve estarorquestrando isso há um bom tempo.

– Orquestrando o quê?

– Uma desculpa pra poder ficar um tempo sozinho com Mike. Sem deixar que o Mike saiba que foi ele que começou, claro.

– Você acha?

– Vindo dele, eu não duvidaria nem um pouco.

– Então... você acha que ele ainda é a fim do Mike?

Jesse inclina a cabeça.

– Como assim?

– Bom, ao longo dos anos, eles já terminaram e voltaram umas quarenta vezes, e sempre que eles terminam o Mike fica *arrasado*, mas o Otto está sempre... ele nunca parece abalado. Eu meio que supus que fosse só o Mike que se importava.

– Tá brincando? – Ele solta uma risada pelo nariz. – O Otto é maluco pelo Mike. Ele é muito bom em esconder qualquer tipo de emoção que não seja raiva ou escárnio, mas você devia ver como é quando ele tá bêbado. Ele fala do Mike como se fosse um esporte olímpico. Uma vez ele me fez ler um poema que escreveu sobre as *panturrilhas* do Mike.

– Era bom?

Jesse se retrai. Visivelmente.

– É. Não sei por que perguntei.

– Você sabe que a família do Mike é da Guatemala, né?

Assinto.

– O Otto tá tentando aprender espanhol pra causar uma boa impressão neles.

– Mentira!

– Ele tá tendo aula com uma menina de 16 anos poliglota que insiste em se referir a ele como Ocho e obriga o cara a cantar a canção dos números toda aula.

– Ai, meu Deus. – Abafo uma risada com a mão. Será que devo contar para Mike? É absurdo todo esse desejo recíproco não reconhecido. – Por que eles não... ficam juntos se eles se gostam tanto?

- Não sei bem se eles sabem direito em que pé cada um tá.
- Então por que eles não conversam?
- Acho que não é tão simples, Viola.

O sorriso dele é contido, e algo nisso me atinge num ponto vulnerável, me lembrando das conversas que nós dois tivemos ontem e... foi mesmo apenas hoje de manhã?

Sou dominada por uma sensação de inquietação, trazida pela súbita percepção de que, sem Otto e Mike, há cinquenta por cento de pessoas a menos nesta hidromassagem. O ar está denso de vapor e desconforto, e eu e Jesse não precisamos mais ficar tão perto assim. Eu devia chegar para o lado e ficar de frente para ele. Mas tenho medo de que isso possa parecer uma espécie de rejeição, e... não é o que eu quero.

Pergunta pra ele, instiga a voz que mora na minha cabeça. Pergunta pra ele se algo mudou desde o ano passado. Pergunta se ele ainda gosta de você. Conta pra ele que, antes de ele te humilhar na frente da sua família barulhenta e inconveniente, você gostava dele. Conta pra ele sobre os sonhos eróticos...

Quê? Não!

Agrido mentalmente a voz com um taco de beisebol imaginário, obrigando-a a se calar. *Não* vou sujeitar o coitado do Jesse a uma retrospectiva não consensual do meu subconsciente cheio de tesão. Em vez disso, engulo em seco, mordo a bochecha por dentro e procuro algo para preencher o silêncio.

- Então... Me fala quais são seus jogos preferidos no momento.

Jesse sorri. Ele vira o rosto para a floresta escura e as copas brancas dos pinheiros altos, e na mesma hora sinto falta do seu olhar.

- Isso me parece uma pegadinha.
- É, um pouquinho. Posso falar primeiro se quiser – ofereço.
- Por favor, vá em frente.

Seus olhos estão de volta em mim. De repente, não consigo lembrar como é sentir frio.

- Vou começar por *Red Dead Redemption 2*, é claro... Sei que você já jogou esse. Com e sem a brincadeira alcoólica, suponho.

Ele franze a testa.

- Sabe... eu odeio muito essa brincadeira idiota, e o Otto também. Mas, toda vez que brincamos, a Ashley é a última de pé e com folga, e toda vez nós dois falamos que precisamos de uma revanche.

Contenho uma risada. Será que devo revelar o segredo de Ashley? Não, acho que não. Tem coisas que Jesse precisa descobrir por conta própria.

– Acredito em você. Nunca desista dos seus sonhos.

Ergo a mão da banheira com a intenção de lhe dar um tapinha no ombro, mas percebo no último instante que tocá-lo *aqui e agora* talvez não seja uma boa ideia. Minha mão paira de um jeito desconfortável a um centímetro da pele brilhante dele antes de mergulhar de novo, e Jesse observa meus movimentos *o tempo todo*.

Pigarreio.

– Hum, meu segundo jogo favorito provavelmente é *Bloodborne*.

– Ótimo. Foi minha razão de viver durante alguns anos.

– Digo o mesmo. E depois... – Mordo o lábio. – Seria muito esquisito se eu dissesse *A Lâmina de Zephyr*?

É o jogo mais recente de Jesse. E é bom *demais*. Quando saiu, eu quis socar meus próprios olhos de inveja – e chorar de alegria por esse jogo existir.

– Não sei. – Jesse me olha, achando graça. – Você *vai* dizer *A Lâmina de Zephyr*?

Finjo pensar no assunto.

– Acho que eu poderia dizer. O problema é que ouvi dizer que esse jogo ganhou um zilhão de prêmios, e não sei se ele precisa de mais atenção.

– Talvez ele *queira* mais atenção. Especificamente a *sua*.

– Ah, é?

Jesse assente, um pouco ávido.

– Bom, é um jogo novo, ainda está em fase de desenvolvimento. Eu não quero que toda a bajulação prejudique isso. Então, como terceira opção, vou escolher *Persona*.

Ele faz uma careta e bufa.

– O que é? – pergunto, na defensiva. – *Persona* é bom!

– É ambientado no ensino médio – diz ele, categórico.

– Sim. E por isso é excelente.

– E por isso é idiota.

Solto um arquejo.

– Viola, o enredo todo parece uma novela, e a construção de mundo não tem a menor graça.

– Ai, meu Deus, você está muito *equivocado*.

Eu me levanto – e na mesma hora começo a tremer de frio, mas persevero.

– Vou dormir – proclamo com altivez, fazendo um sotaque pseudobritânico na tentativa de imitar Otto. – E você – aponto para Jesse – é um idiota.

Ele ri, balançando a cabeça.

– Volta aqui pra dentro. – Ele ergue a mão até o meu pulso e me puxa para baixo. – Você está toda arrepiada.

Não sei bem o que acontece depois disso. Talvez seja o puxão de Jesse, ou o calor enevoando minhas ideias, ou o piso escorregadio da hidromassagem. Perco o equilíbrio, o que é totalmente normal. Já aconteceu comigo um milhão de vezes. Absolutamente nada de estranho nisso.

Nada, a não ser pelo lugar onde aterrisso.

Não é bem um abraço, mas estou pendurada meio sem jeito em Jesse, com um braço em volta do seu pescoço enquanto apoio o outro em seu ombro. Em qualquer outra situação, eu acharia muito desagradável ter meu seio direito apertado contra o peito nu dele através do top do biquíni, mas agora tenho um problema mais urgente.

Um problema *inegavelmente* urgente, bem onde minha bunda encontra o colo de Jesse.

– Desculpa – digo a ele, tentando me afastar às pressas.

Mas isso só faz a minha bunda se arrastar na parte da frente do calção dele, e o que está acontecendo ali embaixo é... inconfundível. Inegável. E Jesse deve saber isso, porque é grande.

Enorme.

– Eu... – Não consigo pensar em absolutamente nada para dizer. Me conformo em repetir: – Eu...

Jesse está de olhos fechados, e eles permanecem assim enquanto suas bochechas coram, enquanto ele respira fundo, enquanto me diz:

– Desculpa. Eu não tinha intenção de...

Ele move a mão para dar apoio à minha lombar num gesto que não parece de todo voluntário. Acho que ele está fazendo um esforço para permanecer completamente imóvel, mas eu o sinto vibrar com um tipo de tensão que...

Meu coração dispara loucamente. Uma quentura se espalha pela minha barriga. Mal estamos nos tocando, e não lembro a última vez que senti tanto tesão.

– Então... – Minha voz faz uma tentativa ofegante e trêmula de humor. – Você gosta *mesmo* de mim.

Ele continua com os olhos fechados.

– Viola... Você não tem a mínima ideia da porra que eu sinto por você.

Isso só pode ser um daqueles sonhos que andei tendo. É a única explicação possível para a minha decisão de responder rebolando no colo dele. Mas, quando Jesse sente meu movimento, seus lábios se entreabrem para soltar um arquejo, e

seu aperto fica dolorido por um segundo.

– Ainda? – pergunto, incapaz de me conter.

Ele finalmente abre os olhos.

– Humm?

Sua respiração não está normal, como costuma ser a dos outros quando estão sentados e quietos. A minha também não.

– Bom, eu sei que você tava a fim de mim quando nos vimos pela primeira vez, e talvez... talvez no último ano, por causa de toda aquela coisa do visco. Mas eu não tinha certeza se você ainda...

– Sim. Ainda.

Jesse se inclina para a frente. Sua boca pousa na minha clavícula. Não é um beijo, mas seus lábios se movem com delicadeza enquanto ele fala contra minha pele.

– Duvido que um dia vá passar. Viola, talvez você queira... se afastar.

– Por quê?

– Porque eu não quero...

Eu acho que ele *quer*. Ele quer *muito*, e essa é a coisa mais excitante que já aconteceu comigo. De longe.

– Tudo bem.

Eu me acomodo com mais conforto em cima dele, sentindo seu pau se contrair. A expressão dele, o jeito como seus olhos se arregalam e depois quase reviram, é coisa de outro mundo.

– Não me importo.

Ele aperta mais minha lombar num gesto involuntário.

– Não se importa?

– Não.

Ninguém jamais me olhou desse jeito. Como se eu pudesse criá-lo ou destruí-lo. Como se não achasse que me merece, mas, *ah*, me quisesse.

– Não, não mesmo, e...

A porta de vidro se abre, e o barulho é tão alto que nós dois levamos um susto. Não sei quem se afasta primeiro, mas o resultado é igual: em um segundo, não há espaço entre mim e Jesse, e no segundo seguinte estou olhando para ele do outro lado da hidromassagem. A gente se vira ao mesmo tempo para ver Mike acenando para nós da entrada do terraço.

– Esqueci a chave do quarto – diz ele, um pouco desanimado.

Meu coração martela no peito. Preciso que Mike vá embora. Preciso saber o que acontece a seguir entre mim e Jesse. Preciso disso *neste exato minuto*.

– Vocês também vão dormir? – pergunta Mike.

Não!, berro dentro da minha cabeça. Ainda sinto um calor pulsando com doçura na minha barriga, se enroscando com firmeza dentro de mim. *Não. Vamos ficar aqui. Vamos terminar isso.*

Mas Jesse responde:

– A gente já tava indo.

E se levanta da hidromassagem.

Fico olhando como a água escorre por seu peito e suas coxas, o que com certeza não ajuda em nada. Ele encontra os óculos e os coloca num gesto que, a essa altura, já é muito característico de Jesse, e eu... Será que um dia já me senti tão atraída por alguém desse jeito?

– Toma.

Ele estende o roupão para mim, sem encarar meus olhos.

– Obrigada.

Olha pra mim, ordeno a ele silenciosamente. *Só... olha pra mim. Podemos continuar isso lá em cima. Podemos conversar sobre isso. Podemos fazer o que bem quisermos.*

Jesse assente, andando em direção à porta de vidro.

– Vou dar uma passada na cozinha e pegar água antes. Até amanhã.

– Boa noite – responde Mike. Ele se aproxima de mim e espera Jesse estar fora do alcance da voz para acrescentar: – Ei, desculpa ter deixado vocês sozinhos. Só agora me dei conta de que você ficou presa com um cara que mal conhece, sozinha, no meio da noite. Foi muita sacanagem da minha parte.

– Não. Não, tá tudo bem. – Respiro fundo. Massageio a têmpora. Me obrigo a sair da hidromassagem. – Confio no Jesse.

– Beleza. Que bom. Achei que sim. Ele sempre foi um cara legal, mas, assim... Todos são até que deixam de ser. A gente nunca sabe quando as pessoas vão ficar esquisitas. Você não se sentiu desconfortável, né?

Balanço a cabeça, fechando o roupão enquanto o frio penetra meu corpo mais uma vez, até atingir meus ossos.

Capítulo 12



A primeira coisa que eu digo a Jesse, logo depois de ele abrir a porta e eu deslizar para dentro do seu quarto, mais uma vez sem ser convidada, é:

– Obrigada pelas luvas.

É, talvez, uma coisa estranha a se dizer em vez de “olá” – ainda mais às três da manhã, ainda mais depois de bater na porta da pessoa em um volume cada vez mais alto por vários minutos, com a intenção evidente de acordá-la. Mas eu não me aguentei. Depois da hidromassagem, tentei de verdade tirar o que aconteceu da cabeça e deixar o sono me livrar da inquietação. Foi uma tentativa sincera, que durou três horas inteiras de nervosismo antes de eu murmurar “Foda-se” e decidir levar toda a energia agitada que não consegui suprimir até o quarto de Jesse.

Devolver as luvas foi a única desculpa em que fui capaz de pensar, e, sim, me sinto mal por invadir o espaço dele assim. Mas não tão mal, porque na hora fica evidente que Jesse não estava dormindo. Claro, ele está usando uma calça de pijama de estampa xadrez verde que, por alguma coincidência natalina do destino, é o par perfeito da minha, e uma camiseta preta desbotada de *Minecraft* que evidentemente é uma velha favorita. Mas a luz do abajur brilha com suavidade, e há um livro aberto com a capa virada para baixo no edredom.

Sei exatamente qual livro é, sem nem mesmo ler o título.

– Viola? – Ele pisca duas vezes. E mais uma. Seus óculos estão fechados na mesa, diante da TV. – Tá tudo bem?

– Toma – digo, estendendo as luvas para Jesse até que ele não tenha escolha a não ser pegá-las. – Eu queria devolver as luvas.

- Eu... Pode ficar com elas.
- Não precisa.
- É melhor. Pelo menos até a gente voltar.

- Tudo bem. Provavelmente vou perder uma delas. Ou as duas. E não tenho intenção de brincar na neve de novo. - Fecho a porta atrás de mim, vou até a cama e me sento ao lado de uma das colunas do dossel com as mãos enfiadas sob as coxas. - Mas foi legal da sua parte me emprestar. Então obrigada.

Jesse balança a cabeça como se tentasse desembaralhar os pensamentos. Seu cabelo, aqueles cachos pretos gloriosos, parece um pouco mais selvagem do que o normal. Como se talvez ele andasse passando os dedos por ele.

- De nada. - Ele coça o queixo, e começo a desconfiar de que ele não tem ideia do que fazer com as mãos. - O que você tá fazendo aqui, Viola?

Boa pergunta. Ótima pergunta. Refleti sobre isso enquanto tentava me convencer a não vir aqui, mas ainda assim saí da cama, vesti uma camisa de manga comprida por cima da regata e bati na porta de Jesse. Vai entender.

- Nada. Só achei que a gente poderia...

A gente poderia continuar o que tava fazendo na hidromassagem umas horas atrás, quero falar. Porque não consigo parar de pensar nisso e vou ficar maluca, sabendo que você tá no quarto ao lado. Que você existe.

Mas só o que consigo dizer para Jesse é:

- Que a gente poderia conversar.
- ... conversar?

Assinto.

- Conversar.
- Sobre o quê?

Ele parece desconfiado e também distante. Como se estivesse tentando manter distância em mais de um aspecto.

- Sei lá. A gente podia conversar sobre um monte de coisa. A gente podia atacar *Fallout 76* mais um pouco, ou você pode recitar uma curadoria selecionada das poesias que o Otto escreveu para o Mike, ou pode me contar se esse exemplar de *O coração submerso* é seu. A princípio achei que devia ser da biblioteca daqui, mas, depois da reunião de ontem, não sei mais. A gente pode conversar sobre aquele lance esquisito de triatlo que você e Ashley amam tanto, ou... sei lá. O clima é sempre uma boa pedida.

Ergo a mão para remexer nas pontas do meu cabelo. Ele está comprido demais, e eu deveria cortar, mas deixá-lo solto foi uma boa ideia. Me dá algo para fazer.

– Ou a gente pode conversar sobre o que aconteceu mais cedo hoje.

Jesse engole em seco e passa a mão pelo rosto. Sua resposta demora para sair.

– Tecnicamente foi ontem – murmura ele.

Solto uma risada.

– Claro. Quer dizer, é uma coisa absurdamente pedante de se observar, mas não deixa de ser verdade.

– Meu Deus. – Ele belisca a parte de cima do nariz, parecendo arrependido e derrotado. – Eu perdi a linha.

– Não, não perdeu.

– Perdi. É só que sempre que você tá por perto... é um problema. Pensei tanto em você ao longo dos anos, mas parece que sou incapaz de *não* ferrar com tudo quando estou com você. – Ele respira bem fundo. – Você tava muito perto. Eu perdi o controle. Feio. E...

– Não me importo – me apresso em dizer. E, quando parece que ele ainda não consegue acreditar em mim, assinto com firmeza. – É sério. Não me importo. É meio que...

Lisonjeiro, quase digo.

Mas acho que isso pode ser entendido de forma errada. Não estou aqui, neste quarto, porque *alguém* me quer. Estou aqui porque esse alguém é *Jesse*. Porque ele é... Nossa, não consigo desviar os olhos dele. Daquela covinha suave que parece dar as caras só quando ele cerra os dentes.

– Tá tudo bem.

– Tá?

Ele não parece convencido, então levanto da cama e me aproximo dele, até que estejamos frente a frente.

E aí, enfim, solto a verdade.

– Eu costumava ser a fim de você – confesso.

No fim das contas, é uma coisa maravilhosa e fácil de fazer.

Os lábios dele tremem e formam um sorrisinho.

– É legal da sua parte dizer isso, mas...

– Não, Jesse, este não é um caso de “vamos poupar os sentimentos do rapaz”. Eu era a fim de você. Fui durante anos. Começou na segunda vez que a gente se viu e continuou por... muito tempo. Durou até o ano passado, até aquele visco idiota, e só porque suas ações e o que você disse ao meu primo foram uma rejeição tão descarada que eu não consegui não ficar com raiva. Eu me recusei a me deixar gostar de você. Mas, mesmo quando eu tava saindo com outro cara, eu continuava a fim de você e também tinha um bocado de... – Olho ao redor,

pensando em como dizer isso. Então opto por: – Pensamentos impróprios.

Ele arregala os olhos.

– Pensamentos impróprios.

– Interprete como quiser. O lance é que não me importo que você seja a fim de mim. – Estou descalça, e ele é tão alto, tão concreto, que sinto o calor que ele emana sem nem mesmo tocá-lo. – Na verdade, eu fico feliz com isso.

Jesse parece perdido por um momento e fica franzindo a testa, como se precisasse de tempo para decodificar o que falei, as implicações por trás da minha declaração. Depois de um momento, ele entreabre os lábios e mexe a boca para formar duas palavras simples.

– Tem certeza?

– Muita – respondo, chegando um pouquinho mais perto.

Ele parece abalado e dividido, tão tenso quanto a corda de um arco. Desconfio que seu cérebro esteja prestes a explodir – e então ele dá um passo para trás.

– O lance, Viola, e isso me custa muito, e quero me dar um soco por dizer isso, quero mesmo, mas... Se o que você quer é transar, não sou a pessoa certa.

– Sério? – Franzo a testa e inclino a cabeça para o lado. – Mais cedo, pareceu que talvez você pudesse ser.

Ele solta o ar em uma risada.

– É, com certeza.

– Por quê?

– Por diversos motivos, mas... – Ele coça a lateral do pescoço. – Principalmente porque acho que eu não seria muito bom em manter as coisas casuais.

– Ah. – Volto a me aproximar dele, e agora estamos de fato nos tocando. Só de leve, mais nossas roupas, mas é *quase* suficiente. – Você só transou com pessoas com quem estava num relacionamento sério?

Jesse balança a cabeça, mas não recua nem tira os olhos de mim.

– Já transei com pessoas que mal conhecia. Não é isso.

– Então o que você está dizendo é que... – Ergo a mão até o ombro dele, sentindo o calor delicioso da sua pele através do algodão fino. – Historicamente, com outras pessoas, você *foi* bom em manter as coisas casuais.

Jesse enfia o queixo no peito e diz:

– Historicamente, sim.

Assinto.

– Então qual é o problema? Se já fez isso antes, você poderia...

– O problema é que as outras mulheres não eram você.

Seus olhos não desgrudam dos meus, e algo quente explode no meu peito. Sem perceber, levo a mão até o rosto dele. Aninho sua bochecha, macia e recém-barbeada, e vejo seu pomo de adão subir e descer.

– Com você, eu preciso ter cuidado. Porque eu não só *gosto* de você, Viola. Não te conheci num bar e te achei bonita. Não me diverti em um encontro às cegas e resolvi te levar pra casa. Eu pensei em você todo dia por anos. Imaginei você de formas que, pode acreditar, você não vai querer saber. Tenho uma lista mental de coisas que quero fazer com você e, se a gente começar algo, não vai simplesmente *terminar* pra mim. Vai permanecer, e *vai* crescer de um jeito desmedido, e vai ter o poder de me destruir. Ainda mais que eu e você vamos trabalhar muito juntos pelos próximos anos. – Seus lábios se curvam em um sorrisinho triste. – Eu sei que é cedo. Sei que você não me conhece bem. Não estou dizendo que me recuso a ficar com você até me prometer que vai se casar comigo. Muitos relacionamentos começam com a melhor das intenções e, mesmo assim, não dão certo. Mas se você tá aqui porque achou que um sexo sem compromisso seria divertido...

Ele envolve os dedos ao redor do meu pulso, o que está pairando sobre a bochecha dele, mas não me afasta. Ele me mantém ali enquanto o tempo se prolonga entre nós, doce e incerto.

– Não é nesse pé que estou, Viola.

O que ele acabou de dizer... ainda não consigo compreender. E, ao mesmo tempo, entendo perfeitamente. Esse mesmo motivo faz o meu coração martelar no peito, na barriga, nas têmporas. Esse mesmo motivo deixa minha boca seca e cria um nó na minha garganta.

– Eu tenho uma proposta.

Ele assente e espera que eu continue.

– E se você e eu... saíssemos, juntos, pelos próximos dias. E se a gente fizesse qualquer coisa que quisesse... desde, sei lá, se pegar até jogar videogame e se conhecer melhor. Vale qualquer coisa. E, quando a gente voltar pra Seattle, podemos reavaliar a situação e ver se... – Sorrio e mordo o lábio. – Ver se tem algo a mais. Algo para se ter.

Jesse não diz nada e me observa com olhos serenos e límpidos. Eu me obrigo a ser paciente, digo a mim mesma que vou aceitar qualquer resposta que ele der – e então o canto do lábio dele se curva para cima.

Ele se inclina e aconchega o rosto na minha mão.

– Algo para se ter – murmura ele, as palavras temperadas com humor e uma

calidez que parece muito com entusiasmo.

Eu me ergo na ponta dos pés e sorrio contra os seus lábios.

Capítulo 13



Ao longo dos anos, dei vários primeiros beijos, mas nenhum tão perfeito quanto o que estou trocando com Jesse, com sua mão no meu cabelo e a ponta dos meus dedos do pé em cima dos pés dele. Acho que ele também concorda, porque, depois que começamos, não conseguimos mais parar.

Nós ficamos nos pegando como dois adolescentes. Não que eu tenha vivido nada disso quando eu *era* adolescente, mas a descrição encaixa. Deitamos na cama de Jesse, esparramados por cima do edredom, e, durante horas, nem uma única peça de roupa é tirada. Nós nos beijamos, e beijamos, e beijamos, e, cada vez que as mãos de Jesse chegam perto de deslizar por baixo da minha blusa ou por dentro do cós da minha calça, ele parece mudar de ideia e recua devagar, como se não estivesse pronto para passar de fase – como se essa primeira fase em que estamos seja boa demais para ser deixada para trás tão cedo.

E tudo bem. Porque não estou entediada. Na verdade, estou extasiada. Eu me apaixono desesperada e irremediavelmente pelo jeito como ele geme quando sua língua encontra a minha pela primeira vez, e pelo aperto forte das suas mãos nos meus quadris enquanto lambo um ponto macio e salgado no seu pescoço; pela sua inspiração profunda quando enfim cede e esfrega a palma no meu seio, meus mamilos rijos e pontudos através do tecido fino da blusa. E tem também o tremor nos seus dedos quando ele os entrelaça no meu cabelo, o jeito como ele se arqueia na cama depois que mordo o lóbulo da sua orelha, mas, acima de tudo, as coisas que ele me diz. E as coisas que ele claramente quer dizer, mas não consegue expressar.

– Você é tão... – diz ele quando monto na sua cintura.

Eu me inclino por cima dele, formando uma cortina grossa com o cabelo que nos isola do resto do mundo.

– Eu costumava sonhar com você fazendo isso – diz quando deixo meus dedos acariciarem os pelos finos abaixo do seu umbigo.

E:

– Viola. Se a gente não for um pouco mais devagar, isso vai ficar bem constrangedor muito rápido... *Merda* – diz, alguns segundos depois que começo a rebolar em cima dele.

A fricção do seu pau em mim é o mais próximo que já cheguei de uma experiência extracorpórea. Meu clitóris pulsa. Ouço o tom suplicante e rouco na sua voz e solto uma risada sem fôlego.

Isso não é nada. Não fizemos quase nada, e já é o melhor sexo da minha vida inteira, igualmente frustrante e delicioso de um jeito que me faz encharcar o algodão da minha calcinha e tentar chegar mais perto, mais perto, fazer Jesse viver sob a minha pele para preencher esse novo vazio dentro de mim.

– Tranquilo pra você? – pergunta ele sempre que avança um pouco mais, mesmo que seja só um centímetro.

– Tranquilo pra você? – pergunto a ele algumas vezes, dando beijos na sua boca carnuda e tentando recuar para olhar nos seus olhos.

Ele apenas me puxa de volta para si com firmeza, e minha mente fica aconchegada e leve, repleta de um prazer intenso e de calor.

Continuamos assim até a noite acabar e começar a amanhecer. Então Jesse ouve meu estômago roncar alto, e o toque das suas mãos para de repente. Ele está curvado sobre mim, mas ergue a cabeça para me olhar. Seus lábios estão tão volumosos que não consigo resistir a lambê-los.

Ele sorri e dá uma mordidinha no canto do meu maxilar.

– Vou descer e pegar café da manhã pra gente.

Sua voz é baixa e rouca e vai permanecer comigo para sempre. *Sei* que vou ouvi-la no meu leito de morte.

– Não – protesto. – Fica.

– Vai ser rapidinho.

Suspiro e fecho os olhos, já conformada.

– Então vou com você.

– Fica, por favor. – Sua boca está colada no meu pescoço. – Gosto de saber que você tá me esperando na minha cama.

Ele pigarreia, se afasta com certa dificuldade e senta na beira da cama, de costas para mim. Do travesseiro, fico observando seus músculos, maravilhada.

Depois de experimentar em primeira mão o quanto precisei abrir as pernas para sentar nele, provavelmente isso não devia me surpreender.

Mas Jesse permanece imóvel por um longo momento, e, enquanto o observo, percebo que seus músculos estão travados e rígidos, com uma tensão que não sei bem se entendo.

Eu me sento bem atrás dele.

– Tá tudo bem?

– Tá. Eu... – Seu deltoide é uma pedra debaixo da minha mão. – Preciso de um segundo. Talvez seja melhor você não me tocar por um tempinho.

Ele fala isso com calma, mas há uma aspereza na sua voz, e é aí que olho para o colo dele e percebo exatamente o que está rolando.

– Ah. Você tá... – Não sei bem o que perguntar. – Posso fazer alguma coisa?

Jesse balança a cabeça, claramente achando graça.

– Só preciso de um minutinho.

Tento me afastar para dar espaço para ele se acalmar, mas isso não me cai bem. Deixá-lo sozinho assim. Quando o que eu mais quero é...

Abraço Jesse por trás e apoio o queixo no seu ombro.

– Talvez não seja de um minuto que você precisa – sussurro no seu ouvido.

Meus seios estão colados nas suas costas, e sinto todos os músculos dele se contraírem de uma vez.

– Viola.

– Talvez... – Dou um beijo atrás da sua orelha, imaginando se ele consegue sentir os meus batimentos. – Talvez o que você precise *de verdade* seja gozar.

Ele solta uma risada brusca e ofegante, como se a perspectiva de gozar – de eu fazê-lo gozar – o deixasse sem ar. Este poderia ser o momento mais erótico de toda a minha vida. Fortíssimo candidato ao top três, com certeza.

E isso *antes* de eu perguntar contra a sua têmpora:

– Você ia gostar disso, Jesse?

E ele faz aquele som: aquele grunhido disforme e involuntário que faz com que eu me contraia ao redor de nada.

Ele está tremendo. Ou talvez não estivesse, mas sem dúvida começa quando percorro a mão pelo tecido armado na calça dele, projetado em um ângulo impressionante, já úmido de pré-goço. Não me contenho e roço os dentes para cima e para baixo no seu pescoço enquanto deslizo a mão por dentro do cós da calça do pijama.

É claro que ele não está usando nada por baixo. Que interessante. Que conveniente. Que *perfeito*.

– Posso? – pergunto, dando um beijo na sua bochecha.

E Jesse não responde nem assente, só se arqueia contra a minha mão o suficiente para que o *Por favor, por favor, não para* não precise ser dito em voz alta. Seus olhos seguem meu punho ao redor do seu pau. Seus dedos quase rasgam o lençol, e eu me sinto uma deusa do sexo.

– Porra – murmura ele, e fico sem saber como interpretar isso.

Então me dou conta de que é só perguntar.

– Tá gostoso, Jesse?

Começo a bombear para cima e para baixo em movimentos lentos e constantes. A sensação do pau dele é maravilhosa, tão gostosa quanto de quando o senti pressionado contra mim. Eu me pergunto se devo passar a usar ambas as mãos. Fico querendo saber se Jesse tem noção do quanto gosto do corpo dele.

– É assim que você gosta?

– Viola – geme ele.

Sua cabeça pende para trás, e meus lábios roçam a curva do seu queixo.

– Me fala.

Minha mão continua os movimentos, descendo até as bolas contraídas e subindo pela ereção outra vez, e parece que o prazer transborda dele por todos os lados: do pau, das cordas vocais, da coluna.

– Quando você tá sozinho, quando se masturba, é assim que você faz?

– Porra, eu vou...

Ele ergue os quadris de repente, tentando encontrar minha palma.

– Me fala – repito, girando o pulso. Ele grunhe e fica rígido, se arqueando ainda mais contra mim. – Me diz como você prefere. E eu faço. Eu só quero fazer você...

Quando ele goza, não faz som algum. Na verdade, ele para de respirar por um instante, logo antes de se impulsionar e ejacular na minha mão e na própria barriga, e eu... Tento me lembrar se já gostei tanto de fazer isso quanto agora. Adoro vê-lo ofegar, adoro ver sua mão buscando de repente minha perna, como se ele quisesse se amparar, adoro ver sua boca formando meu nome, reverente e silenciosa.

Eu poderia ter meu próprio orgasmo só de ver o de Jesse. Absorver todo o prazer que transborda dele para dentro de mim.

– Foi bom? – pergunto com um sorriso gentil depois de um tempo, quando as batidas do seu coração parecem ter estabilizado sob os meus lábios.

A garganta de Jesse faz um movimento breve e espasmódico. Tento limpar minha mão na calça, mas ele me surpreende e segura meu pulso, entrelaçando

nossos dedos para então curvar a cabeça como se admirasse uma obra-prima que teceu. É o ficar de mãos dadas mais doce e obsceno do mundo.

Ergo o outro braço para envolver seus ombros, e ficamos assim por um bom tempo, vendo a neve que começou a cair outra vez lá fora.

– Sim – diz ele, por fim. – Foi bom.

Capítulo 14



Comemos nas cadeiras perto da janela, com a mesinha redonda entre nós, minhas pernas cruzadas e as dele esticadas. Ele me observa atacar os pratos que trouxe para o quarto – a maioria repleta de comida para mim. Para si, Jesse pegou só um pouco de ovo e uma maçã verde. Sorrio com a boca cheia de torrada, querendo saber por que ele pegaria a fruta mais azeda do bufê.

E aí lembro que as coisas entre nós mudaram. Estamos nos conhecendo. Posso perguntar a ele.

– É uma maçã – responde ele, dando de ombros e achando graça. – Todas as maçãs têm o mesmo gosto, Viola.

– Nossa. Você tem mesmo uma quantidade imensa de opiniões terríveis. Primeiro *Persona*, e agora isso.

Ele solta um suspiro dramático, e ofereço a ele o meu folhado.

– Quer um pouco?

Ele balança a cabeça.

– Não tenho muita fome pela manhã.

É tão *empolgante* descobrir coisas sobre ele – seus hábitos, suas preferências, suas necessidades. Assinto, mesmo sem conseguir me identificar em nada, e deixo essa para o futuro.

– Eu adoro um bom café da manhã.

– Eu sei. – Ele percebe minhas sobrancelhas arqueadas e continua: – A gente já participou de uma porção de conferências juntos ao longo dos anos. Já vi você comer.

Termino de mastigar, tentando não me perder no sentimento sufocante e

melancólico que vem de saber que ele estava me observando o tempo todo, mesmo quando eu acreditava que me via com indiferença.

– Caso esteja me julgando em silêncio pela quantidade de gordura saturada que tô mandando para dentro... obrigada por não dizer em voz alta.

– As pessoas fazem isso?

– Minha família? O tempo todo. Sempre que tô em casa vem um comentário sobre os macronutrientes que coloco na boca.

– Isso é invasivo. E desnecessário, não?

Pelo jeito que ele fala, dá a entender que não dá a mínima para o que eu como.

– Beleza. – Dou uma risadinha. – Sei bem como vocês, do tipo atlético, são, e não sou exatamente uma fissurada em saúde, então...

– Você é perfeita.

Ele parece tão sério e sincero que não consigo sustentar seu olhar por mais tempo.

Eu como algumas uvas e então pergunto:

– Você e a Ashley já namoraram?

Ele arregala os olhos.

– Não, nunca. De onde veio isso?

– Sei lá. Na viagem de carro até aqui, vocês dois pareciam... confortáveis um com o outro. E como se tivessem muito em comum. Esportes e essas coisas.

– É assim que você escolhe as pessoas com quem vai sair? Conforto e interesses semelhantes?

Fico reflexiva. Meu último namorado adorava arco e flecha e tocava clarinete – e eu não tenho o menor interesse em nada disso.

– Na verdade, não – respondo. – Apesar de que eu e meu ex não tínhamos nada em comum e acabamos terminando por puro tédio mútuo depois de dois anos juntos, então *talvez* eu devesse prestar mais atenção a essas coisas. – Tomo um gole de café. – E você? Quem foi a última pessoa que você namorou? – Franzo o rosto assim que as palavras saem da minha boca. – Desculpa. É tranquilo perguntar isso? Não quero ser invasiva.

– Você pode me perguntar o que quiser, Viola. Essa é a ideia.

Algo no jeito como ele diz isso me faz corar.

– Saí com uma pessoa por uns seis meses. Ela não era da nossa área... era professora de ensino médio. A gente terminou... exatamente um ano atrás, na verdade.

– Logo antes das festas de fim de ano?

Ele assente.

– O que aconteceu?

Um sorrisinho.

– Depois do incidente com o visco, pareceu meio injusto. Quer dizer, continuar com ela.

Meu coração vibra como as asas de um beija-flor. Ele segura a maçã meio comida pelo cabo antes de colocá-la de novo na mesa.

– E aí não saí com muitas pessoas esse ano, nem mesmo nada casual, porque eu tava muito ocupado com *A Lâmina de Zephyr*.

– Digo o mesmo. – Dou um sorriso quando me vem algo à mente. – Eu tava pensando... Vi muitos casais da indústria terminarem, e sempre odiei como as coisas podem ficar estranhas na sequência, tanto do ponto de vista pessoal quanto do profissional. É por isso que evitei qualquer tipo de envolvimento com colegas. Como você sabe pelo meu... desabafo.

– Sei mesmo.

– Mas se for a pessoa certa... Acho que seria legal. Estar com alguém que entende a pressão de um projeto tenso, e como as semanas anteriores a um lançamento podem ser caóticas. Alguém que ama jogos tanto quanto eu. Não acha?

Com qualquer outra pessoa, eu cortaria minha língua antes de dizer algo assim, algo cheio de insinuações dando a entender que talvez ainda estejamos juntos na próxima vez que estivermos diante de um prazo apertado. Mas com Jesse não me sinto constrangida. Vejo o prazer silencioso que floresce no seu rosto por causa das minhas palavras e sinto esse prazer refletido no calor no meu peito.

– Concordo – diz ele, simples e tranquilo.

Eu o encaro como uma boba apaixonada até que um bocejo sobe pelo meu peito e quebra o feitiço.

– Provavelmente vou tirar um cochilo em algum momento do dia. Não lido muito bem com noites em claro.

– Nem eu. – Ele pega a maçã outra vez. – Você pode cochilar aqui.

Mordo o lábio, me virando para a janela e escondendo outro sorriso.

– Você acha que vai parar? De nevar?

– Encontrei o Mike lá embaixo. Ele falou que deve continuar nevando por um tempo. As pistas de esqui estão fechadas. Muita gente voltou pra cama.

É como se, durante a noite, um imenso cobertor branco tivesse se estendido por cima da pousada e da mata ao redor. O verde-escuro dos pinheiros sumiu

sob camadas espessas de neve. Tento me lembrar da última vez que me senti tão tranquila e não consigo pensar em nada.

– E se a gente ficar preso na neve? – pergunto para Jesse.

Ele dá de ombros, curvando o canto da boca para cima.

Não seria tão ruim assim, penso, sorrindo para ele.



Depois de me deixar nua e de pé entre suas pernas, Jesse apenas fica me encarando. Por uma *eternidade*.

Ele está sentado na beirada da cama, ainda todo vestido, me analisando, percorrendo minhas curvas com um olhar intenso e determinado. Sempre me considerei sortuda, porque nunca desenvolvi insegurança alguma em relação ao meu corpo, mas o jeito como os olhos de Jesse esquadrinham cada centímetro da minha pele bastaria para deixar até uma modelo do Instagram sem graça.

– Quer tirar uma foto? – pergunto, torcendo para que uma piada engula meu desconforto. – Na verdade, não tire uma foto. Você *não* tem permissão. Não que eu não confie em você, mas não sei que tipo de medida de segurança cibernética você tomou pra proteger os seus dados, e se a sua nuvem for hackeada, eu...

Ele ergue o polegar e o pressiona contra meus lábios. Sua expressão tem uma característica curiosa, ao mesmo tempo profundamente calma e desesperada. Eu me dou conta de que o que ele quer é um pouco de tempo e silêncio para assimilar tudo isso.

Para *me* assimilar.

– Enfim. – Meus lábios se curvam contra a parte mais carnuda do dedo dele. Dou uma mordida delicada, de brincadeira. – Esta sou eu.

Jesse suspira e se inclina para a frente, dando um beijo suave, de boca aberta, logo abaixo do meu esterno.

– Ontem, quando você chegou no terraço e tirou o roupão...

Ele não continua logo em seguida. Só envolve as mãos ao redor da minha cintura até me deixar sem fôlego. Já estou bem molhada.

– Tentei demais ser um cara legal e não olhar. Mas, porra, é impossível. Você faz com que seja *impossível*.

Acho que ele pode ter uma preferência pelos meus peitos, a julgar pelo jeito que lambe os meus mamilos, sugando de leve a lateral carnuda. Ele é bom nisso, tão bom quanto em criar jogos, liderar uma equipe e sabe-se lá quantas coisas mais, então entrelaço os dedos no seu cabelo, me inclino na sua direção e tento

manter os sons que saem da minha garganta num volume digno, caso alguém resolva perambular pela nossa área da pousada.

Não sou muito bem-sucedida.

– O que eu posso fazer? – sussurra ele com a voz rouca, enquanto me contorço no seu aperto, querendo arrancar sua camisa. – O que posso fazer pra você?

Puxo a manga da camisa dele.

– Preciso que isso *saia*.

Ele obedece, e seu corpo é tão lindo que não sei para onde olhar. O ponto onde os músculos do ombro encontram o pescoço, a curva do bíceps, o jeito como os pelos claros no baixo-ventre desaparecem para dentro da calça jeans. Quero que ela também saia, então o puxo para a cama comigo, voando os dedos para o cinto enquanto ele segura meu rosto entre as mãos.

– Você tem gosto de morango – comenta ele, sugando meus lábios, me beijando como se já tivesse memorizado cada canto da minha boca. – O que eu posso fazer? – pergunta de novo, e eu...

– O que você *quer* fazer?

Jesse recua, o pomo de adão visivelmente se mexendo.

– Porra, você não tem ideia, Viola. – Sua expressão é arrependida. E esperançosa. – As coisas que eu pensei...

Não consigo conter um sorriso. Pego a mão dele entre as minhas e a levo até a boca.

– Por que não me mostra?

Acho que essa era a permissão de que ele precisava para fazer *exatamente* o que sugeri. Ele geme e desce pelo meu corpo, enfiando o nariz na minha barriga e inspirando profundamente. Então, sem fazer nenhum esforço, ele muda nossa posição, até que eu esteja de joelhos de frente para os seus pés e o rosto dele fique entre as minhas pernas. Antes que eu consiga me orientar ou processar suas intenções, ele já está me lambendo.

Solto um arquejo.

– Porra – grunhe ele. – Eu estava torcendo pra você estar molhada.

Sinceramente, *encharcada* seria uma descrição mais precisa, e solto o ar, surpresa, tampando a boca com a mão espalmada.

Ele solta outro grunhido profundo e sobe as mãos pelas minhas coxas até a minha bunda, e, enquanto lambe entre as minhas dobras, me puxa para melhorar o acesso da sua boca. Eu me arqueio para trás e busco às cegas um apoio, tentando encontrar equilíbrio nos joelhos, e acabo segurando numa das colunas

da cama. Não sei por quê, mas eu não achei que a primeira coisa que ele quisesse fazer comigo seria me botar sentada no seu rosto. Ainda assim, é simplesmente *surreal* o que a língua e os dentes de Jesse fazem comigo. Como se fosse um plano premeditado, algo que viesse tramando há um tempo.

– Eu sonhei com isso – confessa ele, roçando meus lábios com o nariz e me fazendo estremecer. Ele geme antes de lamber com cuidado ao redor da minha entrada. – Por *anos*.

Quero saber mais. Quero saber todos os detalhes de todas as coisas que ele imaginou. Quero saber se a realidade corresponde às suas expectativas, mas ele mordia a parte interna da minha coxa, e minha mente fica em branco por um minuto. Ele é tão *bom* nisso. Talentoso. Um homem com uma missão, obstinado e dedicado, com a pressão e sucção bem na medida certa, e minhas terminações nervosas estão prestes a explodir. Eu me sinto atordoada, tonta de tanto prazer.

– Você tem um gosto ainda melhor do que eu esperava – fala ele, rouco e um pouco incrédulo.

Quando ele toma meu clitóris rígido e inchado entre os lábios, é como se um punho envolvesse o meu baixo-ventre.

Mas não quero gozar, ainda não. Não quando há mais *disso* para viver.

– Você pode me dar um minuto pra eu...

Baixo os olhos para a calça jeans que não consegui tirar dele. Sua ereção está marcada, longa e dura, contra o zíper, e, depois de um instante para me equilibrar, eu me inclino para a frente, espalmando as mãos de cada lado do quadril de Jesse. Quando me firmo, tiro seu pau, o ruído do zíper se misturando com os sons molhados que sua boca faz.

– Você não precisa... – murmura ele, mas sou mais rápida e, desajeitada por causa de tanto prazer, não penso muito antes de me abaixar.

Só de tê-lo na boca sinto o prazer que se acumula na minha barriga se intensificar e expandir. Eu contraio e solto as coxas, rebolando no rosto dele enquanto o tomo ainda mais fundo.

– Porra, Viola. Porra.

Gozamos ao mesmo tempo, e é tão gostoso que me manda direto para um novo mundo.



Tomo banho no quarto dele.

Não tem motivo para isso. Meu quarto está a menos de três metros, com

minhas toalhas, meu xampu, meu sabonete líquido e minhas roupas limpas. O telefone que não olho há doze horas pela primeira vez na minha vida adulta também está lá. Usar meu próprio banheiro teria sido a coisa sensata e conveniente a se fazer, mas Jesse pega minha mão e pede que eu não vá embora.

– Ainda não – diz ele, calmo, relaxado como nunca o vi, aninhando minha nuca com a mão, e nem preciso dizer que sim.

Só relaxo nos seus braços e deixo que ele me leve até o chuveiro para lavar cada cantinho do meu corpo, e é demorado, meticoloso e estranhamente familiar, como se isso fosse um hábito, mais uma entre muitas vezes, e não a primeira.

Jesse fica duro o tempo inteiro, mas, quando me ofereço para fazer algo em relação a isso, ele balança a cabeça e se curva para lambe a água na minha pele. Ele ri baixinho quando quero devolver o favor e tento lavar seu cabelo, que não consigo alcançar direito. No fim, ele precisa me pegar no colo, segurando minha bunda com as mãos enquanto enlaço sua cintura com as pernas, como se ele fosse o mais robusto dos galhos de árvore.

Nós nos beijamos. Sem parar. Nós nos beijamos até que a pele dos meus dedos fica rosada e enrugada, e o pau dele fica ainda mais duro e seus batimentos, mais acelerados. No fim das contas, fico com pena dele e o levo ao orgasmo com bombeadas lentas e preguiçosas, lambendo o protesto nos seus lábios até que um arrepio percorre seu corpo, e o gozo se mistura com a espuma do sabonete no ralo do chuveiro. Ele me seca com a toalha e se vinga com gentileza, com dedos meio desajeitados, mas deliciosamente grossos e ávidos, e uma boca quase insuportável de tão habilidosa. Minha mente fica em branco enquanto meu corpo desabrocha em um prazer doce e apegado que me faz esquecer de mim mesma por longos, longos momentos.

Isso, penso enquanto tento recuperar o fôlego, passando a mão pelo cabelo úmido de Jesse enquanto ele morde distraidamente o osso do meu quadril, não é nem um pouco como eu achava que esse retiro fosse ser.

Capítulo 15



– Faz... aquela trança.

Paro de prender o cabelo na hora e olho para Jesse por cima do ombro. Ele está encostado na cabeceira da cama e nem sequer finge que está fazendo outra coisa a não ser me observar enquanto realizo a mais banal das tarefas. Toda essa atenção poderia ser desconcertante, e talvez devesse ser, mas, depois de saber o quanto ele se esforçou para não me olhar, e por tantos anos, eu me sinto... quentinha.

– Que trança?

– Aquela que começa bem em cima da cabeça.

– Você quer dizer uma trança embutida?

Ele dá de ombros.

– Você estava com uma dessas na GameCon do Noroeste Pacífico, três anos atrás. No segundo dia da convenção.

– Socorro. – Dou uma risada. – Impossível você se lembrar de como estava meu cabelo em uma convenção aleatória, que dirá o dia certo.

Ele simplesmente pisca devagar, com um quê de desafio no olhar.

Eu me viro com as mãos na cintura.

– Beleza. O que eu estava usando?

– Calça jeans e uma camiseta branca.

Ele tem razão. O mais engraçado é que, em geral, eu não lembro o que estava usando, mas, naquele dia, a FlyButter tirou uma foto da equipe, que atualmente está pendurada na entrada da nossa sede. Passo por ela sempre que vou pegar o elevador.

– Você tem memória fotográfica ou...?

– Ou.

O que fica não dito é quase explícito: é só quando se trata de mim que ele foi acumulando detalhes ao longo dos anos, catalogando cada pedacinho de informação disponível, guardando-os como pequenos tesouros.

Eu me recosto na cômoda.

– De que outras roupas minhas você gosta?

Ele nem precisa pensar muito.

– Você tem um vestido. Listrado.

– Rosa e branco?

Ele assente.

– Do que você gosta nele?

– É bonito. – Ele dá de ombros, como se fosse só isso. E então, com um sorriso discreto, quase acanhado, acrescenta: – É um pouco mais curto e justo do que você costuma usar, então isso me fez... Coisas aconteciam quando você tava com ele.

Não tenho ideia de como responder a isso, o que até vem a calhar, porque Jesse continua:

– Mas eu gosto de todas as suas roupas.

Sorrio e volto a encarar o espelho, repartindo mechas úmidas de cabelo para a trança que Jesse pediu. Afinal, ele pediu com tanta gentileza... E não me importo de fazer suas vontades. Na verdade, a ideia faz meu coração bater duas vezes mais rápido.

– Você acha que vai dar certo? – pergunto, distraída. – *Limerência* 3. A FlyButter e a Nephilim?

Ele assente sem hesitar.

– Vai. Vou garantir que aconteça. Quero trabalhar com você desde que vi seu portfólio pela primeira vez.

Eu me viro, mas não paro de trabalhar no meu cabelo.

– Foi você, não foi? Aquela entrevista em que eu te conheci... Foi você que escolheu o meu currículo, não o seu chefe.

– Aquele cara não reconheceria uma pessoa talentosa nem se fosse atropelada por ela na estrada.

– Mas você reconheceria?

Jesse dá de ombros.

– Não é preciso ter experiência pra ver que você é genial.

Estou tentada a desviar o olhar e minimizar o que ele me falou, só que ele tem

razão. Eu *sou* boa no que faço. Em vez disso, digo:

– Eu tenho outro vestido.

Jesse não faz comentários sobre a mudança brusca de assunto e me espera continuar.

– É amarelo-claro e laranja. Mais longo.

– Não me lembro desse.

– Nem lembraria. É um pouco arrumado demais pra conferências ou trabalho. Mas eu estava pensando em usá-lo na cerimônia da Chelsea.

Minha prima. Que vai se casar com o cara com quem Jesse compartilhou um quarto na faculdade. Ele faz parte do grupo de padrinhos – assim como eu.

– Estou ansioso pra ver esse vestido.

Pego um prendedor de cabelo e começo a amarrar a ponta da trança, pensando que, nos próximos meses, vamos nos encontrar um bocado. Trabalho. Eventos familiares. Uns dias atrás, esse pensamento teria parecido um pesadelo, mas... não mais. Nem um pouco. Vou até a cama, e, um instante depois, ele me puxa para si.

– Oi – murmura ele na pele do meu pescoço.

Sorrio no seu cabelo. Só um pouquinho.

– Oi.



Durante o jantar, tenho uma percepção grave: Jesse precisa parar de me olhar *desse jeito*, ou *todo mundo* vai descobrir o que exatamente está rolando entre nós.

Não tenho o costume de me importar muito com o que os meus colegas acham, não quando se trata da minha vida pessoal, mas, levando em conta que *Limerência 3* está em jogo, um relacionamento romântico entre os designers-chefes parece algo que demanda discrição. Será que a distribuidora consideraria um empecilho? Será que ficariam com receio de uma separação conturbada e dos consequentes atrasos no desenvolvimento? Será que tirariam o título de designer-chefe de algum de nós? Não faço ideia. O pensamento me preocupa um pouco, mas é difícil ficar muito ansiosa, ainda mais depois do dia perfeito que tive com Jesse.

Não consigo superar a simplicidade da situação. Passamos algumas horas nos divertindo e falando sobre videogames, sobre os lugares que já conhecemos e aqueles que queremos visitar, sobre como foi solitário para ele crescer como filho único e como foi irritante para mim ter um milhão de irmãos.

– Parece divertido – comentou ele, acariciando a maçã do meu rosto com o polegar. – Sempre ter gente por perto.

– Esse era o problema: *sempre* tinha alguém por perto, fazendo barulho. Eu não absorvi direito o conceito de silêncio até estar na faculdade. Você lembra como a minha família era barulhenta na festa de noivado?

– Como eu poderia esquecer?

– Era assim o dia todo. Todo dia. Durante *dezoito* anos.

Ele sorriu.

– Às vezes, o caos é melhor que o silêncio.

– É? – Eu me aconcheguei mais nele. – Como eram os seus pais?

– Ausentes, na maior parte do tempo. Eu ficava muito sozinho. Mas também tinha seus prós.

– Quais?

– Digamos que eu joguei muitos jogos inapropriados pra minha idade desde pequeno.

– Por favor, me diz que você não estava jogando *GTA* quando tinha 7 anos ou coisa assim.

– Ah, Viola. – Um beijo rápido. – Você sabe que eu não posso fazer isso.

Tiramos um cochilo, e Jesse se enroscou em mim, o que me aqueceu por completo pela primeira vez desde que cheguei aqui. Quando acordamos, a primeira coisa que vi foi seu sorriso feliz e sonolento, como se ele não pudesse imaginar nada melhor do que me encontrar ao seu lado, e não consegui não acariciar seu perfil.

Isso simplesmente... me dá uma alegria imensa. Estar com ele. Dizer coisas para ele. Esperar para ouvir o que ele vai responder. Ser lembrada da sua existência.

Ainda assim, ele deveria se concentrar na sua salada ou na conversa em que Ashley e Kai estão tentando enredá-lo – qualquer coisa, menos eu, porque sempre que sinto os seus olhos em qualquer parte do meu corpo, não consigo me conter e retribuo o olhar.

– É capaz de a gente ficar preso aqui se não parar de nevar – comenta Mike na nossa mesa, esguichando ketchup na batata frita. – Não dá para saber o que vai acontecer com o clima, nos últimos tempos a meteorologia tem errado muito.

A programação é sairmos da pousada amanhã à noite. Em geral, eu odiaria a perspectiva de ser mantida longe do aconchego silencioso do meu apartamento por mais algumas horas, mas não desta vez.

Arrisco um olhar para Jesse – que ainda está me encarando.

Ah, puxa. Trocamos um sorrisinho só nosso, e não é o fim do mundo. Ninguém percebe e ninguém se importa, mesmo que meu coração esteja quase explodindo.

– Que horas é pra gente ir? – pergunta Shannon enquanto serve mais um pouco de vinho na própria taça.

– Por volta de cinco ou seis da tarde. Se as estradas estiverem acessíveis – responde Mike. – No momento, estamos meio que presos na neve, mas logo, logo os limpa-neves vão entrar em cena.

Shannon junta as mãos.

– Então o que você tá dizendo é que hoje à noite talvez *não* seja nossa última noite aqui. Mas também *talvez* seja.

– Isso.

– Então precisamos pensar em algo bem divertido.

Coço a ponta do nariz e, de repente, o cheiro de Jesse está por perto, me rodeando. É uma delícia. Depois que voltarmos para a cidade, vou ao supermercado para comprar um estoque de frascos do sabonete líquido que ele usa.

– Aaah. – Mila se inclina para a frente. – Que tal outra maratona de filmes?

– Veto qualquer *Transformers* – diz Kai.

– Ah, cara... – resmunga Ethan, e se recosta na cadeira, fazendo biquinho como uma criança de 5 anos.

– É melhor assim. – Shannon dá tapinhas nas costas dele. – Acho que vi os DVDs de *Indiana Jones*.

– Boa.

– Faz anos que não vejo *Templo da Perdição*.

– Beleza, mas não vamos ver *O Reino da Caveira de Cristal*, né?

– Credo, não.

– Ainda é melhor que *Transformers*.

– Ah, cala a boca.

– Olha... nem todos os filmes de *Transformers* são iguais e...

– Viola – interrompe Mila, roubando uma batata frita do prato de Mike –, topa *Indiana Jones*?

– Ah. – Dou um sorriso, deslizando minha cadeira para trás alguns centímetros e me levantando. – Na verdade, tô cansada. Acho que vou pra cama mais cedo hoje.

Ethan franze a testa para mim.

– Você ficou na cama o dia todo. Tá doente?

– Não. É só uma dorzinha de cabeça.

– Achei que aquelas enxaquecas horríveis tinham parado quando você começou a tomar os remédios.

– E pararam. – Peguei meu prato vazio e o garfo. – Acho que não é isso que tenho. Só preciso recuperar um pouco o sono.

– Quantas horas uma pessoa pode dormir por dia?

Mordo a parte de dentro da bochecha.

– Vou contar e te mando o relatório, que tal?

– Mas eu entendo – diz um dos programadores da Nephilim com a boca cheia de focaccia. – O colchão daqui é confortável pra cacete.

– Quê... não! Eles são macios demais. É escoliose na certa...

Saio furtivamente da mesa enquanto a discussão sobre saúde da lombar esquenta. Descarto rapidinho o meu prato sujo e pego uma garrafa de suco de manga para levar para o quarto. Atrás de mim, reparo em Otto parado ao lado da cadeira de Jesse, se inclinando para falar com ele.

– Tô disposto a esquecer o que você falou sobre o *Fallout* e jogar *Red Dead Redemption* com você – eu o ouço dizer. Seu lábio superior não está tão curvado como sempre. – Mesmo você estando errado. E sendo um idiota.

Quando me viro e sigo na direção do meu quarto, meus olhos encontram os de Jesse. Há um brilho neles – um brilho que, há pouco tempo, passei a reconhecer.

– É muito magnânimo da sua parte – eu o ouço responder antes de eu sair do salão. – Mas não, valeu.

Capítulo 16



Hoje mais cedo, em uma conversa sussurrada, concordamos que seria melhor não transar, não até termos voltado para Seattle e podermos pegar algumas camisinhas. Mas, no fim, não aguentamos.

Eu uso DIU. Nenhum de nós já transou sem proteção antes. Talvez seja meio insensato, talvez sejamos irresponsáveis.

Está bem – nós *somos* irresponsáveis.

Ainda assim, é uma escolha consciente que fazemos. Jesse me lambe até que eu fique rosa e sensível, me estira com os dedos e até espera um longo momento antes de deslizar para dentro, se movendo de encontro à junção das minhas coxas enquanto se sustenta acima de mim com os braços trêmulos. Ele parece hesitar, como se tivesse medo de me machucar, como se pensasse que, ao se permitir fazer isso, eu fosse desaparecer.

Acho seu autocontrole enlouquecedor. E uma graça também. Então aproximo a boca do seu ouvido e sussurro:

– Deixa eu começar pra você.

E enrosco as pernas nos seus quadris para forçá-lo mais fundo.

– Tá tudo bem – digo, meio sem fôlego, porque dá para ver que é isso que ele está prestes a perguntar.

Ele parece preocupado, frenético e um pouco selvagem, então dou um beijo na linha esculpida do seu maxilar, depois mais um, e repito:

– Eu tô bem.

– Que bom – diz ele, soltando o ar. – Que bom.

Então ele tenta uma estocada – recua menos de um centímetro, investindo

outra vez até onde dá –, e talvez eu *não* esteja bem.

– Espera. Espera.

Eu me arqueio, tentando arrumar mais espaço por dentro, com medo de arrebentar. Nunca fiquei tão... nem sei como me sinto.

– Quer que eu tire?

A voz dele está tensa.

Agradeço a oferta, ainda mais porque fica evidente o quanto ela é custosa e sincera.

– Tem essa opção? – pergunto com um sorriso.

Ele franze a testa.

– É claro. Se você me pedir que eu pare, eu sempre...

– Aqui. – Empurro o ombro dele, suado e duro como pedra. – Me deixa ficar por cima.

Isso ajuda. Consigo ajustar a profundidade e o ângulo, e a queimação de repente fica gostosa. Jesse também curte: ele abre minhas pernas para encarar minhas dobras brilhando, abertas ao redor dele. Seus dedos apertam minhas coxas, e ele dá um gemido baixo animalesco. Eu me curvo para beijá-lo com carinho na boca, e ele se aquieta, os músculos perdendo um pouco daquela tensão cheia de tremores.

– Tranquilo assim? – pergunto. – Essa posição?

Ele assente sem abrir os olhos. Suas mãos deslizam até minha cintura, minhas costelas, e depois descem para agarrar minha bunda. Talvez ele esteja deixando hematomas. Espero que sim.

– Não sei quanto tempo vou... – Ele tensiona o maxilar. – Da próxima vez, provavelmente vou durar mais. Talvez. Mas essa primeira...

– Não se preocupa com isso. – Ele está tão fundo que quase sinto seu gosto na boca. Mas estou me acostumando com ele. – Pode gozar se precisar.

Jesse fecha os olhos com força. Os músculos da sua barriga ondulam de tensão e agitação.

– Se eu *precisar*... ah, porra.

Ele provavelmente não está pronto quando começo a rebolar, mas não consigo me conter. Balanço os quadris, buscando um ritmo bom, atrás da pressão naquele lugar bem fundo dentro de mim. A queimação que ele causa ao me esticar dói tão deliciosamente que não tenho como pensar em parar. Eu me abaixo até ele e sinto seu coração, sinto suas batidas palpitantes contra as minhas, enquanto o calor começa a formigar no meu ventre e subir, depois descer, depois subir de novo.

– Assim, Jesse? Você gosta assim?

Ele não responde, mas seu “sim” reverbera pelo meu corpo do mesmo jeito. Porque suas mãos engolem meus quadris, e então *ele* está assumindo o controle e me movendo ao redor do seu pau, e é tão *bom* que me esqueço de respirar. Ele grunhe, morde meu ombro e, quando seu controle está prestes a romper, desliza a mão entre os nossos corpos e começa a desenhar círculos no meu clitóris com o polegar, fazendo meu orgasmo crescer e se acumular em ondas poderosas.

– Viola.

Ele respira na minha boca, e só tenho consciência do seu toque, do seu cheiro, da sua voz, do calor se espalhando na minha barriga.

– Você é a melhor coisa nessa porra de mundo.

Não ouço o resto, porque meu corpo começa a se contrair ao redor dele, e estou gozando em uma onda de prazer ardente. Desabo no peito de Jesse, tentando abafar meus gemidos na pele do esterno dele, e é aí que ele deve gozar também, porque eu o sinto dar estocadas desesperadas, balbuciar alguns palavrões e então me abraçar com mais força enquanto pulsa bem fundo dentro de mim.

Depois, somos uma bagunça só. O espaço entre nós está pegajoso e úmido de gozo, suor e algo que poderia ser minhas lágrimas, mas não quero limpar nunca. A última coisa que ouço antes de adormecer em cima de Jesse, com seus dedos agarrados no meu cabelo, é o ritmo do seu coração desacelerando.



– Tá com fome? – pergunta ele algumas horas mais tarde, depois que a pousada finalmente ficou silenciosa.

Bocejo na curva do seu pescoço.

– Não. Não muito.

– Me diz se estiver.

Ele aninha o nariz no topo do meu cabelo, e eu decido que *ele* é o colchão mais confortável do universo: a mistura perfeita de macio e rígido.

– No que você tá pensando? – pergunto.

– Pensando?

– É, sabe... Ponderando. Ruminando. Contemplando. Refletindo. *Cogitando*.

– Beijo um ponto da base do seu pescoço. – No que você tá *pensando*?

– Em nada.

Solto uma risada leve pelo nariz.

– Você não pode responder nada.

– Por que não?

– É crime.

– Mas é verdade. – Seu sorriso se alarga na minha têmpora. – Costumo pensar em trabalho, ou no que precisa ser feito, ou se me esqueci de marcar minha limpeza dentária. Hoje à noite, com você, eu... Isso. *Agora*.

Seus dedos ainda estão traçando desenhos na minha lombar. Estamos tão perto há tanto tempo que já devo ter sido tocada em todos os lugares, mas com Jesse nunca é demais.

– No que *você* tá pensando?

Abro um sorriso torto contra a pele dele.

– Se o Otto e o Mike estão fazendo a mesma coisa que a gente neste momento.

– Meu Deus. – Consigo imaginar a expressão horrorizada de Jesse. – Obrigado pela imagem mental, Viola.

Dou uma risadinha e adormeço outra vez, com um sorriso.



Acordo na manhã seguinte, quando o dia já clareou. Jesse está atrás de mim, sob as cobertas, com uma das mãos ao redor do meu seio. É um peso agradável que deixa até minha medula óssea aconchegada e feliz.

– Bom dia – digo, imaginando se ele consegue ouvir a felicidade na minha voz.

– Bom dia. – A respiração dele faz cócegas no cabelo da minha nuca. Um momento de hesitação, então seus dedos me apertam. – Você tem um cheiro absurdamente bom.

É porque é o seu cheiro, penso, mas cochilo antes que as palavras saiam da minha boca.

Quando acordo de novo, a mão de Jesse está apertada contra o meu abdômen, e nunca estive com tanto tesão na vida. Quando solto um suspiro de necessidade, ele desliza para dentro de mim com facilidade. Ele coloca só até metade, não continua, e a excitação vai aumentando a cada centímetro, uma onda imparável que faz minha pele esquentar e formigar.

Ouçó um som estranho e desconhecido e me dou conta de que é o meu próprio gemido.

– Tranquilo? – pergunta Jesse, dando um beijo suave no meu ombro.

Quando solto um “Sim” rouco, ele me muda de posição até que eu esteja deitada de bruços, com o peito dele colado nas costas.

– Ainda tranquilo? – repete ele, com a respiração quente no meu ouvido.

Enterro o rosto no travesseiro, confusa de tanto prazer.

– Parece...

Ele vai só meio centímetro mais fundo, atingindo algo suave e macio dentro de mim. A sensação é devastadora. Nuclear.

– Às vezes tenho medo que isso seja demais pra mim.

– Mas não é.

Assinto, sem fôlego.

– Mas não é.

Ele beija a pulsação na base do meu pescoço e depois roça os dentes na veia que tem ali, como se quisesse encontrar minha essência.

– Se segura. Vou te comer direito dessa vez.

Na noite passada, não vi nada que não me parecesse direito, mas acho que sei o que ele quer dizer. Ele está no comando agora. No tempo dele, saboreando cada estocada, entrando e saindo sem pressa. Estou tentada a me empurrar contra o pau dele, mas só fecho os olhos, fico quieta e deixo o prazer fluir por mim, respirando o cheiro incrível de Jesse, pensando em pinheiros verde-escuros e neve caída.

– Você costumava pensar na gente? – pergunto a ele. – Em fazer isso? Comigo?

A respiração dele é alta mas estável. Ele desliza um braço por baixo da minha cabeça e me puxa mais para perto.

– O tempo todo.

– O que você... *ah...* o que você imaginava?

– Não sei. – Ele desliza os dedos mais para baixo, desenha círculos lentos no meu clitóris. – Que você seria macia, quentinha, molhada. Linda. Engraçada. *Boa.* – Ele entra mais fundo, e nós dois arquejamos. – Eu esperava muito. Mas não... nunca isso.

Uma estocada perfeita, e o prazer me rasga por completo. Jesse continua se movendo enquanto sou tomada por um orgasmo caótico e atordoante e, quando acaba para mim, ele cede e tem o dele. O tempo todo, seguro seu antebraço, dando beijos suaves e leves nas costas da sua mão.

– Quando foi que você leu a série Limerência pela primeira vez? – pergunto a Jesse depois de aninhar a bochecha no peito dele.

Sua mão sobe e desce preguiçosamente pela minha coluna, percorre a minha lombar, contorna a minha bunda. Tenho certeza de que ele já contou minhas costelas duas vezes e deu um sorrisinho provocante quando confessei que sentia cócegas – como se quisesse memorizar a anatomia do meu corpo para reproduzir uma réplica quase perfeita no seu cérebro.

– Uns três anos atrás.

– Faz tão pouco tempo assim?

– É.

Ele vira o rosto só o suficiente para colar o nariz no meu cabelo e inspirar profundamente. Em resposta, esfrego a bochecha na sua pele.

– O que fez você pegar pra ler?

– Uma amiga recomendou. Falou que talvez eu fosse gostar. E que talvez me ajudasse.

– Ajudasse você.

– A processar meus... sentimentos.

– Ah.

Ergo a cabeça, apoiando o queixo na mão. Sinto um peso no peito quando tento imaginar o que se passou na cabeça de Jesse nos últimos anos. Sei que ele não ficou por aí suspirando por mim – ele tinha namoradas, amigos e colegas que o adoram, hobbies, interesses e vitórias profissionais –, mas não consigo não lamentar o mal-entendido da coisa toda.

– Você falou pra ela sobre...?

– Não os detalhes. Só que tinha uma pessoa de quem eu gostava fazia um tempo. Que eu não estava na posição de tentar alguma coisa, e que só o que eu podia fazer era... esperar até que passasse. – Ele dá um sorrisinho fraco. – Ela tinha lido os livros no começo da adolescência e amou. Me recomendou, e eu li todos em menos de uma semana. E, depois de terminar, recomecei na mesma hora.

Assinto.

– A história fica bem diferente depois que a gente sabe. Depois que a gente entende o que a autora tava tentando fazer.

Uma ode ao poder duradouro do amor. Foi isso que Jesse disse outro dia, não foi?

Ele ergue a mão e a passa por todo o comprimento do meu cabelo. Lembro-me do cuidado que ele teve quando desfez minha trança na noite passada. E do

puxão no meu couro cabeludo poucos momentos atrás.

– E você? Quando descobriu os livros?

– Meu pai leu todos pra mim. Eu devia ser um pouco jovem demais pra eles, mas adorei mesmo assim. Até as partes mais sombrias e assustadoras. Meio que deixei a história de lado por uma década e meia. Então, quando eu tava na faculdade e meu pai ficou doente, *eu* li pra ele. E agora... Bom, ele não tá mais aqui. Mas Limerência era uma coisa *nossa*, e como herdei dele meu amor pela série e meu amor por videogames, acho que ele ficaria orgulhoso de saber que a filha pode ser a pessoa a...

Engulo em seco quando sinto uma súbita obstrução na garganta. Levo um momento para me recompor, mas a mão quente de Jesse continua ali, me ancorando.

– É por isso que eu preciso fazer do jeito certo. Precisa ser absolutamente perfeito, mas...

– Mas...?

– Não sei. Andei repensando minhas ideias...

Balanço a cabeça.

– Eu vi suas ideias, Viola. Elas são incríveis.

– Eu sei que são – digo sem arrogância, e então hesito por um instante.

Quarenta e oito horas atrás, eu teria arrancado meus olhos antes de confessar qualquer dúvida a Jesse. Mas hoje ele parece meu aliado mais próximo. Simplesmente não consigo me imaginar escondendo dele qualquer coisa que tenha a ver com Limerência.

– A Aqualuna era a nossa personagem favorita, minha e do meu pai. E quero fazer justiça a ela. Mas as coisas que escrevi até aqui não capturam de fato a essência dela. Estou deixando passar alguma coisa, e não consigo descobrir o que é. – Dou de ombros. E então rio, totalmente consciente de como soa ridícula. – Eu tô pensando demais, né? Sou apegada demais a ela.

Jesse inclina a cabeça no travesseiro.

– Não acho que seja isso, não. Também me sinto protetor em relação a ela. E ao Noham.

Dou um sorriso.

– Que fofo da sua parte fingir que eu não sou uma esquisitona.

– Às ordens.

Dou um beliscão de leve nele em retaliação, mas a conversa me faz pensar em algo que eu teria considerado mais cedo se não estivesse ocupada enfiando mais ou menos o equivalente a um ano de sexo em dois dias: a proposta de Jesse de

fazer de Noham um personagem jogável.

Ou, mais precisamente, a reação que tive à ideia.

Não acredito que nunca pensei nisso. Não que eu fosse ousar excluir Noham por completo – Mike e Otto são *inacreditáveis* –, mas estou começando a me perguntar se, na minha busca obsessiva pela verdadeira Aqualuna, eu...

– Sabe, acho que andei sendo negligente com ele – digo a Jesse, de repente séria.

Ele entende na hora a quem estou me referindo.

– O Noham?

Assinto enquanto repasso meus motivos.

– O lance é que o amor do Noham e da Aqualuna parece tão... tão lindo, e potente, mas também condenado. O que de fato é. *Literalmente* amaldiçoado. E o fim da saga é doloroso. Saber que tudo que o Noham e a Aqualuna passaram juntos culmina em tristeza é *doloroso*.

Estou falando comigo mesma e também com Jesse, examinando um emaranhado de ideias e possibilidades.

– E, como eu amo a Aqualuna demais, como quero que ela seja feliz por mais do que só alguns minutos, como é inevitável a conclusão de que a perda do Noham vai partir o coração dela, eu... joguei o Noham pra escanteio. Como se, ao reduzir o papel dele na vida da Aqualuna, eu pudesse diminuir o sofrimento dela. Mas a receptividade ao amor da Aqualuna é uma parte muito importante da personalidade dela. Se eu tirar *isso*... É. É isso. É por isso que ela não estava indo a lugar algum. Era isso que tava faltando.

Jesse me olha como se entendesse. E isso me faz querer beijá-lo ainda mais.

– Sabe, talvez o que a gente devesse fazer seja...

Uma batida na porta nos assusta. Trocamos um olhar demorado e silencioso. Então Jesse se levanta da cama para vestir a calça do pijama xadrez e atender a porta enquanto me enfió debaixo das cobertas e me encolho o máximo que consigo.

– Oi. – Debaixo do edredom, ouço a voz abafada de Mike. – Você tá doente ou algo assim?

– Não.

– Ah. Parece que você acabou de levantar.

– E levantei. Dormi até agora.

– Maneiro. Você ainda tá de boa para dirigir o seu carro na volta, certo?

– Claro.

– Ótimo. Então, as estradas estão boas, pelo menos se a gente for devagar.

Nossa intenção é sair às cinco.

Uma pausa.

– Beleza.

– Valeu, cara. E, ah, você viu a Viola?

Jesse nem vacila.

– Ela não tá no quarto dela?

Estou começando a me dar conta de que ele domina a arte de se esquivar e não responder diretamente a perguntas.

– Não. Talvez ela tenha ido dar uma volta ou algo assim. Vou mandar uma mensagem pra ela. Até mais tarde.

Ouçõ a porta se fechando. Alguns segundos depois, o colchão afunda ao meu lado. Saio do emaranhado de lençóis e edredom, me sentando enquanto Jesse me olha em silêncio.

– Curti muito sua performance de “calombo disforme” – diz ele, tirando o cabelo do meu rosto.

– Valeu. A ideia é levar logo pra Broadway. – Eu me obrigo a sorrir, mesmo que minhas bochechas se oponham. – Então acho que *vamos* pra casa hoje, no fim das contas.

Jesse assente. Ele parece... é.

Exatamente como me sinto.

É ridículo que a perspectiva de voltar para o meu apartamento silencioso e vazio pese no meu estômago como uma bola de ferro. E não é que eu ache que isso entre nós vá acabar quando voltarmos para casa, ou que Jesse vá sumir assim que chegarmos a Seattle. Eu o conheço bem. Mas nos últimos dois dias ficamos só nós dois, suspensos, isolados da realidade, e agora...

Bom, mudar faz parte da vida e toda essa babaquice.

– Acho que isso significa que preciso ir fazer as malas – digo, remexendo num cantinho do lençol.

Jesse assente de novo.

– E você também precisa fazer as suas. – Empurro os cobertores. – Vou te deixar em paz pra você poder...

Sua mão no meu pulso me puxa de volta para ele. Jesse engole o que restou dessa frase com um beijo – e continua me beijando, me beijando e me *beijando* sem parar, até que me obrigo a me contorcer para sair do seu abraço, mesmo que isso pese no meu coração e faça os meus olhos pinicarem.

Capítulo 17



A viagem de volta para Seattle parece uma versão invertida da viagem até a pousada.

Olho de relance para Otto e vejo que ele *dá* uma olhadinha no Grindr, mas sem interesse e só uma vez. Na maior parte do tempo, ele lê as notícias, joga *Flappy Bird* (sem som) ou digita algo no aplicativo de anotações, uma palavra aqui, duas ali. Quem sabe seja um poema de amor sobre o cotovelo de Mike. Ele até inicia diversas conversas comigo sobre vários assuntos, e não parece infeliz durante nenhuma delas.

No banco da frente, Ashley apaga meia hora depois do começo da viagem e fica roncando baixinho e murmurando algo sobre coalas e clamídia durante o sono, o que me faz soltar risadinhas sem parar.

Jesse dirige, quieto, pensativo e bonito.

Contornei esse maxilar pelo menos dezenas de vezes, penso, observando o perfil dele.

Aquela marquinha vermelha na base do seu pescoço? Eu que deixei ali.

É uma marca. Significa que ele é meu.

Eu me recosto no assento e olho para as suas mãos, que fazem o volante parecer minúsculo. Me sinto satisfeita e aconchegada. Quando uma música que eu gosto começa a tocar no rádio, ele aumenta o volume um pouquinho.

Sorrio e fecho os olhos.



Já é noite quando chegamos ao estacionamento da empresa. Meu telefone morreu faz tempo, mas o relógio no painel do carro marca 21h37, e tenho bons motivos para desconfiar de que, ao contrário de mim, Jesse é uma pessoa responsável que de fato ajustou o relógio quando o horário de verão acabou.

Somos o último grupo a chegar: sem dúvida porque pedi para fazer uma parada para ir ao banheiro. Ashley não acordou na parada, Otto murmurou algo sobre tratamentos farmacêuticos para incontinência urinária que não faziam sentido algum, e Jesse parou no estacionamento do posto de gasolina e entrou na loja de conveniência comigo para comprar uma xícara de café preto para si e um pacote de balinhas suecas para mim. Enfio o que restou no bolso do casaco e saio para o frio congelante.

Meu carro está onde o deixei há quatro dias, ainda meio surrado e bem sujo. O céu está limpo, mas tem alguns centímetros de gelo branco grudados no teto e nos vidros – sinal de que também deve ter nevado na cidade. Abro o porta-malas para Jesse colocar minha bagagem e limpo o para-brisa da melhor forma que dá. Eu me recosto na porta do motorista, pensando se Ethan vai precisar de uma carona, já que moramos no mesmo condomínio.

Então vejo Mike vindo na minha direção.

- A StarPlay ligou enquanto a gente tava voltando – começa ele sem rodeios.
- Eles querem saber se a gente acha que consegue trabalhar com a Nephilim.

Meu coração pula uma batida.

- E você respondeu que...
- Que o retiro foi um enorme sucesso, e que estamos convictos de que uma parceria não só é possível, como também vai ser muito produtiva. – Ele dá tapinhas no meu ombro enquanto ainda estou tentando assimilar suas palavras.
- Você e o Jesse vão ser os designers-chefes de *Limerência 3*. Parabéns, Viola. Sei o quanto isso significa pra você, então quis que você fosse a primeira a saber. Vou contar pro resto da equipe semana que vem.

Eu o vejo se afastar, sua silhueta borrada pelas minhas lágrimas. *Pai, penso. Eu vou fazer um trabalho muito incrível.*

À minha volta, funcionários da Nephilim e da FlyButter estão se despedindo. Ethan conversa com Shannon. Ashley dá risada com Kai. A poucos metros dela, Jesse parece ocupado: primeiro discutindo algo relacionado a trabalho com Otto e Manny, depois conversando com Mike sobre alguma coisa que faz os dois sorrirem e, na sequência, ajudando Clara a descobrir por que o carro dela não quer pegar. Tento não ficar encarando muito e me limito a lançar olhares furtivos. Não quero ir embora sem me despedir dele. Não quero ir embora sem

ele.

Jesse também ia odiar se eu desaparecesse. E o mais engraçado é que, entre todas as coisas que fizemos, não passou pela nossa cabeça pedir o número um do outro. Não tenho nem o e-mail dele. Acho que posso pegar com Mike, ou o noivo da minha prima, mas...

– Viola! – Ethan vem trotando até mim e baixa a voz: – Na verdade, hoje eu vou pra casa de, hã, alguém. Então não preciso de carona.

Dou um sorriso. Em um sussurro teatral, respondo:

– Beleza.

– Te vejo no trabalho, ok?

– Claro. Divirta-se com a *não* Shannon.

Ele me dá um joinha e se afasta. Olho para ele e balanço a cabeça, fazendo uma anotação mental para lembrar dessa palhaçada de mistério quando me pedirem para fazer um brinde no casamento deles.

– Tudo certo com o seu carro?

Eu me viro. Jesse está bem atrás de mim, formando uma nuvenzinha branca de ar frio com a respiração. Mais uma vez, sem casaco.

– Precisa de carona?

– Ah, não. Eu tava esperando o Ethan, já que ele mora bem perto de mim. Mas no fim das contas ele vai pra casa da Shannon e não precisa de carona. – Dou de ombros e sorrio. – Quer dar uma surra nele por me trair?

Ele me encara impassível e dou uma risadinha.

– Beleza então – diz Jesse.

Ele aperta os lábios, olhando o estacionamento ao redor. A maioria já foi embora, e os poucos que restam estão entrando nos seus carros. Mila passa por nós, acenando com um sorriso cansado. Otto vem depois e, se acha que não vemos Mike no banco do passageiro, está iludido. Sigo seu Tesla com o olhar, balançando a cabeça para a placa personalizada 8OTTO8.

– Sabia que eu não tenho seu número? – comento com Jesse. – E que o meu celular morreu, então não posso nem salvar seu contato agora?

– Merda. Deixa eu anotar pra você.

Jesse aponta vagamente na direção do próprio carro e se vira nos calcanhares, dando uma corridinha. Ele volta pouco depois e me entrega um pedaço de papel que aceito na hora.

– Aliás – digo –, sendo totalmente transparente, pra ter certeza de que estamos na mesma página... o que eu falei na pousada sobre amar seu jogo... é tudo verdade. *A Lâmina de Zephyr* com certeza tá no meu top três. E... mal posso

esperar pra trabalhar em *Limerência 3* com você.

Ele contorce os lábios.

– Eu também falei sério.

Inclino a cabeça de lado.

– Falou sério sobre o quê?

– Sobre o que *eu* disse. Na pousada.

Ele falou muitas coisas. Ainda assim, perguntar a qual delas ele está se referindo seria desonesto da minha parte.

– Falou?

Ele assente, e sua expressão está aberta e desarmada de um jeito que agora me é tão familiar quanto o cheiro da sua pele.

– Sobre a Aqualuna e o Noham. E sobre o que você disse hoje mais cedo.

Assinto para que ele continue, curiosa.

– Eu entendo. Não querer configurar os personagens para uma decepção amorosa inevitável. O quanto o final da saga é doloroso. Então eu tava pensando que...

– Que, quando a gente desenvolver o jogo, devia escrever um enredo, só um, em que os personagens conseguem quebrar a maldição e ficar juntos no fim?

Ele arregala os olhos.

– Eu... Era exatamente o que eu ia falar. Como você sabia?

Dou um sorrisinho enquanto olho o estacionamento agora vazio e as ruas ao redor. Está tarde, quase não tem mais trânsito, e preciso recapitular para ter certeza de que estou no dia certo.

Sexta à noite. Isso significa que temos o fim de semana pela frente. Mas nem a segunda-feira parece ruim. Não mesmo. Não agora que sei com quem vou trabalhar.

Olho para o pedaço de papel dobrado na minha mão, abro-o e franzo a testa.

– Esse não é o seu número.

– É o meu endereço – diz ele, sem acanhamento algum. – Você não precisa do meu número, Viola. Não por um tempo. Não se me deixar te manter tão perto quanto eu quero.

Baixo a cabeça, rindo quietinha, e penso: *A porra do Jesse Andrews. Vou ficar caidinha de amores por você num piscar de olhos. É bom que você esteja bem ali do meu lado.*

Então chego perto dele. Apoio a testa no seu peito. E, quando seus braços se fecham à minha volta, apenas digo:

– Vamos no seu carro.



*Veja a primeira vez que
Jesse e Viola se encontram
neste capítulo bônus especial!*

Capítulo Bônus



Ela é a pessoa certa.

Ela é a pessoa certa, e sei isso logo de cara.

Ela pode não ter muita experiência – e quem é que tem, aos 20 e poucos anos? – e, mesmo assim, já no primeiro clique pude ver o talento bruto. Seu portfólio não é lapidado, mas é criativo e interessante como o de nenhum outro candidato. Nada muito extravagante, mas me perco na apresentação de um jogo de quebra-cabeça narrativo com uma mecânica tão singular que não consigo entender os elementos mais básicos por trás dele. Há algumas amostras de design de fases que eu gostaria que as pessoas com quem trabalho hoje tivessem a capacidade de produzir; e também há alguns personagens originais com diálogos autênticos e surpreendentes, e gamas infinitas de ideias.

Ela é a pessoa certa para contratarmos e, durante quase uma hora, fico imerso no ciclo atemporal da mente maravilhosa, diferente e jovem que criou tudo isso. O som de uma notificação me desperta e percebo, com um quê de constrangimento, que o meu nariz está a menos de um centímetro do monitor.

Como sempre, muito maneiro, Andrews.

Endireito a postura e abro o Slack da empresa. É uma mensagem do meu chefe.

KEVIN: Conseguiu dar uma olhada nesse lote de candidaturas para a vaga de desenvolvedor júnior?

JESSE: Acabei de olhar.

KEVIN: Devemos chamar os números 2, 17 e 35. Concorda?

Dou uma olhada na lista. Nenhum dos candidatos que Kevin mencionou chamou minha atenção, mas não é surpresa, já que prezo por criatividade e originalidade, e ele curte... sei lá o quê, e a esta altura é tarde demais para perguntar.

Ainda assim, fico feliz em concordar. Não vou discutir sobre isso com ele – não quando tenho meu próprio pedido para fazer.

JESSE: Claro. E o número 12.

KEVIN: 12... Me lembre, qual era o nome dele?

Eu me dou conta de que não faço a menor ideia. Preciso sair da demo e ir até a seção “Sobre mim” do portfólio, que infelizmente é mais escassa do que eu gostaria. Viola Bowen. Naturalidade: Seattle. Ótima formação acadêmica, ótimos estágios. Uma frase interessante sobre adaptações de livros para jogos que me faz querer saber a opinião dela sobre esse tema. Há uma foto dela que foi obviamente tirada por um usuário de iPhone: uma mulher de cabelo castanho, braços cruzados em frente a um fundo neutro. Ela parece jovem, provavelmente porque é. Não está sorrindo muito. Bonita de um jeito que, não tenho a menor dúvida, não lhe traz muitos benefícios nesta indústria.

Dela, mando para Kevin, tentando engolir em seco a irritação que sempre me sobe pela garganta quando ele me lembra do quanto é escroto.

KEVIN: ?

JESSE: Não é o nome dele. É dela. E é Viola Bowen.

KEVIN: Ah.

KEVIN: Não sei, não.

JESSE: ?

KEVIN: Não temos funcionárias mulheres na área criativa. Será que é uma boa ideia trazer uma? Ela provavelmente ia se sentir sozinha, ou em menor número, ou algo assim. Parece mais que estamos caçando um problema.

Esfrego o rosto, agoniado pelo devaneio absurdamente prazeroso de tirar um print dessa conversa e usá-lo como papel de parede do escritório do RH. Aí lembro que não temos a porra de um departamento de RH. Em nenhum

universo eu deveria ser o responsável por analisar currículos – eu gostaria de passar meu tempo criando jogos, não discutindo novas contratações. Mas somos um estúdio pequeno. O mais importante: somos um estúdio extremamente mal gerenciado. Porque somos gerenciados por Kevin, que, assim como muitos outros homens na indústria de jogos, é um idiota incompetente que passou a última década fracassando e subindo na vida mesmo assim.

JESSE: Kevin, por favor, releia o que escreveu e me diga que você entende por que é problemático.

KEVIN: Tá.

Quase consigo ouvir o suspiro dele. Tenho certeza de que não é tão profundo quanto o meu.

KEVIN: Claro, podemos trazer a garota se você quiser.

Eu quero, sim. Na verdade, estou animado com isso. Marcamos a entrevista para a semana seguinte e passo boa parte desse período ansioso, meio animado por finalmente conhecê-la, meio com medo de que ela seja contratada por uma empresa menos merda nesse meio-tempo. E se ela começar a procurar fora de Seattle? Mesmo que ela fique, sei com certeza que a FlyButter está contratando ou está prestes a abrir uma vaga. Será que já publicaram o anúncio? Mike é significativamente mais sensato que Kevin. Ela ficaria bem melhor lá.

Ainda assim, quando mando um e-mail para Viola, ela parece encantada com a perspectiva de uma entrevista presencial. Clico no seu portfólio mais vezes do que o necessário para ter uma boa ideia do conjunto de habilidades de uma desenvolvedora júnior, mas não consigo me conter. Eu adoraria falar com ela sobre um detalhezinho no design de um dos seus personagens. Quais jogos ela jogava quando era criança? O que a motivou a criar os próprios? *Preciso* saber mais sobre as adaptações de livros que ela mencionou.

Aqui trabalhamos principalmente com o lance de combate, e eu gosto disso – tá bem, eu *adoro* –, mas até eu tenho que admitir: nossos últimos trabalhos foram repetitivos e chatos. Uma mente nova e brilhante pode ser exatamente do que o estúdio precisa. Se alguém como ela – Viola, Viola Bowen – entrasse para a equipe, talvez eu não precisasse ficar me convencendo a não pedir demissão toda semana. Sim. Isso poderia dar certo.

Resumindo: minhas expectativas em relação a ela são altas. Ainda assim, quando chega a manhã da entrevista, ela as supera em todos os sentidos

possíveis. Alguns deles, talvez não muito bons.

Ela chega na hora marcada e fica na entrada da sala de reunião. Estou ocupado limpando meus óculos na bainha da camisa, logo, a princípio, não consigo distinguir muito mais do que uma silhueta torneada de cabelos escuros. Então coloco os óculos de novo, e minha compostura *desaba*.

Ela não é bonita. Ou talvez seja, mas ela também é *mais*. A garota mais linda que já tive o privilégio de ver. Ela é... esplendorosa. Irresistível. Única. A princesa por quem o guerreiro escolhido avança pelas fases derrotando guardas, escapando de masmorras, incansavelmente superando a morte. Não, melhor do que isso: a princesa que fica ao lado do guerreiro e mata feras aladas de presas afiadas para ajudá-lo a abrir caminho e sair da fortaleza. É. Me agrada bem mais.

Se alguém me pedisse para explicar o motivo, eu não saberia dizer *o que* tem de tão impactante nela. Mas não diminui a força da atração que ela causa em mim. Só consigo encará-la e sentir a sensação de que está bem *ali*, no ar ao redor dela – uma impressão gestáltica de perfeição que deveria ser perigosa demais para existir de verdade.

São nove da manhã, e posso estar fodido para o resto da minha vida.

Ela vem na nossa direção, e desperto de repente. Por reflexo, sem saber direito o que estou fazendo, eu me levanto e aperto sua mão pequena e fria. O processo todo não leva mais do que alguns segundos, mas é o suficiente para eu escrever um filme inteiro sobre como poderia ser o resto da nossa vida juntos, completo com uma montagem de treinamento. Vejo encontros em restaurantes de lámen ao lado de lojas de quadrinhos, campanhas épicas em jogos de tabuleiro, emojis de coração discretamente enviados em mensagens diretas do Discord; vejo discussões acaloradas sobre com quem deveríamos estar envolvidos romanticamente em *Baldur's Gate 3*, noites sonolentas abraçados, assistindo *streamers* diferentes juntos, um primeiro aniversário comemorado com um fone de ouvido ridiculamente caro de presente.

Não tenho tempo para imaginar mais nada, e porra, ainda bem. Volto a me sentar ao lado de Kevin, certo de que devo estar tendo um daqueles derrames transitórios que não são grande coisa, mas, mesmo assim, embaralham o cérebro. Em geral, sou muito mais centrado do que isso. Sou controlado. Não fico brincando de casinha na cabeça com futuras colegas.

Mesmo que Viola não venha a ser uma. Com poucos minutos de entrevista, já sei disso. Assim que minha capacidade de prestar atenção não está mais impactada com a pintinha na bochecha dela e o timbre rouco da sua voz, fica óbvio que Viola Bowen *não* vai trabalhar comigo tão cedo.

Porque Kevin, como sempre, está fazendo merda.

Eu o ouço insinuar fortemente que nosso estúdio talvez seja *másculo* demais para ela, e meu cérebro dispara um alarme. Então o ouço dizer a mesma coisa com todas as letras, e o resto acontece muito rápido: o olhar de desprezo de Viola, meu alerta cortante para Kevin de que ser um babaca não deveria ser seu modo-padrão.

Tudo o que quero é salvar esta entrevista. Estou pronto para me ajoelhar e pedir desculpas em nome desse escroto. Oferecer os testículos dele em uma bandeja de PS5 como uma oferta de boa vontade. Jurar a Viola que, se ela aceitar o cargo, vou garantir pessoalmente que ela nunca mais precise interagir com ele – aliás, e se eu ficar por perto o tempo todo, só para que a transição seja mais tranquila? Eu poderia ser o guarda-costas pessoal dela. Protegê-la dessa merda. Parece uma ótima descrição de trabalho.

Mas é tarde demais. Viola já saiu porta afora.

– Você é imprestável, Kevin – digo.

Vou atrás dela antes de ouvir a resposta dele, correndo pelo saguão para alcançá-la.

Mais devagar, digo a mim mesmo. *Devagar*. Ninguém gosta de ser assediado e perseguido num intervalo de trinta segundos. Mas estou com tanto medo de que ela desapareça na névoa de Seattle que simplesmente não consigo me controlar, não até estar diante dela. Com a parte esquerda do cérebro, estou redigindo minha carta de demissão, mencionando a incompetência de Kevin a cada duas linhas. Com a direita...

Qual parte do cérebro se apaixona à primeira vista?

– Ei... ei. – Bloqueio o caminho dela com o corpo. Quando ela ergue os olhos para encontrar os meus, sou atingido por eletricidade. – Você tá bem?

Ela solta uma risada pelo nariz.

– Era pra estar?

– Não. Com certeza não era.

– Que bom. Porque o seu chefe é um merda.

– Ah, eu sei.

Observo sua boca séria. O vinco entre suas sobrancelhas. Suas olheiras escuras me dizem que ela não dormiu muito. Suas roupas estão amassadas, e ela aperta a têmpora com a mão espalmada, como se tentasse se livrar de uma dor de cabeça. Ela parece estar passando por uma fase difícil.

Mesmo assim, dou um passo para trás. Porque eis um fato: embora Viola Bowen seja mais jovem, menos experiente e visivelmente desganhada, me sinto

meio intimidado por ela.

Estamos no território da garota dos sonhos aqui.

– O Kevin é horrível, e você com certeza tem todo o direito de dizer isso.

– É, bom, infelizmente ele também tem a chave pro emprego dos meus sonhos, então...

O tom de derrota na voz dela me deprime tanto que o que sai da minha boca é autossabotagem pura.

– Não, ele não tem.

– Como é?

– Você é melhor do que esse emprego, Viola.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– De que jeito?

– Eu vi o seu portfólio. – Engulo em seco. – Há outros estúdios. E eles seriam muito mais adequados pra você.

Pela primeira vez desde que Viola chegou para a entrevista, ela me olha com um lampejo de interesse. De repente, faço parte do mundo dela, uma parte cuja existência está sendo reconhecida e avaliada. Quero tanto que ela me ache digno que meu coração acelera.

– Mas estão contratando? – Viola inclina a cabeça para o lado, e talvez eu esteja vivendo uma experiência religiosa. – Esses outros estúdios?

– Vão estar. Em breve.

– Qual?

A atenção que ela me dá é atordoante. Viciante. Deve ser por isso que não sinto nenhuma dor quando dou um tiro no meu próprio pé e conto para Viola sobre a FlyButter e, em seguida, dou a ela algumas dicas para enriquecer o portfólio e chamar a atenção de Mike. Tento manter distância, não encarar demais. Ela parece exausta. Ela *está* exausta, a julgar pelo jeito como seu rosto se contorce em um bocejo imenso. Ela não precisa que eu fique em cima dela.

– Desculpa! Tô muito cansada hoje... não acredito que fiquei acordada até tão tarde pra me preparar pra impressionar esse babaca.

– Não se preocupa com isso – digo.

E o resto sai como uma catástrofe natural, no pior momento, no pior lugar. Não há nada que eu possa fazer para me impedir quando me ouço perguntar:

– Quer tomar um café?

Eu não diria que sou bom nisso, mas já chamei um número suficiente de garotas para sair, então fico mortificado com o modo como minhas palavras soam. É a maneira como a pergunta sai, rápida demais e totalmente fora de

contexto. Escandalosamente inadequada. Constrangedora. É só que... a voz dela, o jeito como ela gesticula e se expressa, a gola da camisa que cai meio desalinhada... Talvez ela seja a coisa mais convidativa que já vi, e eu consigo imaginar: ela, nós, conversando por horas sobre os próximos passos dela, sobre os Kevins da vida, sobre o que torna uma campanha de D&D bem-sucedida, sobre absolutamente nada, e...

– Ah, não. Não se preocupa. Não vou dormir ao volante. Porque ainda não consigo comprar um carro.

Ela sorri pela primeira vez, e fico cego. Quase sou derrubado. A onda que isso traz é uma parada muito, *muito* boa – até que registro o significado das suas palavras.

– Ah.

A rejeição me atinge quase fisicamente, mas consigo não baquear e mantenho a expressão neutra. Claro que *não*. Em que merda eu estava pensando ao chamá-la para sair depois do show de horrores que acabou de acontecer?

Mas é que eu não estava pensando. Estava ocupado demais *desejando*.

– Me desculpa. Preciso me desculpar por...

– Imagina. A menos que você seja ventríloquo e o Kevin seja secretamente um boneco, a culpa não é sua.

Tenho certeza de que ela não entende pelo que estou me desculando. Mas aí ela continua, dizendo que a merda que aconteceu hoje de manhã nem é a pior coisa que ela já passou por causa dos homens da nossa área e, quanto mais ela fala, mais parece um aviso para eu manter distância dela – um aviso que *eu* obviamente mereço.

Ainda assim, um *Se mudar de ideia* está na ponta da língua.

Nem sei direito o que estou oferecendo. *Se mudar de ideia, aquele café ainda está de pé. Se mudar de ideia, é só falar. Se mudar de ideia, provavelmente vou largar tudo. É só estalar os dedos, simples assim.*

Mas nada disso é o que eu deveria responder. Então me conformo, alguns minutos depois, em repetir o “*Te vejo por aí*” dela. Vejo Viola indo embora pelo saguão, balançando o cabelo com confiança e esperança renovadas, acenando para mim através da porta de vidro e correndo para atravessar a rua enquanto o sinal ainda está aberto. Engulo em seco minha decepção e respiro fundo.

Beleza. Talvez Viola *não seja* a pessoa certa.

Mesmo que, por um tempo, realmente tenha parecido que ela pudesse ser.

Agradecimentos

Sou muito grata à minha equipe do Spotify (Henna Silvennoinen, Bethany Strout, Colleen Prendergast, Rinn Kraus, Leah Kleynhans, Jeffrey Jordan, Christopher Sutton, Taylor Barnes, Jessica Dugan, Kate Dilyard e Chantelle Young), à minha equipe da Berkley (Sarah Blumenstock, Liz Sellers, Cindy Hwang, Vikki Chu, Daniel Brount, Jennifer Myers, Christine Legon, Bridget O'Toole, Kim-Salina I, Kristin Cipolla, Tawanna Sullivan e Christine Ball) e também a Kelsey Navarro Foster, por narrar o audiolivro original. Como sempre, um milhão de agradecimentos a lilithsaur, pela capa mais linda do mundo, e a Thao, pelo melhor agenciamento possível. Um agradecimento especial a Shep, pela consultoria de jogos, a S., pela consultoria extra de jogos, e a Jessica Story-Johnson e seu marido, pela troca de ideias em Belmont, que foi superútil.

Sobre a autora



ALI HAZELWOOD é a autora de sucesso de *A hipótese do amor*, *A razão do amor*, *Odeio te amar*, *Amor, teoricamente*, *Xeque-mate*, *Não é amor*, *No fundo é amor*, *Um amor problemático de verão*, *Uma noite de inverno com você*, *Noiva* e *Parceira*.

Nascida na Itália, ela morou na Alemanha e no Japão antes de se mudar para os Estados Unidos. Quando não está no trabalho, Ali pode ser encontrada correndo, fazendo crochê, comendo doces ou assistindo a filmes de ficção científica com seus dois soberanos felinos (e o marido um pouco menos felino).

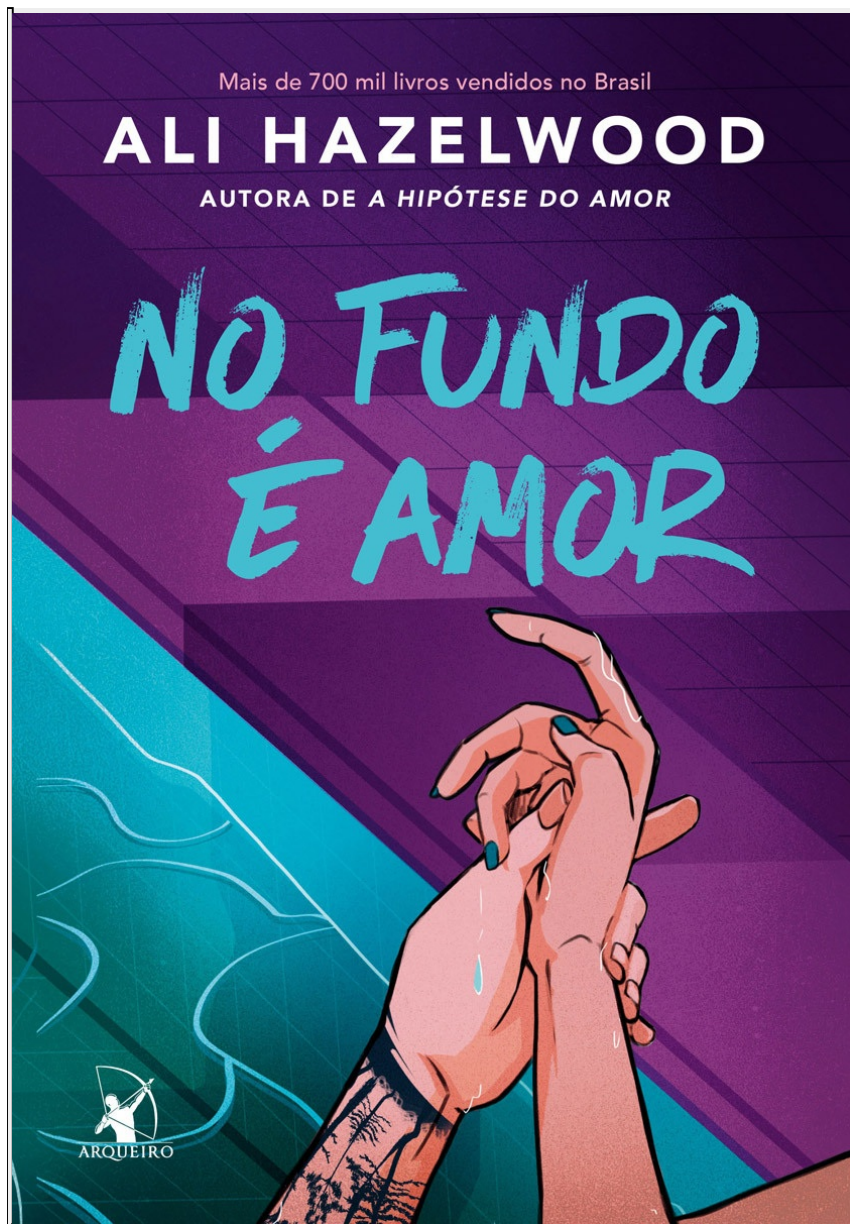
 alihazelwood.com

 [@alihazelwood](https://www.instagram.com/alihazelwood)

 [@alihazelwood](https://www.tiktok.com/@alihazelwood)

 [@alihazelwood](https://www.facebook.com/alihazelwood)

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA AUTORA



No fundo é amor

Ali Hazelwood

Scarlett Vandermeer está nadando contra a corrente, tentando equilibrar os estudos com a rotina de atleta. Concentrada em passar para a faculdade de medicina e se recuperar da lesão que quase deu fim à sua carreira nos saltos ornamentais, ela prefere levar uma vida discreta. Não tem tempo para relacionamentos. Ou pelo menos é o que diz para si mesma.

Garoto de ouro da natação, Lukas Blomqvist   capitão da equipe da universidade e campeão mundial, e conquistou tudo isso com muita disciplina. É assim que ele consegue medalhas e quebra recordes: com foco total a cada braçada.

Na superfície, Lukas e Scarlett não têm nada em comum. Até que um segredo vem à tona, e tudo muda.

Então eles fazem um acordo: ter um casinho temporário, que satisfaça as necessidades de ambos e alivie um pouco o estresse pr -Olimpíadas. No entanto, quando se torna cada vez mais difícil ficar longe de Lukas, Scarlett percebe que seu cora o talvez esteja adentrando águas perigosas.

[Clique aqui para ver na loja](#)



Um amor problemático de verão

Ali Hazelwood

Maya Killgore tem 23 anos e ainda está descobrindo o que quer da vida.

Conor Harkness tem 38, e Maya não consegue parar de pensar nele.

É um clichê tão grande que o coração dela quase não aguenta: homem mais velho e mulher mais nova, empresário rico e estudante falida, melhor amigo do irmão e a garota na qual ele nunca reparou.

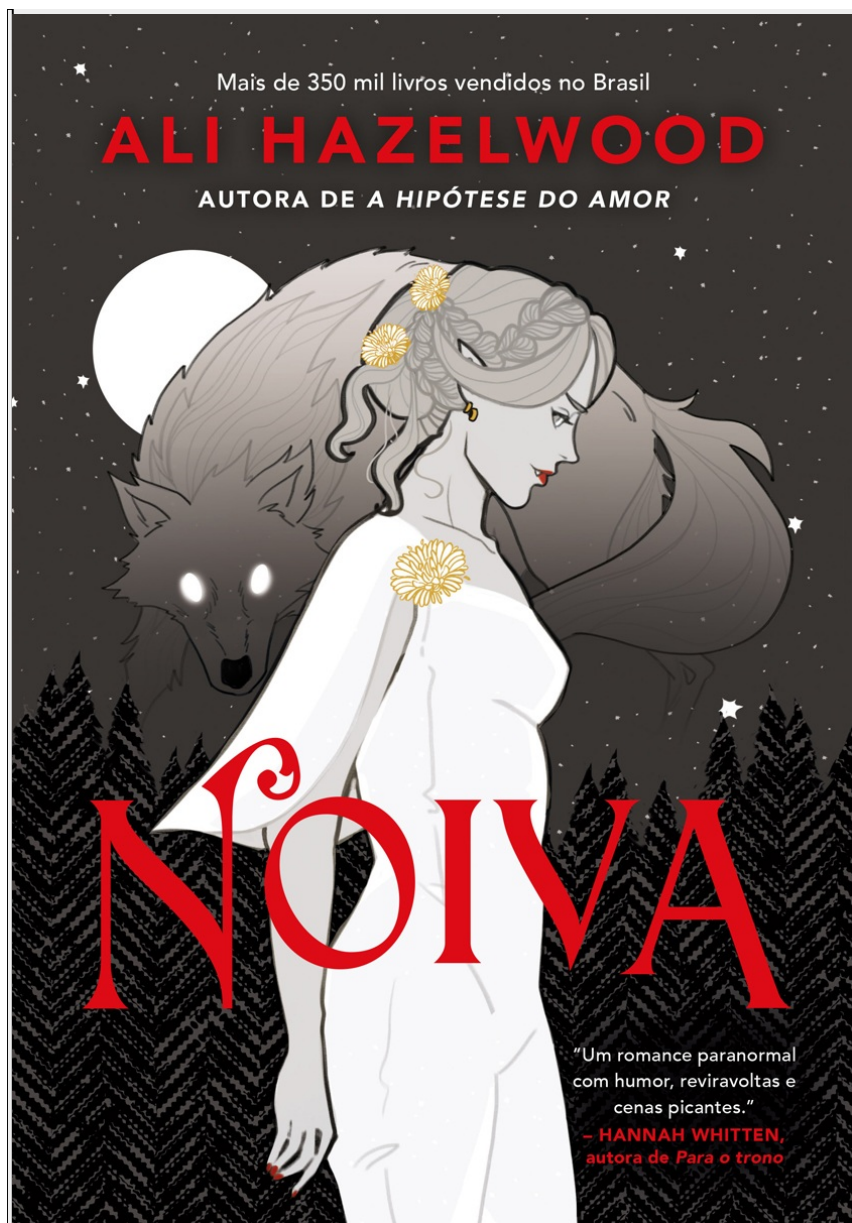
Como Conor adora relembrar, a dinâmica de poder entre eles é totalmente desequilibrada. Qualquer relação entre os dois seria muito problemática e Maya precisa superá-lo. Afinal, Conor já deixou claro que não a quer em sua vida.

Mas nem tudo é o que parece... e clichês às vezes sofrem reviravoltas.

Quando o irmão de Maya decide se casar na Itália, ela e Conor são forçados a passar uma semana juntos em uma charmosa villa siciliana. À beira da praia, em meio a antigas ruínas, comidas maravilhosas e cavernas naturais, Maya percebe que talvez Conor esteja escondendo alguma coisa.

Em meio aos caóticos preparativos para o casamento, ela decide que um romance de verão pode ser justamente o que precisa... mesmo que seja problemático.

[Clique aqui para ver na loja](#)



Noiva

Ali Hazelwood

Misery Lark, filha do vampiro mais poderoso do sudoeste, nunca foi bem-vista pelos seres de sua espécie. Ela passa seus dias anonimamente em meio aos humanos, isolada, até que é chamada para firmar um acordo de paz entre vampiros e licanos, seus inimigos mortais. Para isso, será obrigada a se casar com Lowe Moreland.

Licanos são lobisomens cruéis e imprevisíveis, e o alfa do bando, Lowe, não é exceção. Ele governa o grupo com autoridade absoluta, mas também com justiça. Pela forma como acompanha cada passo de Misery, fica claro que não confia nela. E ele não poderia estar mais certo...

A vampira tem as próprias razões para concordar com o casamento arranjado, razões que nada têm a ver com política ou alianças, mas tudo a ver com a coisa que ela mais preza no mundo.

Misery está disposta a fazer o que for necessário para recuperar o que é seu, mesmo que precise viver sozinha em território licano. Ela só não esperava se sentir atraída por seu inimigo... e ainda ser correspondida.

Em *Noiva*, Ali Hazelwood mais uma vez brinda o leitor com diálogos divertidos e cenas apaixonantes e sexy, mostrando que sabe escrever romances como ninguém.

[Clique aqui para ver na loja](#)

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Tempestades de verão

Sarah MacLean

Há cinco anos Alice foi banida da magnífica ilha particular do pai, o gênio da computação Franklin Storm, na costa de Rhode Island. Desde então, construiu uma reputação independente do sobrenome, da influência e dos bilhões dele.

Mas a morte repentina de Franklin faz com que o retorno de Alice seja inevitável.

O plano dela é manter a cabeça baixa, prestar as últimas homenagens e ir embora logo depois do velório.

Infelizmente seu pai tinha outros planos. O patriarca excêntrico e manipulador deixou para os herdeiros um último desafio, um jogo que vai virar o mundo deles de cabeça para baixo. As regras são: passar uma semana na ilha, completar as tarefas designadas e assim receber a herança.

Mas, para Alice, lidar com os familiares é mais difícil que o jogo em si. Com a irmã mais velha e seu caso de amor secreto, o irmão e sua arrogância implacável, a irmã caçula e seu apreço por elementos esotéricos, a mãe com sua frieza e o olhar implacável de julgamento, as possibilidades de drama estão em cada canto da mansão.

Somando-se a isso tudo o olhar atento e sempre presente de Jack Dean, o braço-direito lindo e misterioso de seu pai, vai ser um milagre se Alice sair da ilha com o coração intacto.

[Clique aqui para ver na loja](#)



Não é uma canção de amor

Julie Soto

Gwen Jackson é uma jovem violinista profissional. Dedicada e responsável, ela vê na arte sua chance de melhorar de vida.

Xander Thorne é o extremo oposto. Violoncelista bonitão com ar rebelde, ele é o astro principal numa banda de sucesso e parece não dar valor a nada que tem.

A única coisa que esses dois têm em comum, além do talento excepcional, é tocarem na mesma orquestra, a Manhattan Pops. Lá, Xander trata todos os integrantes da mesma forma: com total indiferença.

Mas quando Gwen recebe uma oferta para assumir o primeiro violino da Pops – uma ambição antiga de Xander –, a indiferença se transforma em hostilidade... e numa química explosiva, impossível de ignorar.

Apesar da resistência dos dois, a atração fala mais alto e eles não conseguem evitar a paixão que vai nascendo pouco a pouco. Será que esse romance vai sobreviver à rivalidade e à pressão pelo sucesso a todo custo?

[Clique aqui para ver na loja](#)



Aprendendo a fingir

Selina Mae

O maior desejo de Athalia é conquistar o afeto do irmão gêmeo, Henry. Depois da morte de seus pais, Henry se tornou cada vez mais distante e ela já acreditava que seria impossível se reconectar com ele.

Até ser obrigada a ter aulas de monitoria com ninguém menos que Dylan McCarthy, o garoto de ouro do campus – e arqui-inimigo do irmão. Athalia também não é uma grande fã de Dylan, com seus comentários afiados e a pose de sabichão. Nem mesmo o cabelo sedoso, o olhar sonhador e o corpo sarado de jogador de futebol universitário ajudam.

O ponto positivo é que Henry enfim lhe dá toda a atenção que ela quer. O contra é que essa atenção parece estar diretamente ligada a Dylan, pois Henry faz questão de estar presente para defender a irmãzinha de seu maior rival.

Athalia então propõe um acordo a Dylan: os dois vão fingir que estão juntos, com direito a contrato assinado e tudo. Assim Henry continuará por perto e ela vai poder estreitar os laços com ele.

Quanto mais o “casal” encena, porém, mais a linha entre a verdade e a mentira desaparece. E, entre risadas forçadas e encontros fingidos, é quase impossível acreditar que essa paixão não é para valer.

[Clique aqui para ver na loja](#)

JAMIE HARROW

Lance livre

Se o amor é um jogo,
eles estão em quadra para ganhar



Lance livre

Jamie Harrow

Oito anos depois da formatura, Annie Radford não está nada satisfeita em voltar para reassumir seu cargo no time de basquete da faculdade, o Ardwyn Tigers. Pelo menos ela ama basquete.

O problema é que um de seus colegas da época, Ben Callahan, continua na equipe – e ele chega a ser irritante de tão bacana e tão lindo que é. No passado a história entre eles não terminou bem, e agora ele não vai facilitar as coisas, porque até hoje não superou o fato de Annie ter ido embora, abandonando o time no último ano da faculdade.

E conforme a temporada vai ficando mais e mais acirrada, o clima também começa a esquentar entre os dois. Sem dúvida eles poderiam ter algo especial, mas esse romance só pode dar certo se Annie aprender a confiar em Ben e contar a ele por que precisou se afastar do time anos antes.

Engraçado, sensual e cheio de romantismo, *Lance livre* traz um delicioso enredo de rivais que se apaixonam – e também trata de temas sérios, falando da pressão que se coloca sobre os atletas universitários, do machismo no mundo dos esportes e do que costuma acontecer quando comunidades inteiras idolatram homens poderosos.

[Clique aqui para ver na loja](#)

CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor

A razão do amor

Odeio te amar

Amor, teoricamente

Xeque-mate

Noiva

Não é amor

No fundo é amor

Um amor problemático de verão

Parceira

Uma noite de inverno com você (e-book)

Jogo de amor para dois



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

